

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – SETOR LITORAL

NATALI CALDERARI

**FUTEBOL ALÉM DAS QUATRO LINHAS: IDENTIDADE E PERTENCIMENTO NO
RIO BRANCO SPORT CLUB – PARANAGUÁ/PR**

MATINHOS

2017

NATALI CALDERARI

**FUTEBOL ALÉM DAS QUATRO LINHAS: IDENTIDADE E PERTENCIMENTO NO
RIO BRANCO SPORT CLUB – PARANAGUÁ/PR**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Desenvolvimento Territorial Sustentável, no Curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial Sustentável da Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral.

Orientadora: Profa. Dra. Mayra Taiza Sulzbach

MATINHOS

2017

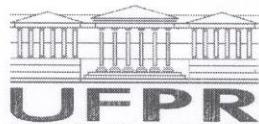
Dados Internacionais de Catalogação na Fonte
Biblioteca da Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral

C146 Calderari, Natali
Futebol além das quatro linhas: identidade e pertencimento no Rio Branco Sport Club – Paranaguá/PR / Natali Calderari; orientadora Mayra Taiza Sulzbach. – 2017. 126f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral, Matinhos/PR, 2017.

1. Futebol – Litoral do Paraná. 2. Esporte – Litoral do Paraná. 3. Rio Branco Sport Club. 4. Litoral do Paraná (Brasil). 5. Desenvolvimento territorial sustentável. I. Dissertação (Mestrado) – Programa do Mestrado em Desenvolvimento Territorial Sustentável. II. Título.

CDD – 796.334

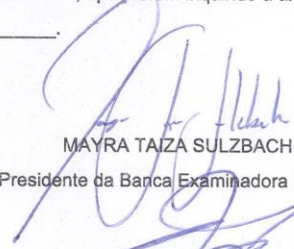


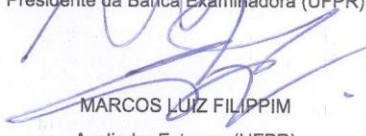
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
Setor LITORAL
Programa de Pós-Graduação DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL SUSTENTÁVEL

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL SUSTENTÁVEL da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de NATALI CALDERARI intitulada: **FUTEBOL ALÉM DAS QUATRO LINHAS: IDENTIDADE E PERTENCIMENTO NO RIO BRANCO SPORT CLUB - PARANAGUÁ/PR**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua aprovação.

MATINHOS, 29 de Março de 2017.


MAYRA TAIZA SULZBACH
Presidente da Banca Examinadora (UFPR)


MARCOS LUIZ FILIPPIM
Avaliador Externo (UFPR)


CINTHIA MARIA DE SENA ABRAHÃO
Avaliador Interno (UFPR)

À Associação Chapecoense de Futebol

AGRADECIMENTOS

À minha treinadora, Mayra Taiza Sulzbach, por todo conhecimento passado e pela compreensão durante toda a campanha no campeonato;

Ao Clube PPGDTS;

Aos conselheiros, professores do PPGDTS;

Aos patrocinadores CAPES e Fundação Araucária;

Ao trio de arbitragem, professores Filippim, Cinthia e Liliani, por aceitarem apitar a final do campeonato;

À comissão técnica, formada por Marcelo, Liliani e Augusto, pelas valiosas contribuições profissionais;

À toda torcida, comandada por mãe, pai, Nicole, Murilo, amigos e colegas do mestrado.

*Futebol se joga no estádio?
Futebol se joga na praia,
futebol se joga na rua,
futebol se joga na alma.*

- Carlos Drummond de Andrade -

RESUMO

A cultura, como o acúmulo de ritos, símbolos e comportamentos é base para a promoção de identidades, estas que, quando afirmadas através de representações e apropriadas pelos indivíduos, resultam em pertencimento local. O futebol como manifestação cultural está envolto por símbolos que expõem identidades e tem nos jogos espaços de representação onde estas estão presentes. O Rio Branco Sport Club é um clube de futebol centenário do município de Paranaguá, este, berço da civilização paranaense. O trabalho tem como objetivo demonstrar que o Rio Branco Sport Club, como espaço de construção coletiva, promove identidade e pertencimento a Paranaguá. Para isso, utiliza-se como metodologia uma pesquisa exploratória, com métodos de estudo de caso interpretativo. Para a coleta de dados foi realizada revisão teórica e bibliográfica, observação participante, pesquisa documental e entrevistas. Foram identificados símbolos genéricos, ligados ao futebol do Rio Branco, e símbolos que possuem relação com o local (Paranaguá). Além desses, foi possível observar relações entre torcedores, dos torcedores com o Clube, dos torcedores com Paranaguá e do Clube com Paranaguá, que refletem fatores culturais envolvendo o Rio Branco, além da promoção de identidades no espaço de representação (Estádio Gigante do Itiberê) e de identificação de grupos que possuem ligação tanto ao Clube quanto ao local. O Rio Branco Sport Club, portanto, promove o pertencimento, clubístico e à Paranaguá, em seus torcedores.

Palavras-Chave: Cultura; Identidade; Pertencimento; Rio Branco Sport Club; Paranaguá

ABSTRACT

The culture, as an accumulation of rites and behaviors is the basis for promotion of identities, These that, when professed through representations and appropriated by individuals, results in belonging feeling. The soccer as cultural manifestation is wrapped by symbols what expose identities and has in the matches, space to representation where these ones belongs. The Rio Branco Sport Club is a centennial soccer club in Paranaguá city, this one, the mother of Paraná's civilization. This doing has as purpose, show that Rio Branco Sport Club, as a space of collective construction, promote identity and the belonging feeling to Paranaguá. For this purpose, exploratory research and the study of interpretative cases was the methodology used, in order to collect data, theoretical and bibliographic revision, Participatory observation, documentary research and interviews. Were identified general symbols, linked to Rio Branco's soccer, and symbols what has relation with the city (Paranaguá) beyond those ones, observe the relation between supporters, between supporters and the Club, between supporters and Paranaguá and between the Club itself and Paranaguá, Which reflect cultural factors involving Rio branco, beyond the promotion of identities in the representing space (Gigante do Itiberê stadium) and identification of groups linked with the Club and the local. The Rio Branco Sport Club, therefore, promote the belonging feeling, with the club and with Paranaguá, in their supporters.

Keywords: Culture; Identity; Belonging; Rio Branco Sport Club; Paranaguá

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 -	BRASÃO DO MUNICÍPIO DE PARANAGUÁ	47
FIGURA 2 -	EVOLUÇÃO DOS EMBLEMAS DO RIO BRANCO	51
FIGURA 3 -	PREPARAÇÃO DA TUCVB ANTES DO INÍCIO DO JOGO	59
FIGURA 4 -	FAIXA DE CONSCIENTIZAÇÃO SOBRE O MOSQUITO AEDES AEGYPTI	60
FIGURA 5 -	TIME DO RIO BRANCO E EQUIPE DE ARBITRAGEM ALINHADA PARA EXECUÇÃO DOS HINOS	61
FIGURA 6 -	TORCEDORA IDOSA SUBINDO NO ALAMBRADO PARA TORCER	62
FIGURA 7 -	FAIXA “ORGULHO MAIOR DE PARANAGUÁ”	64
FIGURA 8 -	FAIXA “RIO BRANCO ETERNO – A PAIXÃO DO LITORAL-PR”	64
FIGURA 9 -	TORCIDA NO ESTÁDIO GIGANTE DO ITIBERÊ	66
FIGURA 10 -	PUBLICAÇÃO DA TUCVB INCENTIVANDO O USO DA CAMISA DO RIO BRANCO	67
FIGURA 11 -	CAMPANHA SOCIAL DE AÇÃO DE DOAÇÃO DE SANGUE DA TUCVB	68
FIGURA 12 -	COMENTÁRIOS DE TORCEDORES DE OUTROS CLUBES EM APOIO AO LEÃO NA PÁGINA DO RIO BRANCO	69
FIGURA 13 -	COMENTÁRIOS DE TORCEDORES DE OUTROS CLUBES EM APOIO AO LEÃO EM PUBLICAÇÃO NA PÁGINA DO PROGRAMA VOZ DO LITORAL	69
FIGURA 14 -	OFENSAS DE TORCEDORES ADVERSÁRIOS AO RIO BRANCO E A PARANAGUÁ NA PÁGINA DO RIO BRANCO	70
FIGURA 15 -	OFENSAS DE TORCEDORES ADVERSÁRIOS AO RIO BRANCO E A PARANAGUÁ EM PUBLICAÇÃO NA PÁGINA DO PROGRAMA VOZ DO LITORAL	70
FIGURA 16 -	COMENTÁRIOS DE PESSOAS QUE NÃO RESIDEM EM PARANAGUÁ NA PÁGINA DO RIO BRANCO	71
FIGURA 17 -	COMENTÁRIO DE INCENTIVO NA CAMPANHA CONTRA A DENGUE EM PUBLICAÇÃO NA PÁGINA DO PROGRAMA	

VOZ DO LITORAL	72
FIGURA 18 - REPORTAGEM DO GLOBO ESPORTE SOBRE A EPIDEMIA DE DENGUE EM PARANAGUÁ	72
FIGURA 19 - COMENTÁRIOS RELACIONADOS A POLÍTICA NO MUNICÍPIO NA PÁGINA DO RIO BRANCO	73
FIGURA 20 - APOIO DA TUCVB AO CANDIDATO A PREFEITO	74
FIGURA 21 - O ORGULHO EM SER RIOBRANQUISTA E PARNANGUARA NA PÁGINA DO RIO BRANCO	75
FIGURA 22 - ORGULHO EM SER RIOBRANQUISTA E PARNANGUARA NA PÁGINA DO PROGRAMA VOZ DO LITORAL	75
FIGURA 23 - COMENTÁRIO RELACIONADO A MEMÓRIA FAMILIAR	76
FIGURA 24 - TRECHO DE MATÉRIA NO GLOBOESPORTE.COM	76
FIGURA 25 - A VOLTA DA ESTRADINHA NA PÁGINA DO RIO BRANCO	77
FIGURA 26 - COMENTÁRIOS DE DESEJO PELO RETORNO DA ESTRADINHA NA PÁGINA DO RIO BRANCO	78
FIGURA 27 - COMENTÁRIOS SOBRE O RETORNO DA ESTRADINHA	79
FIGURA 28 - COMENTÁRIOS SOBRE O RETORNO DA ESTRADINHA NO SITE DO RIO BRANCO	80
FIGURA 29 - COMENTÁRIOS SOBRE O RETORNO DA ESTRADINHA DE TORCEDORES ADVERSÁRIOS NA PÁGINA DO RIO BRANCO ..	80

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - JOGOS DO RIO BRANCO NO CAMPEONATO PARANAENSE, RESULTADO E PÚBLICO PAGANTE NO GIGANTE DO ITIBERÊ EM 2016	57
--	----

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - SÍNTESE DOS RESULTADOS A PARTIR DE CATEGORIAS DE ANÁLISE	104
--	-----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 REFERENCIAL TEÓRICO	16
2.1 SOBRE O CONCEITO DE CULTURA	16
2.2 DA CULTURA À IDENTIDADE	19
2.3 PERTENCIMENTO LOCAL	24
3 REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO	29
3.1 ASPECTOS SOCIAIS DO FUTEBOL	29
3.2 O FUTEBOL COMO PATRIMÔNIO CULTURAL: O CASO DO OPERÁRIO DE PONTA GROSSA	32
3.3 IDENTIDADE E FUTEBOL: MEMÓRIA COLETIVA DO GAMA	35
3.4 PERTENCIMENTO E FUTEBOL: O GRÊMIO DE PORTO ALEGRE/RS	39
4 METODOLOGIA	42
4.1 REVISÃO TEÓRICA E BIBLIOGRÁFICA.....	42
4.2 PESQUISA DE CAMPO.....	43
4.2.1 Observação participante	43
4.2.2 Pesquisa documental	44
4.2.3 Entrevistas	45
4.3 INTERPRETAÇÃO E ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES COLETADAS.....	45
5 PARANAGUÁ E RIO BRANCO SPORT CLUB: LIGAÇÕES HISTÓRICAS	47
5.1 MUNICÍPIO DE PARANAGUÁ.....	47
5.2 O RIO BRANCO SPORT CLUB.....	51
5.3 LIGAÇÕES HISTÓRICAS	55
6 IDENTIFICAÇÃO DAS CATEGORIAS DE ANÁLISE NO RIO BRANCO SPORT CLUB	57
6.1 OBERVAÇÃO DO RIO BRANCO EM CAMPO	57
6.1.1 Rio Branco x Atlético (10/02).....	58
6.1.2 Rio Branco x Londrina (20/02)	60
6.1.3 Rio Branco x Operário (28/02)	61
6.1.4 Rio Branco x Toledo (13/03)	63
6.1.5 Rio Branco x PSTC (20/03).....	65
6.1.6 O Rio Branco no Campeonato Paranaense 2016	65
6.2 O RIO BRANCO NO AMBIENTE VIRTUAL	66

6.2.1 Torcedores de outros clubes.....	68
6.2.2 Ex-moradores de Paranaguá	70
6.2.3 Paranaguá.....	71
6.2.4 O Rio Branco e a política	73
6.2.5 O riobranquista e o parnanguara	74
6.2.6 O Rio Branco de Paranaguá no estado.....	76
6.2.7 O Retorno a Estradinha.....	77
6.3 O RIO BRANCO NA MEMÓRIA DO ATORES.....	80
6.3.1 A história do futebol profissional do Rio Branco Sport Club.....	81
6.3.2 A torcida além do clube e jogo	83
6.3.3 O Rio Branco em Paranaguá	89
6.3.4 Paranaguá ao Rio Branco	91
6.3.5 O além do jogo: o confronto	98
6.3.6 Estradinha, o alçapão.....	101
7 SÍMBOLOS, IDENTIDADE E PERTENCIMENTO NO E A PARTIR DO RIO BRANCO SPORT CLUB	104
7.1 DISCUSSÃO DAS CATEGORIAS DE ANÁLISE	104
7.1.1 Símbolos	105
7.1.2 Identidades com o Rio Branco	106
7.1.3 Pertencimento através do Clube	107
7.2 O RIO BRANCO NA CULTURA.....	110
7.3 A IDENTIDADE RIOBRANQUISTA E PARNANGUARA	111
7.4 PERTENCIMENTO À PARANAGUÁ	112
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	114
REFERÊNCIAS	117
APÊNDICE 1 - ROTEIROS DE ENTREVISTAS	121

1 INTRODUÇÃO

A cultura se expressa em símbolos, ritos e comportamentos que caracterizam grupos sociais e lhes dotam de particularidades, possibilitando que estes se identifiquem e sejam identificados (LARAIA, 2008; WOODWARD, 2004). A identidade não precisa estar localizada num espaço físico, podendo ser construída em espaços virtuais, porém se localizados em um território e valorizados pelos indivíduos e grupos inseridos nesse, o pertencimento se agrega à identidade agindo ao desenvolvimento territorial (ZAOUAL, 2003).

O futebol, parte da cultura nacional, configurando-se como um espaço de representação cultural pela existência de times e estádios (DAMATTA, 1982; DAOLIO, 2005) localizados espacialmente. Os clubes de futebol, localizados espacialmente, neste sentido, seriam um campo de análise à identificação do sentido de pertencimento dos indivíduos, objetivo fim deste trabalho.

Ribeiro (2004) chama a atenção às contribuições deste objeto de pesquisas científicas à sociologia e antropologia. Diferentemente dos estudos técnicos relacionados à prática esportiva, o futebol sob a ótica de simbolismos e costumes relacionados ao cultural ainda é uma área de saber a ser explorada, principalmente no que se refere aos clubes locais. A competição de futebol no campo, não é uma simples disputa de um título por uma das equipes, é um espaço de manifestações que, através de símbolos expressam valores culturais. Nesta envergadura, este trabalho de pesquisa, além de ser uma demanda registrada na academia (RIBEIRO, 2004), urge na emergência de se conhecer como se constrói e se constitui a cultura em determinados espaços e o transcendem.

Paranaguá, local onde foi realizada a pesquisa de campo, sede do Rio Branco, é o município mais antigo do estado do Paraná (1648), possuindo relevância histórica, econômica e cultural no Paraná (BOUTIN, 1993; FREITAS, 1999). O Rio Branco Sport Club, único clube de futebol profissional do Município por ser uma instituição centenária (1912) faz parte da história do local, ainda presente no cotidiano da população. O Clube é cercado de símbolos genéricos que permitem sua identificação enquanto clube de futebol, mas também de símbolos específicos, instituídos no local que pertencem a cultura e identidade local.

Alguns símbolos podem refletir especificidade da cultura do local, mesmo que o fato cultural analisado seja desenvolvido num contexto mais amplo, se desenvolvem e se identificam em coletivo de pessoas. Estes símbolos podem promover ou fortalecer identidades e pertencimentos da população com o local. Para Woodward (2014), os sistemas simbólicos representam as identidades e são através dos símbolos que elas se expressam, assim, esses sistemas relacionam-se configurando espaços com diferentes culturas.

Tendo a cultura de Laraia (2008), a identidade de Woodward (2004), o pertencimento de Zaoual (2010) e os símbolos do futebol pela dimensão cultural, observados a partir dos estudos de caso: de Damo (1998) que explora o sentimento de pertencimento no Grêmio (Porto Alegre-RS); de Santos e Monastirsky (2012) que investigam as identidades e símbolos do Operário Ferroviário de Ponta Grossa – PR; e de Oliveira (2013) que resgata a memória e identidade de torcedores do Gama (Distrito Federal), a pesquisa pretende responder à seguinte questão-problema: O Rio Branco Sport Club promove pertencimento no município de Paranaguá? Parte-se da hipótese de que o futebol espetacularizado faz parte da cultura brasileira, promovendo identidades aos Clubes, porém não necessariamente promove pertencimento ao local: o torcedor de um clube não necessariamente torce ou age sobre o local. Assim, este trabalho visa descrever o Rio Branco Sport Club como espaço de construção coletiva que promove identidade e pertencimento a Paranaguá. Tendo como objetivos específicos: a) apropriar-se dos termos científicos: cultura, identidade e pertencimento a fim de nortear a pesquisa empírica; b) demonstrar o futebol como uma cultura institucionalizada no Brasil e promotora de identidades clubísticas, através de símbolos; c) apresentar Paranaguá e Rio Branco Sport Club enquanto espaços de construção social dinâmica, através de suas histórias; d) identificar e analisar os símbolos do Rio Branco Sport Club que promovem identidade e pertencimento ao Clube e ao Município.

Esta pesquisa consiste em um estudo de caso interpretativo, utilizando como métodos de coleta de informações: revisão teórica e bibliográfica; observação participante; pesquisa documental; e entrevistas. Em conjunto, estes métodos permitiram verificar a promoção de pertencimento local, através de um clube de futebol.

O trabalho está estruturado por uma apresentação dos referenciais teóricos e bibliográficos utilizados, seguidos da metodologia. Após, ainda com base em materiais bibliográficos se faz ligações históricas entre o local e o objeto de análise: Paranaguá e do Rio Branco, os quais na sequência são explanados a partir dos resultados da pesquisa primária, primeiramente com os relatos da observação participante, seguida da interpretação proveniente do ambiente virtual e das entrevistas. A análise dos resultados é realizada em seguida, tendo, por fim, as considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 SOBRE O CONCEITO DE CULTURA

Entender e conceituar a cultura tem sido desafio de discussões teóricas, principalmente desde o último século. Roque de Barros Laraia, em sua obra “Cultura, um conceito antropológico” (2008) explora o conceito e apresenta as principais características da cultura em diversos estudos.

O determinismo biológico e o determinismo geográfico são linhas de pensamento criticadas pelo autor, uma vez que consideram as características biológicas do homem e os aspectos geográficos do local onde uma comunidade está situada, respectivamente, como a origem da manifestação de fatores culturais. Para ele, há outras condições relacionadas à apropriação do homem aos costumes e aos conhecimentos que devem ser observadas como cultura. Além disso, Laraia critica o conceito de Tylor (1871) que interpreta culturas como mais ou menos avançadas numa trajetória de evolução, num progresso linear. A ideia do particularismo histórico, de Franz Boas, é citada por Laraia como reação ao pensamento de Tylor. Para Boas (*apud* LARAIA, 2008), cada cultura é resultado dos eventos históricos enfrentados por cada comunidade ou civilização.

A cultura é resultante do acúmulo e apropriação de elementos como ritos, costumes e conhecimentos que surgiram em diferentes contextos e por isso se manifestam de forma diversificada nas comunidades. Para Laraia, baseado em Kroeber, “o homem é resultado do meio cultural em que foi socializado” (2008, p. 45), e também do processo acumulativo das gerações anteriores. Para Kroeber (1970), o processo de desenvolvimento de uma civilização é acumulativo, o homem adquire novos conhecimentos e habilidades sem necessariamente abrir mão de traços naturais existentes, inerentes ao organismo humano, como ocorre na evolução orgânica. Este argumento reforça sua posição de que o “mental” ou o “cultural” separase do que é “natural” ou “biológico”. A aprendizagem transmitida pelo homem, de geração a geração, tem fundamental importância para determinar o modo de relacionar-se com o mundo.

Cultura para Laraia (2008, p. 68) é o modo como o homem vê o mundo:

O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura.

Com a contribuição de diversas abordagens, o autor caracteriza cultura como uma visão de mundo do homem e um fator de interferência no plano biológico. Laraia ressalta a participação diferenciada na cultura, sua lógica própria e sua dinamicidade. Uma variedade de elementos caracteriza grupos e indivíduos em culturas diferentes. Entre esses elementos estão o modo de agir, de vestir, de se comunicar entre outras manifestações que permitem identificarem-se como pertencentes à determinada cultura.

Na perspectiva da existência de diversidade cultural e do entendimento de que cada indivíduo vê o mundo com base na cultura do grupo em que está inserido, é decorrente um grupo julgar-se proeminente, através do sentimento de que sua cultura é um modelo a ser seguido.

O fato de que o homem vê o mundo através de sua cultura tem como consequência a propensão em considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural. Tal tendência, denominada etnocentrismo, é responsável em seus casos extremos pela ocorrência de numerosos conflitos sociais (LARAIA, 2008, p. 72-73).

Por outro lado, o autor afirma que a perda de crenças e de valores que mantém os indivíduos unidos numa comunidade, causada por crises de cultura, pode interferir em seus planos biológicos. Uma guerra, uma introdução forçada de outra cultura ou até mesmo um desastre natural podem causar instabilidade e a desmotivação dos indivíduos em relação ao seu sistema cultural, fazendo com que a vida perca sentido. As doenças psicossomáticas, o horário em que o indivíduo sente fome e a cura de doenças são exemplos apresentados por Laraia como fatores culturais que interferem em fatores biológicos. Hábitos e crenças das diferentes culturas podem atuar sobre o organismo das pessoas. Lévi-Strauss (1989, p. 115), analisa os estudos de Fischer a respeito dos indígenas de Ponapê e seus tabus alimentares. Para ele “o sintoma, de aparência natural, concerne, portanto, a um diagnóstico cultural”. A cultura, nesse caso, interfere no plano biológico. Considerando que ela atua no âmbito “mental” e “social” e que condiciona o pensamento e o comportamento do homem, se tem como resultado crenças, ritos e tradições. O indivíduo que acredita que uma ação ou

circunstância terá consequência em seu organismo, devido à uma construção de pensamento coletiva a respeito disso, poderá de fato ter consequência biológica.

Apesar de existirem padrões de comportamentos dentro de determinado grupo, Laraia salienta que os indivíduos participam dele de modo diferente, pois não têm conhecimento de todos os aspectos de sua cultura, têm conhecimentos mínimos que promovem a manutenção das relações no mesmo grupo. Para Laraia “deve existir um mínimo de participação do indivíduo na pauta de conhecimento da cultura a fim de permitir a sua articulação com os demais membros da sociedade” (2008, p.82).

Os indivíduos pertencentes a um grupo possuem uma série de comportamentos considerados adequados, justamente por terem sido construídos coletivamente. O indivíduo que não age de acordo com o esperado pela maioria entra em conflito. O padrão de comportamento de um grupo se constitui de um conjunto de elementos socialmente aceitos, ou seja, os indivíduos promovem cultura através de seu comportamento.

A partir de um conhecimento mínimo a respeito de sua comunidade, cada indivíduo assume um papel diferenciado dentro dela.

Nenhum sistema de socialização é idealmente perfeito, em nenhuma sociedade são todos os indivíduos igualmente bem socializados, e ninguém é perfeitamente socializado. Um indivíduo não pode ser igualmente familiarizado com todos os aspectos de sua sociedade; pelo contrário, ele pode permanecer completamente ignorante a respeito de alguns aspectos (LEVY JR, 1952 *apud* LARAIA, 2008).

Construídas sob a perspectiva daqueles que as vivem, as culturas são diversas em decorrência da diversidade dos elementos centrais que a caracterizam e, por isso, não podem ser comparadas. Só é possível entender uma cultura quando analisada a partir de sua própria lógica.

Diferentes grupos interpretam o mundo através de um ponto de vista que tem como base circunstâncias e elementos que têm à disposição para torná-lo lógico, conferindo-lhe um sentido, promovendo diversidade cultural. A cultura assume diferentes formas que, de certo modo, fazem sentido aos diferentes grupos culturais, reafirmando o fato de que é o modo como se vê o mundo. Tal característica impede que ela seja interpretada por meio da comparação, que caracterizaria o etnocentrismo, dado a lógica de cada uma.

A cultura além de ser diferenciada nos e entre grupos, é dinâmica baseando-se em valores, crenças e costumes que mudam ao longo do tempo. Essas mudanças são internas e externas. A primeira é resultante de uma dinâmica dentro do próprio sistema cultural, que acontece com menos frequência, limitada a comunidades e grupos isolados e em ritmo lento. A segunda está relacionada ao contato com outros sistemas culturais, mais comum e geralmente mais bruscas. Tais mudanças representam-se pelo surgimento de diversos conflitos. “Isto porque em cada momento as sociedades humanas são palco do embate entre as tendências conservadoras e as inovadoras” (LARAIA, 2008, p. 99).

A lógica de uma cultura e a sua dinamicidade são fatores importantes na análise da diversidade cultural e das diferenças no interior de cada cultura, quando buscam ser compreendidas pela humanidade.

Geertz (1989) defende que o comportamento do homem e suas culturas estão baseados em símbolos significantes, que se expressam como “qualquer coisa que esteja afastada da simples realidade e que seja usada para impor um significado à experiência” (p. 33). Para o autor, os sistemas organizados de símbolos significantes constituem padrões culturais que ditam o comportamento humano, sendo a inexistência de tais padrões fator para tornar a experiência do homem sem forma e sem sentido.

2.2 DA CULTURA À IDENTIDADE

A cultura quando interiorizada pelos indivíduos promove nestes sentimentos de identidade que são permeados de discussões que envolvem processos de afirmações do indivíduo pertencente a uma cultura e a formação das características e das representações de um grupo. Woodward (2004) em “Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual” explora o surgimento, os aspectos e o papel da identidade na sociedade.

Como determinantes da afirmação e da formação de identidades, a autora apresenta os sistemas simbólicos e os processos sociais, sendo estes distintos e complementares. Os sistemas simbólicos, assim como na cultura, estão presentes na identidade de forma a estabelecer significados e compreensão pelos indivíduos que os detém.

A marcação simbólica é o meio pelo qual damos sentido a práticas e a relações sociais, definindo, por exemplo, quem é excluído e quem é incluído. É por meio da diferenciação social que essas classificações da diferença são ‘vivas’ nas relações sociais (WOODWARD, 2004, p. 14).

“A identidade é marcada por meio de símbolos” (WOODWARD, 2004, p. 9) que, por sua vez, podem ser materiais ou imateriais, englobando desde objetos utilizados até costumes e rituais característicos de determinada cultura. A partir do momento em que os símbolos são apropriados pelos indivíduos, as identidades são determinadas.

Através e dos sistemas simbólicos pode-se identificar indivíduos como pertencentes a culturas e a identidades. Os símbolos as caracterizam e as diferem. Woodward (2004) mostra que os indivíduos se utilizam de símbolos para posicionar-se e posicionar os outros como membros de uma identidade, fortalecendo a ideia de “nós” e “eles”.

A autora afirma que a identidade também é marcada pelas diferenças. Uma identidade depende de outra diferente para existir, visto que os “outros” são a base para afirmar quem somos “nós”. As diferenças caracterizam o processo social envolvido na construção da identidade. Defender determinados aspectos de uma cultura para afirmar uma identidade é, por si, um processo de construção de identidades. Logo, o social obtém papel importante nesse sentido. “A luta para afirmar as diferentes identidades tem causas e consequências materiais” (WOODWARD, 2004, p. 10).

Os sistemas de representação são um importante fator que interfere na formação das identidades. A representação, segundo Woodward (2004), age através da significação e permite aos indivíduos estabelecer um sentido referente àquilo que são e podem tornar-se. Ela age no imaginário social e reflete os aspectos culturais presentes em determinado grupo. Os indivíduos, ao aceitá-la, passam a defender tal representação como fortalecimento de sua identidade, uma vez que são posicionados como sujeitos. Para Silva (2004, p. 91), “a identidade e a diferença são estreitamente dependentes da representação. Representar significa, neste caso, dizer ‘Essa é a identidade’, ‘a identidade é isso’”.

A representação inclui práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que

damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos (WOODWARD, 2004, p. 17).

A representação está presente em setores como a mídia, que oferecem maior apelo ao público e maior alcance, e nos discursos presentes no cotidiano das comunidades, de abrangência local. Ela é capaz de influenciar o rumo da formação da identidade ao estabelecer posições-de-sujeito em que os indivíduos buscam se enquadrar. Assim, “os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar” (WOODWARD, 2004, p. 17), sendo ao mesmo tempo produtos da cultura e produtores de identidade.

Uma relação de produto-produtor ocorre com o resgate de acontecimentos históricos pelos indivíduos, atribuindo-lhes uma identidade. Woodward relata que é comum a busca por elementos do passado para legitimar e afirmar uma identidade. Segundo a autora, geralmente fatos históricos gloriosos trazidos ao presente é que buscam validar uma identidade que se pretende reivindicar. A identidade pode vir de um processo de redescoberta do passado, pois um determinado momento ou fato histórico é interpretado no presente e ressignificado a partir do ponto de vista dos indivíduos na atualidade. A cultura se mantém viva, porém em movimento, ou seja, não é a mesma do momento resgatado. A identidade é fruto de um passado e o resgate deste é um fator de construção dessa.

Assim, essa redescoberta do passado é parte do processo de construção da identidade que está ocorrendo neste exato momento e que, ao que parece, é caracterizado por conflito, contestação e uma possível crise (WOODWARD, 2004, p. 12).

Para Woodward (2004, p. 28) “aqueles que reivindicam a identidade não se limitariam a ser posicionados pela identidade”, mas tratam de tornar-se a identidade e posicionar-se em relação a ela, reconstruindo-a. O processo de apreensão e ressignificação, ocorrido com os sistemas de representação e com um passado comum, expõe a característica da identidade como uma permanente construção, sendo o indivíduo que a afirma seu produto e produtor. Silva (2004, p. 76) destaca que a identidade deve ser “ativamente produzida”, segundo o autor, “somos nós que a fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais”.

Silva (2004) trata o processo de produção da identidade através do conceito de performatividade, onde a descrição de um grupo, palavra dita ou representação contribui para a formação da identidade.

Em geral, ao dizer algo sobre certas características identitárias de algum grupo cultural, achamos que estamos simplesmente descrevendo uma situação existente, um 'fato' do mundo social. O que esquecemos é que aquilo que dizemos faz parte de uma rede mais ampla de atos linguísticos que, em seu conjunto, contribui para definir ou reforçar a identidade que supostamente apenas estamos descrevendo (p. 93).

Geralmente se fala em identidade a nível nacional, porém, sua formação também ocorre a nível "local' e pessoal" (WOODWARD, 2004, p. 28). O indivíduo pode assumir-se pertencente a determinado grupo que possui características próprias e se posiciona como sujeito, que faz ele ser quem é.

A identidade, de acordo com Woodward, possui um caráter múltiplo que reforça a ideia de ser ela contingente, ou seja, "como produto de uma intersecção de diferentes componentes, de discursos políticos e culturais e de histórias particulares" (2004, p. 38). Em sua concepção, está ligada com a variabilidade de fatores formadores. Desse modo, as identidades são diversas e cambiantes, tanto nos contextos sociais nos quais elas são vividas quanto nos sistemas simbólicos por meio dos quais damos sentido a nossas próprias posições (WOODWARD, 2004, p. 33). A produção de identidades em momentos particulares no tempo garante sua diversidade e reconstrução permanente, de acordo com as mudanças e motivações sociais, políticas e culturais do período que se passa. Para Hall (2004, p. 108) "as identidades estão sujeitas a uma histericização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação".

De acordo com a autora, a identidade é marcada pela diferençados sistemas simbólicos de cada cultura e pelos "campos sociais" no sentido da exclusão social que delimita aqueles que fazem parte de determinada identidade e aqueles que não fazem (WOODWARD, 2004). A exclusão social, nesse contexto, também se refere à necessidade de certos grupos afirmarem suas identidades perante outros considerados como pertencentes de maior poder. "Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora" (SILVA, 2004, p. 82).

Silva (2004) explora a questão do poder ao mostrar que uma identidade pode ser considerada mais comum e por isso tende a ser tratada como superior às outras pelos indivíduos que dela fazem parte. Através dos sistemas de representação, reforça-se a imagem desta identidade como a ideal. Para o autor, o poder se manifesta na identidade a partir de sua naturalização, por isso, frequentemente questionam-se identidades e reafirmam-se outras. “Questionar a identidade e a diferença significa, nesse contexto, questionar os sistemas de representação que lhe dão suporte e sustentação” (p. 91). Ao encontro disso, Castells (2002) argumenta que os sistemas de poder influenciam no contexto das identidades. Padrões de comportamento e a formação de novas identidades podem resultar de conflitos onde o poder esteve presente.

A respeito da diferenciação que estabelece as fronteiras entre as identidades, Woodward aborda a existência de sistemas classificatórios. Para a autora, “os sistemas sociais e simbólicos produzem as estruturas classificatórias que dão um certo sentido e uma certa ordem à vida social e as distinções fundamentais que estão nos centros dos sistemas de significação da cultura” (2004, p. 67-68). Em outras palavras, esses sistemas classificam as identidades, diferenciando umas das outras, como na visão “nós” e “eles”, levando em conta a dependência umas das outras para existirem, visto que a existência de diferenças é que lhes dá sentido. Para Silva (2004, p. 75) “assim como a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Identidade e diferença são, pois, inseparáveis”.

Para Silva (2004), a identidade é múltipla:

A identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder (p. 96-97).

Castells (2002, p. 22) entende por identidade “o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado”. De acordo com esse autor, os atores são produtores da identidade e atribuem significado a ela. É a internalização, pelos atores sociais, de aspectos culturais.

Assim, identidade é o resultado do posicionamento do indivíduo em relação aos grupos, tornando-se sujeito. Segundo Woodward (2004, p. 55) “as posições que assumimos e com as quais nos identificamos constituem nossas identidades”, as quais, muitas vezes, ocorrem pela necessidade de afirmar-se em relação a outra em momentos de crise.

2.3 PERTENCIMENTO LOCAL

A diversidade cultural e a construção de identidades são ressaltadas pela globalização do modelo economicista no mundo. Hassan Zaoual (2003; 2010) promove esta discussão, através da Teoria dos Sítios Simbólicos de Pertencimento, abordando os sentimentos das populações em relação aos lugares e a si próprias e a complexidade dos sítios.

O autor contextualiza a problemática entorno de sítios simbólicos de pertencimento, destacando a ineficiência do modelo único de desenvolvimento, baseado no crescimento econômico e na lógica do mercado, tendo o lucro como indicador de bem-estar da população. A adoção desse modelo pelos países não considerou aspectos culturais, presentes nos modos de vida das comunidades, como relevante qualitativo na vida da população.

Zaoual (2003) argumenta que, além do economicismo globalizado, o contexto científico baseado na disciplinaridade foi um fator que contribuiu para o reducionismo do pensamento dos locais e das populações (sítios). Estas condições implicam em contínuos conflitos e em situações de desigualdade social, notáveis, por exemplo, entre os países do Norte e do Sul, ou países “desenvolvidos” e “não-desenvolvidos”. A teoria dos sítios, proposta pelo autor, parte da premissa de uma mudança de postura do conhecimento científico no sentido de deixar de seguir exclusivamente disciplinas de caráter utilitarista, dando lugar ao conhecimento empírico.

É neste contexto científico que a teoria dos sítios inscreve-se como um percurso que descompartmenta e recompõe os saberes do social. Ela tem a seu favor observações empíricas, experiências e práticas dissidentes (Zaoual, 1998) suscetíveis de servirem como pontos de apoio a uma nova epistemologia que integra a diversidade, a pluralidade, a multidimensionalidade, o instável, a ambivalência e o caráter contraditório dos fenômenos de sociedade (ZAOUAL, 2010, p. 30).

O conhecimento empírico dos locais proporciona o reconhecimento das diferentes culturas, o que é considerado, por Zaoual, um requisito básico para atender às necessidades de cada população. “Reconhecer a diversidade e a necessidade dos intercâmbios culturais leva à abolição da supremacia das categorias econômicas, mecanicistas e excludentes” (ZAOUAL, 2003, p. 21). O enfraquecimento científico do utilitarismo econômico fortalece os aspectos relativos à espiritualidade, movimentos religiosos e ecológicos (ZAOUAL, 2003, p. 21) que, de certa forma, refletem sobre os sentimentos relacionados ao local e à cultura.

No contexto da globalização e suas consequências na configuração dos territórios, Zaoual (2003) sugere que as populações ao se sentirem pertencidas ao seu local, resultam num sentimento de pertencimento local, enfraquecendo um modelo de desenvolvimento que desconsidera os modos de vida.

A mudança de pensamento para se buscar o desenvolvimento baseado na solução de problemas locais “abre o caminho para o empoderamento da diversidade civilizacional” (ZAOUAL, 2003, p. 52). O sentimento de pertencimento ao local influencia na motivação dos indivíduos em viver e agir em seu sítio, marcando seu comportamento. Diante disso, o autor salienta que “nenhum conhecimento do social pode ser totalmente separado dos valores e das crenças que animam os fatos e gestos dos atores de um dado lugar” (2003, p. 58), sendo esses fatores que reforçam a identidade local e, conseqüentemente, o sentimento de pertencimento.

É nessa complexidade de fatores que a Teoria dos Sítios Simbólicos de Pertencimento busca evidenciar os espaços vividos pelos indivíduos. Para Zaoual (2003, p. 28), esses sítios são “uma entidade imaterial (ou intangível) que impregna o conjunto do universo local dos atores”. O sítio é dinâmico, pois está sempre em evolução, assim como as culturas e as identidades. Além disso, possui um código de seleção baseado em particularidades, aproximando-o ainda mais da identidade construída localmente. O sítio é caracterizado, por ser um espaço aberto, por evoluir e, fechado, por conter um código de seleção. É nesse sentido que o autor afirma que, “mesmo sendo aberto à mudança, apresenta singularidades que impregnam os comportamentos individuais e coletivos de um dado meio social” (2003, p. 74).

O sítio é “flexível” (ZAOUAL, 2003, p. 30), podendo manifestar-se em diferentes escalas, como bairros, instituições, comunidades, entre outros meios de organização. Ele é capaz de integrar organizações e indivíduos através do sentimento de

pertencimento, sendo um “espaço cognitivo que estabiliza o caos do social” (ZAOUAL, 2003, p. 54). A apropriação de crenças comuns, ou seja, a construção de identidade, gera o sentimento de pertencimento, constituindo-se como sítio simbólico de pertencimento. Neste, a presença de confiança (transparência) é maior entre os que o compõe.

Tal como na abordagem de cultura de Laraia, que a define como a lente que o indivíduo vê o mundo, Zaoual (2010) trata os sítios simbólicos de pertencimento como um campo invisível que interfere no modo de pensar e agir dos atores:

O sítio é perceptível somente através dos rastros, frequentemente fugidios, que ele deixa no mundo visível, aquele dos comportamentos dos seus partidários e em tudo o que os cerca e faz sua vida quotidiana, da cultura à arquitetura, passando pela economia de sua organização social. Em outros termos, os comportamentos dos indivíduos estão permanentemente em interação com o campo invisível que é o sítio. É ele quem os estabiliza no caos da ordem social (p. 24).

A construção das culturas e das identidades interfere nas singularidades dos sítios de pertencimento, uma vez que estes têm como pressuposto suas próprias existências. Como um campo em permanente mudança, de acordo com Zaoual (2003; 2010), o sítio é singular em seus espaços e em sua evolução. Para o autor, os sítios são constituídos de:

(...) “três caixas” estreitamente vinculadas. Sua “caixa preta” contém os mitos fundadores, suas crenças, sua experiência, sua memória e trajetória. Sua “caixa conceitual” contém seu saber social, suas teorias e seus modelos. Por fim, sua “caixa de ferramentas” restitui, de modo imediato, seus ofícios, seus modelos de ação etc. (ZAOUAL, 2003, p. 54-55)

As crenças e valores compartilhados pelos indivíduos caracterizam sua cultura, sua identidade e, conseqüentemente, são constituídos em um território. Segundo Zaoual (2010, p. 24):

o território aproximado pela noção de sítio simbólico de pertencimento é admitido, antes de tudo, como uma realidade viva, retirando todo o seu sentido do imaginário compartilhado pelos indivíduos socializados.

O território é uma noção que permeia as discussões sobre cultura, identidade e pertencimento. Sousa (2013), a partir de uma análise do tema estabelece uma relação entre eles. O território, para o autor, detém simbologias, através de códigos e

valores que fazem parte do cotidiano. Para o autor, “é no território que nascem as expressões culturais genuínas, (...) suas práticas, representações e significados conferindo-lhe um caráter de intangibilidade” (p. 161).

As produções culturais, como “símbolos da cognição humana” (SOUSA, 2013, p. 175), são para o autor, diversas e complexas, mas construídas pelos indivíduos num determinado espaço. As diferentes culturas nacionais, para o autor, são construídas a partir de relações de poder do cotidiano, gerando grupos identificados, discussões relativas às suas historicidades e identidades, possibilitando o território ser interpretado como uma dimensão da cultura. A identidade cultural de grupos sociais mescla aspectos individuais e coletivos em permanente construção, sendo essa

uma condição inerente ao homem com algo que é construído, reconstruído e recaem constantemente sobre determinados pontos de referência seja para nossa condição existencial ou como indivíduo que pertence a um determinado espaço, identidade-nação (SOUSA, 2013, p. 175).

A noção de território construído de Pequeur (2005) é assim designada pela construção do espaço pelos atores, envolvendo relações culturais e identitárias, ao contrário do território dado, estabelecido *a priori* por instituições.

Os sítios simbólicos de pertencimento de Zaoual (2003) seriam então os territórios construídos de Pecqueur (2005) nos quais os indivíduos os constroem e se identificam a partir das suas significações.

A história da comunidade, que inclui as experiências e as crenças, intimamente relacionadas a cultura, passada de geração em geração, é a base dos sítios. A história assume o papel da cultura de Laraia por nortear o modo como os indivíduos vêm e se manifestam no mundo.

A identidade de Woodward (2004) é o que fundamenta a existência de sítios de Zaoual (2003). Os conceitos próprios de cada grupo determinam sítios, a partir de questões práticas, como o modo de agir.

O sítio imaginário de Zaoual (2003) conforta a relação entre os atores e o meio ambiente ou os recursos naturais, promovendo ativos e produzindo um território construído como em Pecqueur, reforçando o caráter dinâmico da cultura, da identidade e do território. Para Zaoual (2010, p. 26) “o sítio aparece-nos como um modelador-modelado”.

Um sítio simbólico de pertencimento é aquele capaz de permitir a inovação local, na medida em que mobiliza os indivíduos à solução de problemas coletivos. O indivíduo mobilizado, chamado por Zaoual (2010, p. 27) de *Homo Situs*, “é um “interpretador” da situação, ele o é no imediato e na dinâmica de sua situação. É o homem social, pensando e agindo em uma dada situação”. O sítio, nesse caso, é um propulsor à ação, tornando efetivo o poder de agir dos indivíduos.

3 REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

3.1 ASPECTOS SOCIAIS DO FUTEBOL

O *futebol association*, iniciado na Inglaterra e trazido ao Brasil no fim do século XIX, foi um esporte disseminado por práticas normatizadas que passou a fazer parte da cultura brasileira, sendo, a princípio, considerado um esporte praticado pela elite e que se popularizou posteriormente (STIGGER, 2005). Segundo Stigger (2005), a prática do futebol na Inglaterra teve ligação com a disponibilização do esporte pelos empresários aos empregados, como forma de ocupação do tempo livre e, de certa forma, controle comportamental dos trabalhadores. Isto ocorre na medida em que os funcionários colocam energia de enfrentamento na disputa do futebol, através do jogo e da rivalidade, ao invés de manifestações de enfrentamento não interessantes aos empregadores. Para Stigger (2005), uma característica essencial das práticas esportivas é a rivalidade no enfrentamento de grupos.

Arlei Damo (2007), que aborda a atividade futebolística na versão espetacularizada, divide o futebol em quatro categorias, de acordo com as características de sua prática: futebol bricolado, que se refere à prática baseada no improviso e adaptação das regras por aqueles que a praticam, como forma de divertimento; futebol espetacularizado, praticado por profissionais; futebol comunitário, marcado pela existência de condições e estrutura mínimas necessárias para um campeonato, como o futebol de várzea; e o futebol escolar, praticado nas escolas.

Para Damo (2007, p. 35), as diferentes práticas se tornam “cultura esportiva globalizada” quando substituem as características locais do esporte por outras universalizadas, possibilitando a profissionalização e o envolvimento em competições. A profissionalização no futebol seria, assim, pré-requisito ao futebol espetacularizado. A apropriação do futebol no Brasil foi, segundo Damo (2007, p. 37), de uma conotação local que resultou no envolvimento das massas, “uma espécie de canibalismo simbólico”. Os brasileiros intitulam seu país como o “país do futebol”, dado sua inserção nas diversas estruturas sociais e da sua representação perante outros países. De acordo com Mascarenhas (2005), o futebol trazido ao Brasil desprendeuse

de algumas características inglesas, incorporando outras próprias, como a forma de jogar baseada na força, característica dos ingleses, dando lugar ao “gingado” e à “malandragem” dos brasileiros.

Para Mascarenhas (2005, p. 68), “a história social do futebol se inscreve na história do lugar e com ele dialoga intensamente. Sua espacialidade mutante se insere e participa da lógica mais geral que anima e organiza o lugar”. O caráter histórico das manifestações no contexto do futebol e a formação das identidades são afirmados através deste esporte.

Para DaMatta (1982, p. 21) “o futebol praticado, vivido, discutido e teorizado no Brasil seria um modo específico, entre tantos outros, pelo qual a sociedade brasileira fala, apresenta-se, revela-se, deixando-se, portanto, descobrir”. A sociedade brasileira leva e enxerga no campo do jogo algo que a remete a si mesma.

No jogo de futebol de categoria espetacularizada, segundo Damo (2007, p. 43), os torcedores têm emoções promovidas por “rituais agonísticos”. Os confrontos estão envoltos de significações e revelam emoções que ligam o torcedor à disputa dentro do campo. Para o autor, a exibição do confronto como espetáculo envolve emoções que antecedem e/ou são posteriores ao jogo e que fazem parte de uma dinâmica permeada de símbolos e ritos que adquirem sentido no contexto futebolístico. Damo (2007) salienta que o sentimento de pertencimento é um dos principais ingredientes do espetáculo futebol. Através dele, as emoções se manifestam mais intensamente na medida em que o indivíduo torcedor se sente parte do grupo, do clube, e dele compartilha características.

É porque o time representa o clube e este, por seu turno, representa uma comunidade de sentimento, que os torcedores protestam, dizendo-se envergonhados com determinadas *performances* dos jogadores ou, ao contrário, os idolatram. [...] Sem um time, os torcedores de um clube não teriam acesso ao sistema de disputas – diria mesmo que um clube de futebol sem um time é uma aberração (DAMO, 2007, p. 56-57).

De acordo com a intensidade em que se vive o ambiente do futebol, alguns torcedores veem-se participantes do contexto futebolístico, em especial no que se refere ao seu “clube de coração”.

A noção de pertencimento clubístico presta-se não apenas para produzir um distanciamento em relação às noções nativas correspondentes – torcer, gostar, amar, ser apaixonado, etc. Ela especifica, no espectro do torcer, um

segmento público militante, não necessariamente pela frequência aos estádios, nem mesmo pelo vínculo a grupos organizados, mas pelo engajamento emocional (DAMO, 2007, p. 51-52).

O pertencimento clubístico, para Damo (2007, p. 66), tem base na afetividade familiar e está relacionado a economia, a sociedade, a cultura e a “valores e identidades locais, regionais e nacionais”. Para DaMatta (1982, p. 16), “o jogo está na sociedade assim como a sociedade está no jogo”. A população expressa através do futebol características, problemas e sentimentos que lhe são intrínsecos, do mesmo modo que as emoções provenientes do jogo extrapolam o campo e agem no imaginário da população. O diálogo cultura/futebol resulta em representações no contexto do jogo, configurando a disputa como um espaço territorializado, na medida em que grupos e clubes se enfrentam e carregam consigo características do lugar.

Para DaMatta (1982, p. 34), o futebol aproxima a torcida de uma seleção ao país que ela representa, uma vez que “permite à massa uma certa intimidade com os símbolos nacionais”. A bandeira, as cores, o hino e outros símbolos são apropriados pelos torcedores no intuito de identificar-se como pertencentes ao país e apoiadores da seleção que o representa. Segundo o autor, a dramatização das emoções durante o jogo de futebol é uma característica desse ambiente e, através dela, a população se une por um objetivo comum, que é a vitória da seleção que representa o seu país, relacionando o resultado aos problemas nacionais. A relação futebol/sociedade brasileira está ligada, para DaMatta (1982), por uma identidade social baseada na “cultura popular” (p. 40).

Para Vogel (1982), os rituais ou as simbolizações oriundos do cotidiano permitem a representação da sociedade e a compreensão do “universo social” (p. 78) no ambiente do futebol. Os símbolos utilizados pelos torcedores e demais atores do jogo são representações que atuam no imaginário social e expõem as características dos grupos envolvidos. Segundo o autor:

O futebol abre uma via real de acesso para a compreensão da imaginação social e da realidade sociológica brasileira. A partir dele se constroem representações ritualizadas de certas identidades sociais (VOGEL, 1982, p. 112).

Segundo Flores (1982), os símbolos levantados pelas torcidas de clubes ultrapassam a representação do clube de futebol, podendo representar questões

sociais, como o urubu, mascote do Flamengo, que remete a um “time de preto” (p. 53) e do pó-de-arroz, símbolo do Fluminense, que representa o elitismo do “branco” (p. 53). Tais símbolos relacionam-se com a história e particularidades de cada clube, torcida e lugar, reforçando a ideia de representação de identidades.

Para Ribeiro (2004) o futebol é um “fenômeno social e historicamente produzido” (p. 99) que relaciona manifestações culturais e por ser espaço de representações permite a “compreensão da complexidade social” (p. 100). O futebol é capaz de expressar “os sentimentos mais significativos da organização humana, que é o da identidade e o de pertencimento” (RIBEIRO, p. 106). Para o autor, tanto os clubes como a seleção nacional despertam o sentimento de pertencimento relacionado tanto ao time, como ao lugar que estão inseridos. É no diálogo da torcida com o futebol que se permite que as representações entre o clube com o local se estabeleçam.

D’Onofre *et. al.* (2009) ao discutirem o futebol e as torcidas no âmbito do patrimônio cultural imaterial no Rio de Janeiro observam que o valor histórico patrimonial do futebol está ligado à identidade social, através do imaginário que este cria e passa às gerações. Os clubes cariocas representam a cidade e as torcidas que, por sua vez, representam seus respectivos clubes, caracterizando assim o torcedor como promotor da história do Rio de Janeiro.

Três estudos relacionando clubes de futebol a aspectos identitários do local foram localizados na literatura sociológica brasileira. O primeiro apresenta o Operário Ferroviário Esporte Clube como patrimônio cultural da cidade de Ponta Grossa e promotor de identidade da população pontagrossense (SANTOS E MONASTIRSKY, 2012; 2012b). O segundo analisa, a partir da memória da população, a Sociedade Esportiva do Gama como produtora de identidade (OLIVEIRA, 2013). Por fim, o estudo de Damo (1998) discute o sentimento de pertencimento dos torcedores ao Grêmio *Foot-Ball* Porto Alegrense. Os trabalhos partem da perspectiva de que os clubes representam o lugar e as torcidas representam o clube, portanto, clubes e torcidas constroem a história do lugar.

3.2 O FUTEBOL COMO PATRIMÔNIO CULTURAL: O CASO DO OPERÁRIO DE PONTA GROSSA

Santos e Monastirsky (2012) apresentam, no artigo “Operário Ferroviário Esporte Clube: Patrimônio cultural de Ponta Grossa”, uma análise da representatividade do clube de futebol Operário à população, o constituindo como patrimônio cultural da cidade. As premissas da pesquisa que fundamentavam que o clube exercia este papel eram: sua história; sua relação com a ferrovia de Ponta Grossa; seu “acervo material e intangível”; e sua atuação como representante da cidade nos campeonatos de futebol (p. 53). Os instrumentos utilizados pelos autores para obtenção de informações foram: aplicação de questionários; entrevistas acerca da história e representatividade do Operário; depoimentos em redes sociais de internet; observação direta; e pesquisa bibliográfica. Segundo os autores, a pesquisa pertence ao campo da geografia humana, por abordar aspectos culturais (CLAVAL, 2002 apud SANTOS & MONASTIRSKY, 2012, p. 55).

O Estádio Germano Kruger, pertencente ao Operário, nos resultados da pesquisa configurou-se como importante espaço de representação e espaço vivido por aqueles que possuíam alguma relação com o Clube. O local se manifesta como um espaço vivido ligado pela memória, por remeter a lembranças do passado, e também se configura como um espaço de representação, na medida em que está ligado a símbolos e é onde os indivíduos “se apresentam” e se afirmam, buscando prazer. O Estádio e, principalmente, o Clube são para os autores patrimônio cultural, em decorrência das manifestações no presente e o legado histórico destes às pessoas.

A história do Clube está relacionado à construção das ferrovias no Brasil, patrimônios culturais nacionais, incluindo a de Ponta Grossa, e ao início do futebol no Brasil. A implantação de ferrovias no Brasil, a partir da segunda metade do Século XIX, também impulsionou a disseminação do futebol no país. Nesse contexto, o Operário Ferroviário de Ponta Grossa reforça a valorização das ferrovias como patrimônio cultural, pelo seu próprio nome. Assim, os autores propõem que “preservar e valorizar o Operário Ferroviário Esporte Clube é também preservar a memória ferroviária” (p.59).

Os autores designam de símbolos, os aspectos da história do Clube que têm ligação com a história de Ponta Grossa, de sua população e de processos sociais vividos no momento. O Clube foi fundado em 1º de maio de 1912 por trabalhadores ferroviários do município de Ponta Grossa, com o nome de Operário Sport Club,

representando os trabalhadores operários, homenageando-os no dia do trabalhador (SANTOS & MONASTIRSKY, 2012). As cores preta e branca do Clube também foram escolhidas para representar as populações branca e negra, frente aos conflitos raciais intensos na época no Brasil e no mundo. Outro símbolo, o apelido “Fantasma”, se deu devido os comentários da imprensa utilizarem a expressão “obras de fantasmas” quando os times da capital jogavam em Ponta Grossa e perdiam (p. 61). O apelido foi adotado pela torcida, incluindo-o no nome da torcida organizada “Trem Fantasma”, e se coloca como uma forma de oposição aos times da capital do Paraná: Curitiba.

Os autores também destacam as festas como um aspecto recente que relaciona o Clube e a população local. As festas de comemoração da torcida uniram a população de Ponta Grossa, principalmente na campanha de acesso à primeira divisão do futebol estadual de 2004 a 2009. “O Operário Ferroviário confirmava ser uma das principais marcas da identidade do ‘ser pontagrossense’ e um dos principais símbolos da territorialidade local” (SANTOS E MONASTIRSKY, 2012, p. 63).

Para os autores, o Operário como um clube de futebol e como patrimônio cultural sensibiliza torcedores e a população em geral a respeito da preservação do patrimônio ferroviário: “Além daquelas pessoas que compreendem a necessidade da manutenção da história, há aqueles que, mesmo muito mais ligados ao futebol, contribuem para a preservação da cultural local” (SANTOS E MONASTIRSKY, 2012, p. 64).

O Operário, ao longo de um século, acumulou diversos simbolismos e traços culturais peculiares. Foram diversas as modificações sociais, espaciais e culturais que o Operário contribuiu no cotidiano da sociedade de Ponta Grossa, constituindo-se num importante elemento no processo de criação e manutenção da identidade local (SANTOS & MONASTIRSKY, 2012, p. 66).

Para Santos e Monastirsky (2012) “o Operário representa o cidadão e o cidadão se sente representado por ele” (p. 66), provocando a união da população pela cidade. No artigo “Identidade e símbolos construídos na geopolítica do futebol: o caso do Operário Ferroviário de Ponta Grossa-PR”, Santos e Monastirsky (2012b) analisam o Operário como promotor de identidade da população pontagrossense, a partir da abordagem cultural e espaço vivido da geografia. O trabalho buscou compreender “a representatividade, as memórias, as narrativas e a força socioespacial que o Operário

acumulou ao longo de sua história, influenciando a organização do espaço urbano da cidade de Ponta Grossa” (p. 79).

O clássico contra o Guarani, Clube da mesma cidade e que atuou no futebol profissional até a década de 1970, é citado como um importante embate em Ponta Grossa, onde o futebol ocupava o espaço da cidade, ficando marcado na memória de torcedores e moradores. Outras ocasiões em que o futebol extrapolou os limites do estádio e ficou marcado na memória de moradores foram as comemorações de vitórias e conquistas do Operário.

Um indicativo do Operário como promotor de identidade, relatado pelos autores, é o fato de as tentativas de substituição deste clube por outros em momentos em que esteve inativo no cenário das competições, que mesmo levando o nome da cidade, não foram aceitas pela população. Segundo Santos e Monastirsky (2012b), os símbolos e tradição carregados pelo Operário são responsáveis pela identificação de torcedores e moradores com o Clube e Cidade, caracterizando a identidade da população de Ponta Grossa. Diante disso, o Operário “acaba por unir os cidadãos pontagrossenses em torno de uma base cultural comum, fazendo com que as pessoas se identifiquem com a cultura pontagrossense e passem a lutar por sua cidade” (p. 93), na medida em que evoca a história e os trabalhadores do lugar.

Os trabalhos de Santos e Monastirsky (2012; 2012b) fizeram suas análises relacionando as histórias do Operário, do futebol e do município. A fundação do Clube de Ponta Grossa homenageou duplamente os trabalhadores do local. Assim como o futebol promovido pelos empregadores aos seus empregados na Inglaterra, o futebol em Ponta Grossa ganha o caráter popular, contrapondo a prática inicial deste esporte no Brasil que era considerado de elite. Atualmente o nome do Clube promove a valorização da ferrovia, patrimônio cultural nacional.

Os símbolos identificados pelos autores decorrem da história do país, do lugar e do futebol, tais como as cores da bandeira ou dos vestuários, o nome do clube, a data de fundação, das emoções decorrentes da rivalidade nos jogos, apelido e nome da principal torcida organizada e as vitórias e conquistas.

3.3 IDENTIDADE E FUTEBOL: MEMÓRIA COLETIVA DO GAMA

Outro trabalho científico que analisou clubes de futebol, através de conhecimentos desenvolvidos na área das ciências sociais, foi o de Oliveira (2013), que discutiu a identidade de torcedores do Gama e dos moradores da cidade do Gama. Para a autora, o título de campeão brasileiro da série B em 1998 do Gama teria contribuído com o processo que despertou sentimentos de pertencimento e identidade pela população à cidade.

As informações relativas às festas da vitória foram coletadas em arquivos públicos, arquivos pessoais, depoimentos documentos, periódicos, livros, jornais e publicações e entrevista semi-estruturada com ex-dirigentes, ex-jogadores, torcedores e moradores, “visando à interpretação e o reconhecimento das evidências culturais, históricas e sociais encontradas” (OLIVEIRA, 2013, p. 13).

A autora aborda a memória, tanto coletiva como individual, para analisar a construção de identidade, sugerindo que, a lembrança rompe barreiras de espaço e tempo. A memória, como consciência virtual, é recuperada e reinterpretada no presente, sendo uma construção feita por estímulos que remetem ao passado, como lembranças (OLIVEIRA, 2013). O resgate de fatos e acontecimentos históricos é uma forma de analisar “sentimentos de pertencimentos e coletividades diversas” (p. 26).

As lembranças individuais e coletivas partem das reinterpretações de mundo e das experiências vividas ou construídas. Essas experiências, as mais significativas, vão constituindo o conjunto de marcos que formam a memória e compõem as lembranças e estruturam identidades (OLIVEIRA, 2013, p. 28).

Oliveira (2013) aponta as festas como um símbolo presente na construção de uma identidade coletiva, sendo esta uma manifestação cultural que evoca sentimentos, onde os grupos sociais se reafirmam. Assim, as comemorações do título de campeão brasileiro do Gama em 1998 teriam ficado registradas na memória da população da Cidade do Gama.

Segundo a autora, a cidade-satélite do Gama, no Distrito Federal (DF), foi criada em 1960, com uma população proveniente de diversas regiões do país, o que por hipótese não teria identidade coletiva com o local. O Estádio Valmir Campelo Bezerra, o “Bezerrão”, por ser um dos principais espaços de lazer e de esporte da cidade, seria um espaço de representação coletiva do local.

Não só o espaço de representação coletiva poderia ter contribuído para formar uma identidade coletiva, mas o nome do clube teria sido o primeiro passo. Em 1975,

o então presidente do clube, Antônio Valmir Campelo Bezerra, mudou o nome desta agremiação esportiva, até então chamada Minas Atlético Clube, para Sociedade Esportiva do Gama, com a justificativa de que tal alteração contribuiria para a identificação do clube com a população gamense.

Nas narrativas dos entrevistados, a autora relata que identificou fatores que relacionam a formação de uma identidade promovida pelo clube. O clube foi relacionado com o sentimento de orgulho dos torcedores, principalmente na conquista de 1998. Para a autora: “percebeu-se com muita clareza um forte sentimento de pertencimento e identidade entre torcedores e o clube” (p, 49). Os moradores, torcedores, dirigentes e jogadores manifestaram satisfação com o desempenho do clube que representou a cidade no cenário nacional. De acordo com a pesquisadora, o orgulho sentido pelas vitórias do Gama e o título de campeão foram momentos marcantes na memória coletiva de torcedores e moradores da cidade, bem como orgulho em forma de repúdio aos times de outras cidades, afirmando o Gama como o seu representante.

A torcida foi um fator que a autora observou como propulsor, motivador para as conquistas do Clube, pois além do apoio ao time, dentro dela se estabelecem laços sociais e afetivos. A fidelidade aparece como uma das principais características dos torcedores em relação ao clube de sua cidade.

A autora resume as memórias coletivas dizendo que o Gama promoveu a união de torcedores e apoiadores do time, extrapolando as barreiras da cidade do Gama, se estendendo às cidades vizinhas, em apoio ao time na busca pelo título de campeão brasileiro da série B. Entre os jogadores, a formação de laços identitários foi outro fator que contribuiu com o sucesso do Clube naquele ano. Os laços fortaleceram a união, traduzida em amizade.

A conquista do título em 1998 foi relatada pela autora como presente na memória da população da cidade. Os “lugares de memória”, segundo Oliveira (2013), criam sentimento de pertencimento e identidade. O Estádio Bezerrão, segundo a autora, atua como um lugar de memória, onde seus frequentadores compartilham sentimentos, sendo um símbolo que gera afeição pela cidade. Para Oliveira (2013), é perceptível nos depoimentos o enfraquecimento desse sentimento em relação ao estádio após reforma, visto que o “antigo Bezerrão” figura no imaginário da população.

Outro fator importante de identificação da população com o clube de futebol, apontado pela autora, foi a festa após o jogo contra o Londrina, realizado no Estádio Mané Garrincha em Brasília, na final do campeonato que deu o título brasileiro da série B ao Gama em 1998. Para a autora, as lembranças da festa, realizada por toda a Cidade do Gama e cidades vizinhas, onde participaram tanto torcedores como moradores que não costumavam acompanhar futebol regularmente, contribuiu para “a construção de um imaginário simbólico entre seus participantes e torcedores” (OLIVEIRA, 2013, p. 88).

Para Oliveira (2013), *a camisa, o escudo e o periquito* (mascote) são símbolos da Sociedade Esportiva do Gama que aparecem na memória dos torcedores e moradores, e que na ocasião do título de 1998, vestir as cores do Clube representava o compartilhamento ou comunhão de sentimentos não só na população gamense, mas na população brasiliense. Esses símbolos afirmavam a presença de um clube de futebol, o Gama, na Cidade do Gama.

A mídia conferiu à cidade e aos torcedores maior visibilidade no cenário nacional, quando da conquista, fazendo “com que o orgulho local fosse acentuado em uma situação de competitividade” (OLIVEIRA, 2013, p. 102). A ação da mídia contribuiu tanto para a mobilização de apoio ao time no Distrito Federal como para posicionar o Clube e a Cidade frente aos adversários e demais regiões do país. A autora conclui que a conquista do título do Gama no campeonato brasileiro da série B contribuiu para o fortalecimento de laços identitários do clube e com a cidade, “elevando em grau significativo o sentimento bairrista da população gamense, cujo sentimento nunca foi percebido em nenhuma outra cidade do DF” (OLIVEIRA, 2013, p. 103).

O trabalho de tese de Oliveira (2013), através da memória da população expõe a importância de um clube de futebol para a formação da identidade no local, destacando as vitórias do clube como papel fundamental na promoção de identidade. Entre os símbolos identificados pela autora, relacionados ao Clube, presentes na memória de torcedores do Gama e moradores da Cidade do Gama e que despertaram sentimentos de identidade e pertencimento, estavam: o Estádio Bezerrão, sendo um dos principais locais de lazer e representação da Cidade, onde saudosismo observado pela autora através dos depoimentos a respeito da reforma do Estádio reflete um local que desperta sentimentos de identidade e pertencimento através de momentos vividos

por aqueles que acompanham/acompanhavam o time; a camisa e o escudo, por sua vez, símbolos de orgulho e identificação dos torcedores frente aos outros clubes e outras cidades; o mascote, o Periquito, presente na entrada da Cidade do Gama como forma de mostrar que o Clube de futebol está presente e representa o lugar; e as festas de comemoração que uniram torcedores e moradores, em especial na vitória de 1998.

3.4 PERTENCIMENTO E FUTEBOL: O GRÊMIO DE PORTO ALEGRE/RS

Arlei Damo (1998) discute em sua dissertação “Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores” o futebol do Rio Grande do Sul sob a ótica do pertencimento clubístico no Grêmio. A pesquisa buscou “apreender, a partir do ponto de vista dos torcedores, os aspectos simbólicos das disputas futebolísticas, especialmente aqueles que transcendem o jogo propriamente dito” (p. 12), visando responder quais eram, como e por quem eram operacionalizados estes “aspectos simbólicos”.

Damo (1998) argumenta que com a profissionalização ocorreram a unificação das regras e o estabelecimento de ligas para as disputas, impulsionando a criação dos clubes que passaram a agregar camadas sociais populares, descentralizando este esporte da elite. A profissionalização dos clubes, segundo o autor, foi fundamental para a continuidade dos mesmos, através da participação no calendário de jogos, ao mesmo tempo em que a competição entre eles ficou mais acirrada, aumentando as rivalidades entre diferentes grupos sociais e/ou regiões.

Outra especificidade que o autor traz sobre este esporte, a partir do estudo de caso, está relacionada a relação torcedor x clube de futebol que se estabelece de maneira recíproca, cada um do seu modo e intensidade, participando de forma ativa em prol do sucesso nos campeonatos. Para Damo (1998, p. 61) “a contrapartida da fidelidade clubística se manifesta na liberdade com que cada fiel torcedor tece a história da agremiação à qual torce e, ao tecê-la, torna-se parte dela”.

De acordo com o autor, cada confronto possui peculiaridades que se refletem nas atitudes dos torcedores com simbolismos específicos. O Gre-Nal, confronto do Grêmio com o Internacional, clubes do município de Porto Alegre, é um jogo carregado

de simbolismos, desde a criação dos clubes, porque representavam categorias sociais opostas. O Internacional recebeu a denominação de “Clube do Povo”, enquanto o Grêmio seria o “Clube da Elite”. Na atualidade esta distinção não corresponde com a realidade, havendo equiparação de classes sociais entre as torcidas, mas parece existir para alguns torcedores. A categoria social é “uma diferença forjada pelos próprios torcedores num determinado período histórico, de maneira que a percepção sócio-antropológica foi determinante, e sendo constantemente atualizada” (p. 84-85). Esta constante atualização da distinção de categorias sociais entre os clubes faz parte, para Damo (1998, p. 99), da tradição, que “possui um papel determinante na construção da imagem dos clubes e da identidade de seus torcedores”.

Damo (1998) identifica o termo “nação”, frequentemente utilizado pelos torcedores do Grêmio, para denominar suas torcidas. No Grêmio, a utilização “nação gremista” resgata alguns momentos importantes que marcam a identidade do clube. Dentre estes está a aceitação de jogadores negros no time, devido, principalmente, à ascensão do Internacional com jogadores negros e a pressão pela profissionalização do futebol. Para o autor, esta reformulação nas tradições gremistas, que impediam a participação de negros no time, não foi possível sem a mobilização da torcida (a nação gremista), que influenciou nos rumos tomados pelo clube.

Para o autor, a torcida do Grêmio tem no hino oficial do clube um de seus principais símbolos, visto que este busca exaltar os torcedores e suas manifestações em prol do Clube. Com a construção de uma nova imagem do clube, através da aceitação de negros e da participação mais intensa de torcedores, mudou-se a noção de pertencimento clubístico, que sofre atualizações com os momentos do clube e da torcida, adquirindo novas características e símbolos, porém, o reconhecimento enquanto grupo é permanente.

Segundo Damo (1998), a forma de jogar futebol, forte e pegada, característica do Grêmio e do futebol gaúcho, contrária ao futebol-arte do futebol brasileiro, fez de determinados confrontos espaços de exaltação de ânimos, estes relacionados a “valores éticos e estéticos” (DAMO, 1998, p. 157) que vão além do jogo de futebol propriamente dito. Essa forma de jogar futebol é um símbolo que caracteriza o sentimento de pertencimento de seus torcedores.

A partir das diferenças se reforçam e atualizam certos valores regionalistas, incorporando discursos que transcendem o futebol, mas, que só ele permite

expressar de forma simultaneamente amistosa e contundente (DAMO, 1998, p. 193).

O estilo gaúcho de jogar futebol é um fator que expõe o diálogo com o regionalismo, na medida em que o discurso gauchista de oposição ao “nacional”, atrelado à reivindicações políticas, culturais e econômicas é apropriado pelos futebolistas (DAMO, 1998). O “futebol permite uma comparação entre “nós”, os gaúchos, e os “outros”, sejam eles cariocas, paulistas ou brasileiros em geral” (p. 206). O autor relata que a torcida gremista também se manifesta em defesa de seu clube frente aos times da região central do Brasil, através de músicas e gritos de guerra que declaram amor não somente ao Grêmio, mas também ao Rio Grande do Sul, trazendo o regionalismo para o jogo.

No trabalho de Damo (1998), através da observação participante, identificaram-se diferentes características relacionadas ao futebol no país e traços do regionalismo exaltados no campo do jogo e no ambiente do futebol. O “futebol arte” brasileiro é caracterizado pelos dribles e da “malandragem”, enquanto que o futebol “pegado”, “duro” é jogado no Rio Grande do Sul. A identidade gaúcha é representada e reforçada no futebol, resultando no sentimento de pertencimento dos torcedores ao Grêmio e ao Rio Grande do Sul.

Nas observações realizadas pelo autor, destacam-se como símbolos de identidade e de pertencimento: a torcida, que se afirma como “nação”, ou seja, como parte do Clube, atuando como protagonista em sua história; o hino oficial do Grêmio, que tem a torcida como elemento principal; as músicas e os gritos de guerra que declaram amor tanto ao Clube e ao Rio Grande do Sul, expondo um posicionamento frente ao restante do país que demarcam diferenças entre “nós” (gremistas) e “eles” (demais clubes e torcedores).

4 METODOLOGIA

A metodologia do presente trabalho consiste em uma pesquisa exploratória, “realizada em área na qual há pouco conhecimento acumulado e sistematizado” (VERGARA, 1998, p. 45) e se baseia em métodos de procedimento de estudo de caso interpretativo, que segundo Godoy (2010, p. 124), descreve o fenômeno estudado e o interpreta e/ou o teoriza a partir das informações obtidas. A pesquisa fundamenta-se em uma perspectiva qualitativa em função dos métodos de obtenção de informações.

A metodologia parte de uma revisão teórica para o entendimento dos campos da cultura, identidade e pertencimento, dentro das ciências sociais, que serviram de categorias de análise para a busca de referências bibliográficas relacionadas ao futebol profissional - campo de análise. Prossegue com uma revisão da literatura que subsidia os aportes metodológicos para subsídio à pesquisa empírica. Para a construção dos capítulos dois, três e cinco foram realizadas revisões de literaturas teórica e bibliográfica. O capítulo seis, pesquisa de campo, foi construído a partir de três métodos de técnicas distintos, com base no referencial bibliográfico e teórico. A combinação de métodos possibilitou conhecer elementos sociológicos do futebol.

4.1 REVISÃO TEÓRICA E BIBLIOGRÁFICA

A denominada revisão teórica teve delimitado os campos: cultura, identidade e pertencimento com base nas contribuições de Laraia (2008), Woodward (2014) e Zaoual (2010), respectivamente.

A cultura apresentada por Laraia (2007) é tratada como uma forma de visão de mundo do homem que interfere no plano biológico dos indivíduos, existindo diversidades de culturas com diferentes participações dos indivíduos, com lógicas próprias e dinâmicas. A cultura como categoria de análise contribui com o início da investigação para outra categoria, identidade, de Woodward (2014), a qual só existe em decorrência da identificação de símbolos ligados às especificidades históricas que dialogam com o presente em permanente construção, ou seja, com a cultura. A terceira categoria, o pertencimento, é discutida com base no conceito de sítio

simbólico de pertencimento, proposto por Zaoual (2010), e trata do enraizamento invisível derivado de múltiplos comportamentos individuais e coletivos num território.

O referencial bibliográfico além de permitir identificar o futebol, como manifestação cultural construída socialmente, promotor de identidades individuais a determinados grupos - clubes, possibilitou reconhecer os símbolos que são apropriados pelos indivíduos que se identificam aos grupos - torcedores: bandeira, cores, hino, mascote, entre outros no âmbito do futebol. Estes símbolos representam no imaginário social as características do grupo.

Os trabalhos de Santos e Monastirsky (2010; 2012b), Oliveira (2013) e Damo (1998) acerca do lado sociológico do futebol nortearam a escolha dos métodos da pesquisa de campo pelo uso na construção dos trabalhos, bem como na identificação de símbolos utilizados pelos clubes e apropriados para a representação dos grupos envolvidos.

A contextualização de Paranaguá e do Rio Branco Sport Club se baseiam em referências bibliográficas da história de ambos. Freitas (1999) e Boutin (1993) são as principais referências relacionadas ao município e Machado (2003) ao Clube.

4.2 PESQUISA DE CAMPO

A pesquisa de campo comporta três métodos de técnicas distintos na busca de informações para interpretação: a observação participante, realizada durante os jogos do Campeonato Paranaense 2016, no Estádio Gigante do Itiberê e arredores e na Sede da Torcida Organizada e bar localizado no Estádio da Estradinha; a pesquisa documental em comentários e publicações em sites e em páginas de rede social do Rio Branco e de sua torcida, bem como outros sites, especialmente de imprensa e da organização do campeonato paranaense; e a realização de entrevistas com representantes de diferentes grupos ligados ao Clube, imprensa, ex-jogador e escritor de futebol.

4.2.1 Observação participante

A observação participante, segundo Cruz Neto (1999), se realiza através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações

sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos. O observador, enquanto parte do contexto de observação, estabelece uma relação face a face com os observados.

A observação participante, assim, deveria permitir vivenciar os espaços do clube, na posição de espectador de jogos, possibilitando a identificação de símbolos e comportamentos dos atores presentes no estádio e nos locais de concentração antes e após os jogos. Seria realizada durante o Campeonato Paranaense (primeira divisão). Com a desclassificação do RBSC na primeira fase, que compreendeu o primeiro trimestre de 2016, as observações não se estenderam pelos meses seguintes.

O Campeonato Paranaense é organizado anualmente pela Federação Paranaense de Futebol, com participação de clubes de futebol profissional de diversos municípios do estado. No ano de 2016, 12 clubes competiram na primeira fase, destes, os oito primeiros colocados foram classificados para a fase seguinte (mata-mata) e os dois últimos colocados foram rebaixados à segunda divisão da competição.

As observações ocorreram durante os jogos do Rio Branco realizados no Estádio Fernando Charbub Farah, Gigante do Itiberê ou Caranguejão, e na concentração dos torcedores antes e depois dos jogos: Rio Branco x Atlético Paranaense (10/02); Rio Branco x Londrina (20/02); Rio Branco x Operário (28/02); Rio Branco x Toledo (13/03); e Rio Branco x PSTC (20/03). As expressões verbais, vestes, gestos e materiais utilizados na arquibancada (bandeiras, faixas, instrumentos musicais etc.) e símbolos genéricos do futebol foram registrados em fotografias e caderno de notas para posterior análise. Algumas fotos não foram expostas neste trabalho por questões de direitos de imagem. As observações dos dirigentes, durante os jogos, estiveram focadas na reação destes às manifestações dos torcedores, e os comentários esportivos filtrados aos símbolos de identidade ao Clube e pertencimento ao Município.

4.2.2 Pesquisa documental

A pesquisa documental buscou depoimentos que expressassem identidades a Paranaguá, ao Clube e ao futebol, que foram agrupados em sete modalidades de relação: torcedores de outros clubes; ex-moradores de Paranaguá; Paranaguá; Rio

Branco e a política; o riobranquista e o parnanguara; o Rio Branco de Paranaguá no estado; e o retorno a Estradinha. Cinco endereços eletrônicos entre sites e páginas em rede social foram analisados durante o ano de 2016: Página Oficial do Rio Branco no *Facebook*; Grupo de torcedores do Rio Branco no *Facebook*, intitulado “Rio Branco Sport Club – PR”; Site do Rio Branco; Página Oficial da Torcida Uniformizada Camisa Vermelha e Branca no *Facebook*; e site do Globo Esporte, por ser da emissora de televisão detentora dos direitos de transmissão do Campeonato. As publicações e os respectivos comentários, de torcedores, simpatizantes, entre outros, foram interpretadas sob a perspectiva de identificação de símbolos de identidade ao Clube e pertencimento ao local.

4.2.3 Entrevistas

As entrevistas, recurso mais complexo de interpretação pela indução de respostas pelos questionamentos do pesquisador e relação dos entrevistados ao objeto pesquisado, tinha como finalidade responder questionamentos advindos das observações participantes e complementar informações relacionadas a contextualização histórica do Rio Branco Sport Club, pelo registro na memória dos entrevistados. A seleção dos entrevistados foi realizada pela representação dos atores frente ao Clube, que pudessem expressar diferentes pontos de vista dado seus protagonismos: dirigente do Rio Branco; diretor da Torcida Uniformizada Camisa Vermelha e Branca; radialista; torcedor antigo; historiador e escritor do esporte no Litoral do Paraná; e dois ex-jogadores e funcionários do Rio Branco.

As entrevistas foram semi-estruturadas, com questões abertas, e gravadas em áudio com a permissão dos entrevistados, posteriormente transcritas para análise dos resultados.

4.3 INTERPRETAÇÃO E ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES COLETADAS

As categorias teóricas de análise *cultura*, *identidade* e *pertencimento* levaram à identificação de símbolos de identidade clubística, os quais foram objetos de observação nos jogos do Rio Branco Sport Club durante o Campeonato Paranaense de 2016. Outras manifestações coletivas foram identificadas pelos três métodos de

levantamento de informações, estas não identificadas como símbolos de identidade ao futebol. A análise de conteúdo ocorreu através de três eixos: símbolos do Clube; identidades com o Rio Branco; e pertencimento através do Clube. Os símbolos foram analisados a partir do Clube e sua relação com o local sede. Somente foram considerados símbolos de pertencimento ao local aqueles que também apresentavam relação com o Clube, só assim, o pertencimento ao local poderia ser identificado como decorrente da identidade do clube, a partir da cultura do futebol.

Na observação participante se faz uma descrição do espaço e das ocorrências, registrados em caderno de campo e fotografias por jogo, os quais foram analisados e permitiram agrupar características frequentes, entre elas: uso dos símbolos oficiais e não oficiais do Clube; perfil do público; comportamento dos grupos de torcedores; participação e interação dos atores; número do público pagante vs. desempenho do Clube.

Na pesquisa documental, se faz o recorte de comentários e publicações, comprovando as relações identitárias com o Clube e/ou local, porém mantendo o sigilo daqueles que se manifestam. Os dados foram apresentados em grupos relacionados a: torcedores de outros clubes; ex-moradores de Paranaguá; Paranaguá; o Rio Branco e a política; o riobranquista e o parnanguara; o Rio Branco de Paranaguá no estado; o retorno a Estradinha.

As entrevistas foram realizadas em quatro dias distintos e gravadas em áudio com a permissão dos entrevistados e transcritas utilizando o software *Microsoft Word*, posteriormente ocorreram recortes para análise: a história do futebol profissional do Rio Branco Sport Club; a torcida além do Clube e jogo; o Rio Branco em Paranaguá; Paranaguá ao Rio Branco; o além do jogo: o confronto; Estradinha, o alçapão.

5 PARANAGUÁ E RIO BRANCO SPORT CLUB: LIGAÇÕES HISTÓRICAS

5.1 MUNICÍPIO DE PARANAGUÁ

O município de Paranaguá está situado na região litorânea do estado do Paraná. A população estimada para o ano de 2016 era de 151.829 habitantes, em uma área de 826,674 km² de extensão (IBGE, 2016). Possui como elemento geográfico notável na paisagem a Baía de Paranaguá, a qual propiciou a construção de portos que influenciaram na distribuição espacial e na economia do Município. A prática portuária de Paranaguá também sempre esteve ligada à economia do estado e da região metropolitana de Curitiba (ABRAHÃO, 2011). A importância da Baía e do Porto de Paranaguá, do café e cana de açúcar produzido no Estado e da coroa em forma de muros de fortaleza são símbolos do Brasão do Município (FIGURA 1).

FIGURA 1 – BRASÃO DO MUNICÍPIO DE PARANAGUÁ



FONTE: PREFEITURA DE PARANAGUÁ (www.paranagua.pr.gov.br, 2016)

O povoamento do Paraná começou na Ilha da Cotinga por volta de 1550, com a busca por ouro na região, e, duas décadas depois, se estendeu à margem esquerda do Rio Taguaré, hoje Itiberê, sob a liderança de Domingos Peneda, considerado o fundador do povoado (FREITAS, 1999). As condições de terreno e a segurança oferecida pelo rio como fundeadouro teriam sido determinantes para a mudança, segundo Freitas (1999). No primeiro documento histórico encontrado sobre o Litoral

do Paraná, uma crônica do naufrago alemão Hans Staden que conta com um mapa da Baía de Paranaguá e Ilha de Superagui (denominada por ele de Supraway), já há indícios da presença de portugueses em Superagui no ano de 1549 ou antes (BOUTIN, 1993).

Segundo Boutin (1993), antes dos europeus a área foi ocupada pelo “homem do sambaqui”, no período pré-histórico, e posteriormente pelos índios carijós. Freitas (1999) explica que a presença dos sambaquis, “resultados da abundante coleta dos recursos malacológicos utilizados na alimentação” (p. 34), é prova da ocupação pré-histórica das terras onde hoje é Paranaguá. Segundo Freitas (1999) os índios carijós, por sua vez, foram exterminados ou capturados por bandeirantes no final do século XVI ao início do século XVII.

Os caiçaras do litoral paranaense ou “caboclos”, como denominou o viajante francês Auguste de Saint-Hilaire a população local em sua passagem pela região no século XIX, preservavam traços da miscigenação de portugueses, carijós e negros africanos (BOUTIN, 1993).

Em 29 de julho de 1648 o Capitão-Mor Gabriel de Lara obteve o foral¹ de Vila, passando o povoado a chamar-se Vila de Nossa Senhora do Rosário de Paranaguá, data comemorativa do aniversário do Município (BOUTIN, 1993; FREITAS, 1999). Para Gabriel de Lara, o povoado tinha importância estratégica ao avanço dos portugueses na costa brasileira (FREITAS, 1999). Segundo Boutin (1993) e Freitas (1999), a descoberta de minas de ouro na região, em 1649, impulsionou a imigração e contribuiu significativamente para o aumento populacional da Vila. Em 1722, a extração de ouro foi abandonada e a Vila entra em “fase de profunda decadência e penúria” (BOUTIN, 1993, p. 7).

Diversas construções do local se tornaram representativas, dentre elas: a Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário; o Colégio dos Jesuítas; e a Fortaleza Nossa Senhora dos Prazeres. A Igreja de Nossa Senhora do Rosário, fundada em 1578, tendo suas características originais modificadas ao longo das reformas, está localizada na área em que se inicia a povoação, crescendo a Vila em seu entorno (VIANA, 1976). O Colégio dos Jesuítas teve sua autorização para a construção em 1740, após problemas de financeiros, ficando apto à utilização 10 anos após. Para

¹ Carta monárquica que regulamentava a administração de terras conquistadas (DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS, 2017).

Freitas (1999, p. 163), este prédio, imponente, “simboliza o esforço da comunidade”. De acordo com Boutin (1933) e Freitas (1999), os moradores também tiveram importante contribuição financeira na construção da Fortaleza Nossa Senhora dos Prazeres, localizada na Ilha do Mel e concluída em 1769. A construção da Fortaleza tinha como objetivo a defesa militar contra investidas espanholas (BOUTIN, 1993; FREITAS, 1999).

Em 5 de fevereiro de 1842 a Vila de Nossa Senhora do Rosário de Paranaguá foi elevada à categoria de cidade e em 19 de dezembro de 1853 foi criada a Província do Paraná, tendo como Curitiba sua capital. Para Boutin (1993), apesar da importância de Paranaguá a Província do Paraná, Curitiba foi escolhida capital devido “a grande potencialidade econômica do planalto e a necessária interiorização” (p. 12), causando ressentimento dos parnanguaras.

O sistema portuário em Paranaguá tem sua história iniciada juntamente com o povoamento do local, uma vez que o rio e a baía ofereciam as condições favoráveis. Inicialmente localizado próximo a Igreja Matriz, o então porto de Nossa Senhora do Rosário avançou em direção à foz do rio na medida em que surgia a necessidade de ampliação (FREITAS, 1999). Segundo Freitas (1999), na busca pela maior profundidade da baía, em 1872, foi autorizada a construção do porto da enseada do gato, que em 1874 passa a se chamar Porto Dom Pedro II, inaugurado em 28 de outubro de 1911. Em 1927 iniciaram-se obras de melhoria, terminadas em 17 de março de 1935.

Como forma de ligação do litoral ao planalto, foi inaugurada em 2 de fevereiro de 1885 a estrada de ferro Paranaguá-Curitiba, uma das maiores obras do Paraná que contou com a participação dos engenheiros André Rebouças e Teixeira Soares (FREITAS, 1999). A viagem inaugural contou com a presença de convidados ilustres, dentre eles a Princesa Izabel e sua família, sendo o trem recebido com festa em Curitiba (BOUTIN, 1993; FREITAS, 1999). Esta época data as manifestações abolicionistas no Brasil e, segundo estes autores, Paranaguá despendeu valioso empenho para evitar o tráfico de negros e a libertação dos escravos, tanto que, quando assinada a Lei Áurea em 1888, poucos restavam no Município. Para Freitas (1999, p. 348), “o abolicionismo em Paranaguá contou com os mais devotados apóstolos e servidores em todos os seguimentos da sociedade”.

Com a construção da estrada de ferro alguns produtos passaram a elevar a movimentação no Porto e apoiar o crescimento da região, tal como a erva mate, que teve um ciclo que perdurou mais de um século (FREITAS, 1999). Boutin (1993) relata que anterior ao ciclo da erva-mate, ocorreu o da farinha de mandioca, importante produto do litoral do Paraná, que continuou a ser produzido e exportado durante o ciclo seguinte. A partir de 1920 iniciou-se o ciclo da madeira que perdurou até 1955, dando lugar ao ciclo do café que, após a segunda guerra mundial, contribuiu para mudanças na estrutura de Paranaguá e do Porto (FREITAS, 1999). Segundo Freitas (1999), além de absorver mão de obra trabalhadora, no Município, neste ciclo

Empresas de grande porte, armazenadoras e exportadoras, instalaram-se, construíram e organizaram grandes companhias de armazéns gerais, para guarda, conservação e ensaque do café procedente do norte do Paraná, transportados por caminhões e vagões (p. 414).

A comercialização e exportação do café em Paranaguá já fazia parte da rotina portuária desde 1933, quando foi criado o Centro do Comércio do Café. Dada a importância econômica deste produto para o Município, foi inaugurado em 29 de julho de 1961 o Palácio do Café. Em 1965 o Porto Dom Pedro II recebeu o título de maior porto exportador de café do mundo e, em 1982, com a duplicação da BR-277 em 1982, houve a diversificação dos produtos movimentados pelo Porto de Paranaguá (FREITAS, 1999).

Em 1921, com o estímulo à formação de professores no Brasil, foi criada em Paranaguá a Escola Normal Primária pelo então Presidente da Província do Paraná² Caetano Munhoz da Rocha. O prédio onde funcionava a Escola foi inaugurado em 29 de julho de 1927 e em 1952, em homenagem ao seu fundador recebeu seu nome. Em 1967 a Escola foi elevada a Instituto, o atual Instituto de Educação Dr. Caetano Munhoz da Rocha. A educação em Paranaguá, em 1956, é contemplada com uma instituição de ensino superior: da Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras. O Club Litterario (Club Literário), para Freitas (1999, p. 500), é das instituições que não podem deixar de ser mencionadas na história de Paranaguá, pois vem “acompanhando o progresso e a evolução social de Paranaguá, através do tempo”,

² “Criado em 1823 para substituir as Juntas Provisórias de Governo, o cargo de Presidente de Província, nomeado pelo Imperador e com a indicação do Conselho de Ministros, representava o Poder central como executor de sua política e administração” (CORRÊA, 2003, p. 1).

sendo “valioso patrimônio material e cultural da cidade” (p. 501), a “mais alta expressão social e a mais legítima e honrosa tradição de Paranaguá” (p. 501). Segundo o autor, sua fundação estaria ligada a fins culturais, tendendo à recreação, posteriormente.

5.2 O RIO BRANCO SPORT CLUB

FIGURA 2 – EVOLUÇÃO DOS EMBLEMAS DO RIO BRANCO



FONTE: RIO BRANCO SPORT CLUB (riobrancosportclub.net.br, 2016)

Hino do Rio Branco:

*Leão da Estradinha
Me querido esquadrão
Leão da Estradinha
Serás eterno em meu coração*

*Torcer por suas cores é sensacional
Rio Branco querido não existe outro igual
A bandeira alvi-rubra, a mais linda que há
Orgulho maior de Paranaguá (RIO BRANCO SPORT CLUB, 2017)*

O Clube foi fundado em 13 de outubro de 1913 por um grupo de amigos em Paranaguá, motivados pela crescente prática do futebol no estado e principalmente na capital Curitiba (MACHADO, 2003). De acordo com o autor, o nome do clube foi uma escolha de Jarbas Nery Chichorro para homenagear o Barão do Rio Branco, diplomata brasileiro que atuou no Ministério de Relações Exteriores.

Segundo Machado (2003), na reunião de fundação do Clube ficou acordado que o jogo de apresentação seria contra um time de Curitiba. Antes desse confronto, o Rio Branco jogou contra o Brasil, um time também de Paranaguá, no campo da Praça Pires Pardini. O América, time da Capital, foi o escolhido para enfrentar o Rio

Branco em sua apresentação oficial e foi derrotado por 2x1. O autor relata que, no início de sua história, o Rio Branco sofreu com um incêndio em sua primeira sede, destruindo-a e resultando na perda da documentação referente ao clube até então, o que resultou em algumas lacunas no histórico do Clube.

O primeiro campo do Rio Branco se localizava onde hoje é a Praça João Gualberto, sendo a área outorgada pelo prefeito Caetano Munhoz da Rocha e o preparo do gramado realizado pelos próprios associados do Clube. Nas posteriores melhorias, foram construídas arquibancadas com a doação, por José Fonseca Lobo (Zezito), de madeiras vindas em vagões (MACHADO, 2003). O campo foi reinaugurado num confronto com uma equipe de Curitiba, desta vez formada por um misto de jogadores de clubes da Capital, com vitória riobranquista. Com a construção da Escola Normal Primária de Paranaguá em 1927, no terreno aos fundos das arquibancadas, a prefeitura solicitou a mudança do campo, comprometendo-se em doar um terreno no bairro da estradinha, antiga estrada das colônias.

Em 1915 o Rio Branco participou da Liga Sportiva Paranaense³ e a partir de 1916 da Associação Paranaense de Sports Athleticos⁴, jogando contra times da capital e interior do estado. Uma peculiaridade dos jogos realizados em Paranaguá era o horário diferenciado devido ao horário do trem de e para Curitiba. Os jogos começavam às 11h30 e terminavam antes das 15h30 para que as delegações dos clubes adversários pudessem se deslocar para suas cidades. O mesmo ocorria com os jogos com a participação do Rio Branco em Curitiba (MACHADO & CHRESTENZEN, s/d; MACHADO, 2003). Destes confrontos surgiu o apelido e mascote do Rio Branco que, segundo Machado (2003), recebeu o apelido de “Leão do Litoral” pela imprensa curitibana, que assim o denominava pelo seu bom desempenho em Paranaguá, frente os grandes clubes da capital.

O estádio localizado na estradinha foi inaugurado em 12 de junho de 1927 e recebeu o nome de Nelson Medrado Dias, Presidente do Clube que, através de seus esforços, tornou possível a construção do mesmo (MACHADO, 2003). Segundo Machado (2003), o dia da inauguração contou com a Banda Musical da Força Militar do Estado, passeata pelas ruas, disparos de morteiro, hasteamento das bandeiras dos

³ Primeira Liga de clubes de futebol organizada no estado do Paraná, que possibilitou a realização do primeiro campeonato oficial do estado, no mesmo ano (MACHADO & CHRESTENZEN, s/d).

⁴ Associação organizada por clubes que se desmembraram da Liga Sportiva Paranaense (MACHADO, 2003).

clubes da cidade, benção do campo, entrega de uma placa de bronze ao presidente do Clube e recepção aos jogadores do Athletico (Atlético Paranaense) que realizaram o jogo inaugural com o Rio Branco. Na cerimônia o time do Athletico cantou em homenagem ao Rio Branco e a Paranaguá a seguinte canção:

*Rio Branco Esporte Clube – Alleguá!
Hurra! Hurra! Rio Branco valoroso!
E mais outro Hurra, estrepitoso,
Para saudar também Paranaguá.*

*Irmão, vós os de cá, nós os de lá.
Cultuando o mesmo ideal grande e formoso
Devemos ser o forte e generoso
E o digno filho deste Paraná.*

*As bandeiras do Athletico e Rio Branco
Devem se entrelaçar de modo franco,
Cavalleiresco e leal em toda a linha,
Para que possa ecoar em serra arriba
Pelos pontos cardeais de Curityba,
A grandeza do esporte da marinha! (MACHADO, 2003, p. 48)*

O jogo com o Athletico terminou em 1x5 para o time visitante, que foi convidado pelo Rio Branco para um baile no Club Literário (MACHADO, 2003).

Segundo Machado (2003), em 1943 foram realizadas melhorias no estádio e novamente, para a inauguração, foi chamado um clube curitibano para o jogo, o Bloco Esportivo Morgenau, hoje não mais atuante no futebol.

Em 1948 e 1954 o Rio Branco foi campeão do interior ⁵ (MACHADO & CHRESTENZEN, s/d; MACHADO, 2003), sendo este último título comemorado com estádio lotado e carreata pela cidade, no dia do trabalho (MACHADO, 2003).

Segundo Machado (2003), nos anos de 1954 e 1955 o Rio Branco comemorou seu aniversário disputando jogos contra times da capital, Coritiba e Atlético Paranaense, com uma vitória e um empate, respectivamente.

O Rio Branco passou a disputar o Campeonato Paranaense de Futebol⁶ em 1956, realizando boa “campanha” já em sua primeira participação e nos anos seguintes, o

⁵ Campeonato organizado pela Federação Paranaense de Futebol com clubes de fora da capital Curitiba (MACHADO, 2003).

⁶ Campeonato realizado já nos moldes do atual Campeonato Paranaense, organizado pela Federação Paranaense de Futebol.

que transformou Paranaguá em um território de vitórias do Leão e entusiasmou a torcida que lotava o estádio Nelson Medrado Dias, segundo Machado (2003).

A partir de 1956, durante aproximadamente dez anos, o Rio Branco recebeu de empresas exportadoras doações de sacas de café para que pudesse vender para manter-se nas disputas dos campeonatos e nos anos de 1962, 1963 e 1964 o foi tricampeão do Torneio Início⁷ (MACHADO & CHRESTENZEN, s/d). Porém, com a baixa nas exportações de café, o Clube também foi atingido (MACHADO, 2003). O ciclo do café também beneficiou o principal rival do Rio Branco na época, o Seletto, outro time do município de Paranaguá que não atua mais no futebol profissional. Ambos formavam o clássico Sele-Rio, movimentando a cidade:

A cidade litorânea ficava em polvorosa quando as duas tradicionais equipes tinham que se defrontar. A velha rivalidade, construída e alimentada ao longo dos campeonatos amadores da cidade, agora estava em alta. Um queria desbancar o outro. Foram extraordinárias essas partidas. Estádios completamente lotados – seja no Nelson Medrado Dias, seja no Orlando Matos. A cidade só falava no jogo – antes e depois. Ora um carnaval vermelho e branco, ora um carnaval rubro-negro fora de hora. Carreata e foguetório até longas horas da noite. Comemorações e mais comemorações. Sempre foi assim. Quem ganhava era o futebol. A rivalidade era benéfica para o engrandecimento do futebol parnanguara (MACHADO, 2003, p. 124-125).

Na década de 1980, de acordo com Machado (2003), o Clube entrou em má fase, caindo para a segunda divisão do Campeonato Estadual, o que resultou na diminuição do número de torcedores e de público que compareciam ao Estádio. De acordo com o autor, o retorno à “elite” do futebol estadual ocorreu somente em 1993 e em 1996 o Rio Branco passou a fazer parte do grupo especial do futebol brasileiro, participando da terceira divisão.

De acordo com Machado (2003), o Clube esteve, em sua história, ligado a pessoas “ilustres representantes das mais diversas atividades sociais, econômicas, culturais e políticas que movimentam a cidade portuária” (p. 218), estando o desempenho do clube relacionado à articulação destas pessoas.

Em 2000 o Rio Branco foi novamente campeão do interior, ganhando o direito de disputar uma vaga na Copa João Havelange (terceira divisão do campeonato brasileiro) (MACHADO, 2003). Em 2007 o Clube passou a jogar no Estádio Municipal

⁷ Torneio realizado, na época, antes de cada Campeonato Paranaense, pelos clubes participantes (MACHADO & CHRESTENZEN, s/d).

Fernando Charbub Farah, o Gigante do Itiberê, com capacidade de 12.218 lugares (CAPETTA, 2010), utilizando o Estádio da Estradinha como Centro de Treinamento nesse período, retornando em 2017.

5.3 LIGAÇÕES HISTÓRICAS

A história do futebol do Rio Branco Sport Club, desde sua fundação no início dos anos 1900, se entrelaça com a história de Paranaguá, refletindo a inserção do Clube no Município. Em caráter histórico, as relações econômicas e políticas se mostraram presentes em diferentes momentos no contexto de ambas.

O RBSC teve seus primeiros anos em convívio com o *Ciclo da Madeira* (1920-1955) em Paranaguá, recebendo doação de madeiras para a construção das arquibancadas do primeiro campo, na Praça João Gualberto. Ainda no âmbito da influência das atividades do Porto, o *Ciclo do Café*, um dos mais duradouros (da década de 1950 a década de 1980) e importantes para o Porto D. Pedro II, também foi um período importante do Rio Branco. As intensas exportações de café levaram a Paranaguá grandes empresas que faziam doação ao Clube de sacas de café para venda. Para Machado (2003, p. 97), “enquanto o café esteve em alta, o Rio Branco sobreviveu. Quando o café sofreu um debacle, o Leão sucumbiu”.

A *Estrada de Ferro* que propiciou a ligação entre Paranaguá (litoral) com o planalto, favorecendo a economia do lugar, também permitiu as delegações de times paranaenses deslocarem-se a Paranaguá, assim como dos jogadores do Leão participarem de jogos em outros municípios, influenciando até nos horários de realização dos confrontos.

Algumas organizações presentes no município influenciaram, em algum momento, fatos históricos na trajetória do Rio Branco. A *Escola Normal Primária de Paranaguá*, atual Instituto de Educação Dr. Caetano Munhoz da Rocha, que foi construída ao lado das arquibancadas do campo onde o RBSC treinava e jogava, e que também foi motivo da mudança do campo para a Estradinha é hoje um dos principais edifícios históricos tombados pelo estado do Paraná e um dos principais estabelecimentos de educação do local. O *Club Litterario*, por sua vez, presente na vida dos parnanguaras desde sua criação em 1872, também foi local de eventos

festivos do Rio Branco SC, mantendo, em parceria com o Clube, o tradicional baile carnavalesco “Vermelho e Branco”, que se referem às cores do Leão.

A política é outro fator de ligação entre o Clube e Paranaguá, onde há a influência de políticos no RBSC, assim como a influência deste no município. Segundo Machado (2003, p. 96) é marcada por “muitos presidentes e diretores do Rio Branco SC – ao longo da história – sempre estiveram ligados ao esquema políticoeconômico”. Na década de 1990 o então vereador Mário Roque foi eleito Presidente do Leão, e posteriormente teve o apoio da torcida sendo eleito Prefeito de Paranaguá em 1996.

6 IDENTIFICAÇÃO DAS CATEGORIAS DE ANÁLISE NO RIO BRANCO SPORT CLUB

Este capítulo tem como objetivo fazer uma descrição dos resultados obtidos pelas três técnicas de pesquisa, as quais serão analisados no capítulo seguinte. Na observação participante, na pesquisa documental e nas entrevistas as categorias de análise foram os símbolos do Clube, identidades com o Rio Branco e pertencimento através do Clube. As três técnicas de pesquisa possibilitaram descrever o agir, o falar e o responder dos atores. O ser riobranquista porta símbolos de pertencimento ao Rio Branco e, por pressuposto, ao local. Desse modo, o ser riobranquista transcende ao campo e se confunde com o ser parnanguara, o que justifica os ambientes de investigação: o espaço do jogo; o ambiente virtual e; os atores.

6.1 OBERVAÇÃO DO RIO BRANCO EM CAMPO

Em 2016, o time profissional do Rio Branco participou apenas do Campeonato Paranaense, visto que a participação em competições nacionais depende do desempenho neste campeonato. Em 2016, os dois primeiros jogos do Rio Branco ocorreram fora de casa, enquanto que a estreia em casa ocorreu no terceiro jogo, no mês de fevereiro.

TABELA 1 – JOGOS DO RIO BRANCO NO CAMPEONATO PARANAENSE, RESULTADO E PÚBLICO PAGANTE NO GIGANTE DO ITIBERÊ EM 2016

Jogo	Data	Resultado	Público Pagante
Maringá FC x Rio Branco SC	31/01	1x0	
J. Malucelli x Rio Branco SC	04/02	3x2	
Rio Branco x Atlético	10/02	1x2	1.269
Paraná Clube x Rio Branco SC	14/02	2x0	
Rio Branco x Londrina	20/02	2x1	773
Coritiba FC x Rio Branco SC	25/02	3x3	
Rio Branco x Operário	28/02	5x1	864
Foz do Iguaçu FC x Rio Branco SC	06/03	2x2	
Rio Branco x Toledo	13/03	3x1	1.493
Rio Branco x PSTC	20/03	0x1	2.431
FC Cascavel x Rio Branco SC	27/03	2x1	

FONTE: Federação Paranaense de Futebol (Disponível em www.federacaoopr.com.br, 2017)

Apesar do Rio Branco ter sofrido revés nas duas primeiras rodadas do Campeonato, no primeiro jogo em casa teve o terceiro maior público no Gigante do Itiberê, quando jogou com o Atlético de Curitiba. O comparecimento do público nos jogos no Gigante do Itiberê, nos dois últimos confrontos em Paranaguá, pode ter sido consequência da recuperação do time no Campeonato e na disputa pela classificação à segunda fase.

A observação participante ocorreu nos jogos no Gigante do Itiberê e seguem descritos em ordem cronológica, dando destaque aos símbolos elencados a partir da revisão bibliográfica e outros movimentos que após são comentados.

6.1.1 Rio Branco x Atlético (10/02)

No dia em que ocorreu o primeiro jogo do Rio Branco em Paranaguá, às 21h45, a chuva esteve presente antes, durante e após a partida, o que pode ter influenciado na quantidade de público que compareceu ao Estádio Gigante do Itiberê e também na concentração de torcedores antes do jogo e de vendedores ambulantes no entorno do Estádio.

Os setores populares do Estádio, arquibancadas, que possuem cobertura parcial, nos degraus mais altos, abrigaram a maior parte dos torcedores, tanto da torcida local (do Rio Branco), quanto da torcida visitante (do Atlético). Já o setor localizado em frente ao centro do campo, que possui cobertura, é destinado aos sócios do Clube e pagantes de ingressos de valor integral.

Antes do início da partida, algumas mulheres uniformizadas com camisas do Rio Branco, presentes também nos demais jogos realizados no Gigante Itiberê, chamadas de “Leonas” nos alto-falantes do Estádio, caminhavam ao redor do campo segurando uma faixa com os dizeres: “Vamos golear e vencer o Aedes Aegypti”. O campeonato é realizado no verão, época de grande incidência de chuvas, e Paranaguá registrava um “surto” de dengue.

A Torcida Uniformizada Camisa Vermelha e Branca - TUCVB, única torcida organizada do Rio Branco observada no Estádio, era composta em sua maioria de homens e mulheres jovens, que vestiam o uniforme da Torcida e estavam munidos de instrumentos musicais, bandeiras e faixas. As roupas continham os dizeres: Lealdade, Amizade, Tradição. As bandeiras continham imagens de jogadores e da marca da

torcida organizada. Duas diferentes faixas, penduradas nos alambrados da arquibancada, faziam referência: uma, ao nome da Torcida, e outra, à frase do hino do Rio Branco “Orgulho maior de Paranaguá”. As integrantes mulheres distribuíram bexigas vermelhas e brancas aos torcedores.

A TUCVB estava na arquibancada localizada em frente ao setor da torcida adversária. Durante o jogo, através de gestos, de expressões verbais (xingamentos) e de músicas, a TUCVB afirmava sua oposição aos clubes e torcedores da Capital e de forma mais específica aos jogadores e torcedores adversários no campo: “o meu Leão não é como você (da capital)”. Ao mesmo tempo, os membros da Torcida balançavam fortemente as bandeiras, cantando músicas de apoio ao Rio Branco.

A presença de jovens na TUCVB era maior do que nos outros espaços do Estádio, justificando o ritmo intenso de torcer.

FIGURA 3 - PREPARAÇÃO DA TUCVB ANTES DO INÍCIO DO JOGO



FONTE: A autora (2016).

No intervalo da partida deste jogo, assim como nos outros quatro jogos no Gigante do Itiberê, o Clube promoveu o sorteio de brindes de patrocinadores e atividades de perguntas e respostas relacionadas ao Rio Branco, à Torcida Organizada e aos Patrocinadores, no setor coberto do Estádio.

O resultado do jogo foi a terceira derrota consecutiva do Rio Branco, o que pode ter contribuído negativamente à participação do público nos jogos seguintes. Neste

jogo, o público também pode ter sido mais significativo que nos posteriores em função de ter sido contra um time da Capital: rivalidade presente na história do RBSC e de Curitiba ser a cidade próxima a Paranaguá.

6.1.2 Rio Branco x Londrina (20/02)

O segundo jogo do Clube em casa ocorreu às 19h30, iniciando ainda com luz natural devido ao horário de verão e a presença do sol. Apesar do bom tempo, foi o jogo com o menor público no Gigante do Itiberê no Campeonato Paranaense de 2016, já nos arredores do Estádio, a presença de vendedores ambulantes foi maior do que no jogo anterior, havendo também maior número de torcedores na concentração antes e depois da partida.

A faixa de conscientização a respeito da dengue reaparece, assim como as mesmas atividades promovidas pelo clube no intervalo. A postura da torcida organizada no jogo anterior se repete e se mantém nos demais jogos da primeira fase do Campeonato no Gigante do Itiberê.

FIGURA 4 – FAIXA DE CONSCIENTIZAÇÃO SOBRE O MOSQUITO Aedes Aegypti



FONTE: A autora (2016).

De forma mais enérgica a partir dessa partida, surgiram diversas manifestações de apoio ao atacante Ratinho. Os gritos de seu nome foram entoados pelos torcedores, principalmente após os gols do Leão.

Ao fim do jogo, um torcedor que aparentava aproximadamente 60 anos aproximou-se e falou sobre as dificuldades financeiras do Rio Branco e a influência da torcida no desempenho do time, argumentando com base em campeonatos

anteriores. Segundo ele, o Clube possuía dívidas envolvendo ex-jogadores e a renda obtida por ele não cobria os custos de manutenção do time profissional.

6.1.3 Rio Branco x Operário (28/02)

O jogo ocorreu as 16h em um dia chuvoso, reunindo novamente poucas pessoas no Estádio. O adversário do Rio Branco, o Operário de Ponta Grossa, entrou em campo com atraso, minutos depois dos hinos do Brasil e do estado do Paraná, em decorrência de um acidente na estrada. A concentração do adversário não ocorreu em Paranaguá devido à epidemia de dengue, segundo informações anunciadas na transmissão do jogo pela rádio local e comentadas por torcedores no Estádio. Apesar do ocorrido, o jogo foi realizado.

FIGURA 5 – TIME DO RIO BRANCO E EQUIPE DE ÁRBITRAGEM ALINHADA PARA EXECUÇÃO DOS HINOS



FONTE: A autora (2016).

A TUCVB recebera os integrantes da Torcida Trem Fantasma - TTF, do Operário, em Paranaguá com uma confraternização na sede da Torcida Camisa Vermelha e Branca, localizada na Estradinha. No estádio, os torcedores trocaram faixas das torcidas, de modo que estivessem presentes uma no espaço da outra.

Nesse jogo foi possível observar os torcedores que ocupavam outros espaços das arquibancadas mais distantes da Torcida Organizada e o do setor com cobertura

integral. Espaços frequentados, maior parte, por famílias e torcedores mais velhos. O modo de torcer deste público se difere do da torcida organizada. Na maior parte do tempo, os torcedores permanecem sentados, ecoando cantos para incentivar o time nos momentos de ataque com possibilidade de gol. As reclamações e os xingamentos destinados ao time adversário ou mesmo ao time do Rio Branco ocorrem através de expressões menos agressivas que as utilizadas pelos da Torcida Organizada, algumas vezes, cômicas. Alguns destes torcedores acompanhavam a transmissão do jogo pelas rádios locais, fazendo comentários a respeito de jogadores e esquemas táticos utilizados pelo Leão em campo.

A goleada aplicada pelo Rio Branco sobre o Operário causou grande euforia entre os torcedores que festejaram efusivamente da metade do segundo tempo em diante. Alguns torcedores, mesmo os mais antigos, comentaram nunca terem visto o Rio Branco golear.

FIGURA 6 – TORCEDORA IDOSA SUBINDO NO ALAMBRADO PARA TORCER



FONTE: A autora (2016).

Após a vitória, o número de pessoas conversando e se alimentando no lado de fora do Estádio parecia ser maior do que nos outros jogos, só não se afirma porque não foram contabilizados. Os torcedores comemoram a possibilidades da

continuidade do RBSC no Campeonato, visto que com a vitória, o Rio Branco entrou na zona de classificação para fase seguinte.

6.1.4 Rio Branco x Toledo (13/03)

Após a vitória em casa e o empate fora de casa, o jogo contra o Toledo registrou o segundo maior público no Gigante Itiberê em 2016.

Horas antes do jogo a TUCVB se concentrou na sede da Torcida, no Estádio da Estradinha, onde foi servido um almoço com a contribuição de R\$10,00 de cada participante. Na Avenida Coronel Elísio Pereira, em frente à Estradinha, uma das pistas de circulação de veículos foi bloqueada para a permanência dos torcedores, que ocuparam o espaço com mesas e cadeiras e tremulavam as bandeiras da Torcida. Após, foi realizada uma caminhada até o Estádio Gigante do Itiberê.

Ao lado da sede da Torcida também funciona um bar que é um ponto de encontro de torcedores, estes mais velhos, caracterizando um público diferente. No bar, foram oferecidos mariscos e diversos tipos de carne, de modo informal, servidos em pratos que foram passados entre os presentes no local, aparentando uma reunião de amigos. Estes torcedores, a maioria uniformizada com camisetas do Clube, se mostravam receptivos e dispostos a conversar, fazendo perguntas, oferecendo comida e falando do Rio Branco. A comida oferecida, inclusive, não possuiu valor fixo, sendo pago um valor “simbólico” no momento da partida para o estádio.

Na caminhada ao Estádio seguiram apenas os membros da Torcida Organizada, que reforçavam a oposição aos torcedores dos times da capital. Durante o trajeto, alguns membros da TUCVB tentaram pegar uma camisa do Atlético PR de um torcedor deste clube, assim como uma camisa da Torcida Organizada Império Alviverde, de um torcedor do Coritiba. Além disso, pegaram, de fato, uma camisa da Fanáticos (torcida organizada do Atlético-PR), de um torcedor do clube de Curitiba que caminhava nas proximidades. Cabe ressaltar que torcedores que vestiam camisetas de times de fora do estado não foram insultados pelos torcedores do Rio Branco.

Nesse jogo, a TUCVB ocupou a arquibancada atrás do gol. Estavam presentes no Estádio, além da faixa da Torcida Organizada com o trecho do hino do Clube, outra com os dizeres: Rio Branco Eterno – A paixão do litoral-PR.

FIGURA 7 – FAIXA “ORGULHO MAIOR DE PARANAGUÁ”



FONTE: A autora (2016).

FIGURA 8 – FAIXA “RIO BRANCO ETERNO – A PAIXÃO DO LITORAL-PR”



FONTE: A autora (2016).

Durante o jogo, algumas mulheres membros da Torcida Organizada tentaram incentivar os torcedores a cantar o hino do Rio Branco para apoiar o time em campo, enquanto os demais cantavam músicas em oposição aos clubes de Curitiba. Outros

torcedores, do mesmo ou de outros setores, por diversas vezes cantavam e gritavam intensamente em apoio ao Rio Branco, acompanhando a TUCVB.

O jogo era decisivo para o Leão no Campeonato. O placar final, com vitória do Rio Branco, resultou em euforia na saída do Estádio, ocupando os arredores. Os torcedores comemoravam e comentavam o jogo e seu resultado, diante da expectativa para os últimos jogos do Campeonato e de uma possível classificação para a próxima fase.

6.1.5 Rio Branco x PSTC (20/03)

O último jogo no Gigante do Itiberê foi o que obteve maior público entre os realizados em Paranaguá no Campeonato Paranaense de 2016, mesmo após a perda fora de casa. O jogo foi realizado às 16h de um dia quente e ensolarado, o que pode ter contribuído com a participação do público.

Antes do confronto, o presidente do Rio Branco manifestava-se contrário à escolha do árbitro escalado pela Federação Paranaense de Futebol, nos meios de comunicação locais, visto que o mesmo teria prejudicado o time no jogo contra o Foz do Iguaçu, no mesmo Campeonato. Porém, não ocorreu a mudança do árbitro.

Mesmo com a derrota, o Rio Branco ainda permaneceu na disputa da classificação para a próxima fase, mas também com chances matemáticas de ser rebaixado para a segunda divisão do campeonato estadual. Os torcedores saíram do Estádio comentando o que julgaram como erros de arbitragem, talvez influenciados pelo comentário do presidente do Clube em relação ao árbitro, e o posicionamento dos jogadores no campo.

6.1.6 O Rio Branco no Campeonato Paranaense 2016

Podendo ser rebaixado, classificar-se para a próxima fase ou permanecer no meio da tabela, o Leão perdeu o último jogo da primeira fase, contra o Cascavel, disputado fora de casa, não conseguindo a sua classificação, porém a combinação dos resultados favoreceu para que ele não fosse rebaixado.

FIGURA 9 – TORCIDA NO ESTÁDIO GIGANTE DO ITIBERÊ



FONTE: A autora (2016).

6.2 O RIO BRANCO NO AMBIENTE VIRTUAL

O ambiente virtual é hoje um dos principais meios de comunicação e interação de comunidades de pessoas que possuem interesses em comum, o que levou a pesquisa a selecionar como objetos de análise publicações e comentários de publicações feitos no ano de 2016: na página oficial do Rio Branco no *Facebook*; no grupo de torcedores do Rio Branco no *Facebook* intitulado “Rio Branco Sport Club – PR”; na página oficial da Torcida Camisa Vermelha e Branca no *Facebook*; no site do Globo Esporte; e no site do Rio Branco. Publicações e comentários de outras páginas compartilhadas também foram analisadas.

As publicações da página oficial do RBSC são, em sua maioria, informações sobre: o elenco de jogadores, os resultados e resumos dos jogos, os próximos confrontos e, a venda de ingressos. Também há o compartilhamento de publicações e reportagens relacionadas ao Clube divulgadas em páginas de rádios, jornais online e outros sites.

No grupo de torcedores do Rio Branco no *Facebook* as publicações e comentários são esporádicos e em menor número entre as páginas e *sites* analisados, sendo, em sua maioria, publicações compartilhadas de outras páginas e sites, com nenhum ou poucos comentários.

Na página da TUCVB são divulgadas as atividades realizadas pelos membros, como a campanha de doação de sangue, fotos e informações do Clube, além de publicações que incentivam os simpatizantes de futebol para torcer e usar a camisa do time de sua região, no caso torcer para o Rio Branco e usar a camisa do Leão. Durante o ano a página manteve fluxo de publicações e comentários, porém não relacionados aos jogos, podendo ser interpretados como ações que buscaram unir os membros ou promover o nome da Torcida Organizada, tais como confraternizações e torneio de truco.

FIGURA 10 – PUBLICAÇÃO DA TUCVB INCENTIVANDO O USO DA CAMISA DO RIO BRANCO



FONTE: Adaptado de T. U. CAMISA VERMELHA E BRANCA (Disponível em: www.facebook.com/tucvb, 2017)

FIGURA 11 – CAMPANHA SOCIAL DE AÇÃO DE DOAÇÃO DE SANGUE DA TUCVB



FONTE: Adaptado de T. U. CAMISA VERMELHA E BRANCA (Disponível em: www.facebook.com/tucvb, 2017)

Como forma de relacionamento da Torcida Organizada com a sociedade observou-se uma ação incentivando à doação de sangue, no hemobanco do Município. A campanha de doação de sangue promovida pelos torcedores está voltada à população, o que reflete no território.

Os sites do Rio Branco e do Globo Esporte, apesar de não serem redes sociais, também possuem espaço para comentários em suas publicações. Nas publicações observou-se informações relacionadas aos jogos, vendas de ingressos e situação dos clubes no Campeonato Paranaense.

Na busca de constatar a identidade dos indivíduos, sejam relacionados ao Clube, ao Município ou ao futebol nas páginas selecionadas, se elencou alguns comentários que estão distribuídos por sub-tópicos: torcedores de outros clubes; ex-moradores de Paranaguá; Paranaguá; o Rio Branco e a política; o riobranquista e o parnanguara; o Rio Branco Sport Club de Paranaguá no estado do Paraná; o Retorno ao Estradinha.

6.2.1 Torcedores de outros clubes

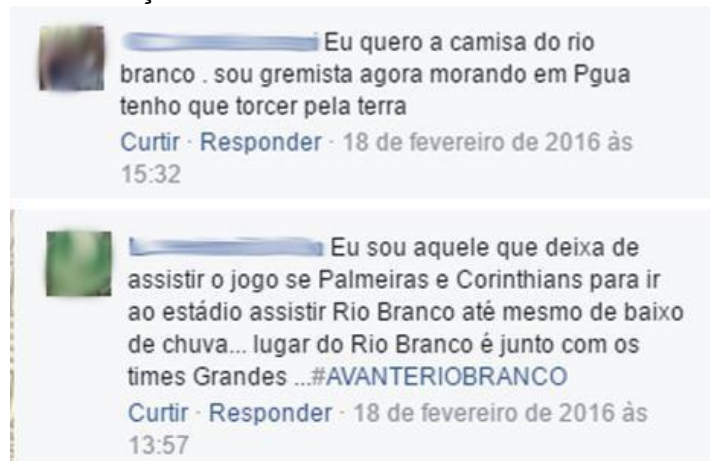
Dentre os comentários de alguns “torcedores de outros clubes” na página do Rio Branco e em publicação compartilhada por esta da página do Programa Voz do Litoral, da TVCI (emissora local), estão manifestações de apoio e simpatia ao Leão. Estes chamam a atenção dado que o pertencimento se manifesta para além do clube e ao local, ele decorre do futebol.

FIGURA 12 – COMENTÁRIOS DE TORCEDORES DE OUTROS CLUBES EM APOIO AO LEÃO NA PÁGINA DO RIO BRANCO



FONTE: Adaptado de RIO BRANCO SPORT CLUB (Disponível em: www.facebook.com/riobrancooficial, 2017)

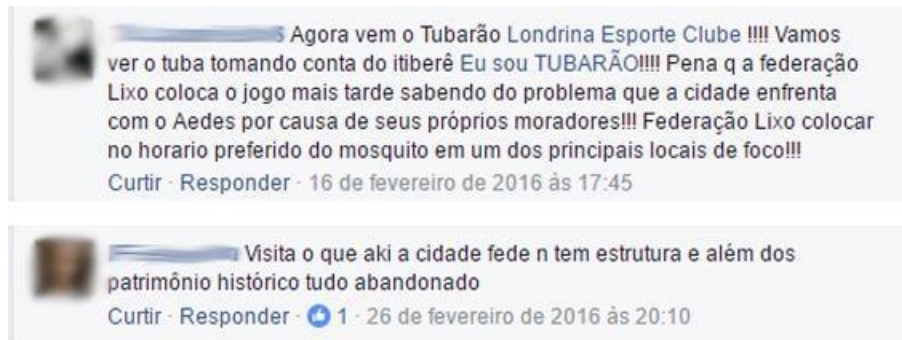
FIGURA 13 – COMENTÁRIOS DE TORCEDORES DE OUTROS CLUBES EM APOIO AO LEÃO EM PUBLICAÇÃO NA PÁGINA DO PROGRAMA VOZ DO LITORAL



FONTE: Adaptado de VOZ DO LITORAL - TVCI (Disponível em: www.facebook.com/programavozdolitoral, 2017)

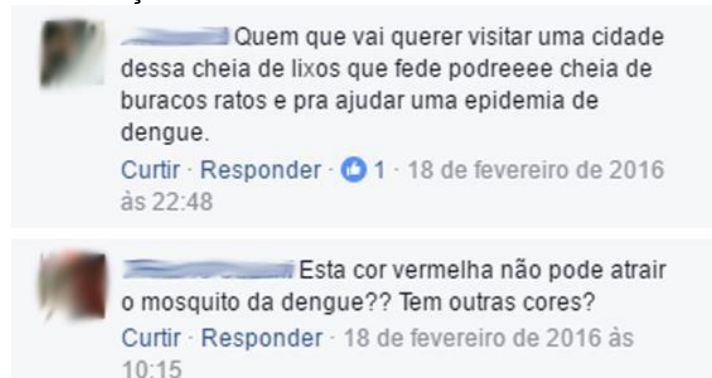
Nas mesmas páginas, ao contrário dos comentários favoráveis ao Rio Branco, existem comentários ofensivos, por vezes, fazendo referência ao município ou aos problemas enfrentados neste, no sentido de ofender o Clube e os torcedores do local.

FIGURA 14 – OFENSAS DE TORCEDORES ADVERSÁRIOS AO RIO BRANCO E A PARANAGUÁ NA PÁGINA DO RIO BRANCO



FONTE: Adaptado de RIO BRANCO SPORT CLUB (Disponível em: www.facebook.com/riobrancooficial, 2017)

FIGURA 15 – OFENSAS DE TORCEDORES ADVERSÁRIOS AO RIO BRANCO E A PARANAGUÁ EM PUBLICAÇÃO NA PÁGINA DO PROGRAMA VOZ DO LITORAL



FONTE: Adaptado de RIO BRANCO SPORT CLUB (Disponível em: www.facebook.com/riobrancooficial, 2017)

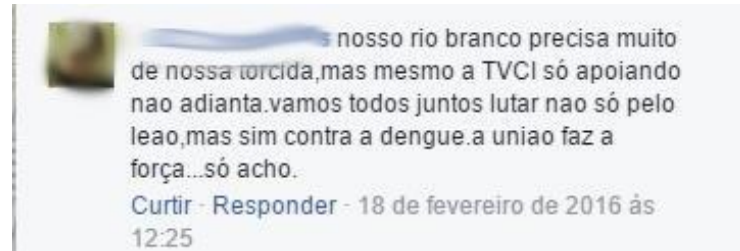
As referências ao local em publicações relacionadas ao Rio Branco demonstram a ligação entre eles no imaginário de pessoas que se manifestaram. Nas provocações, o local relaciona-se com o contexto do futebol, como observado nas análises de Damo (1998) a respeito do Grêmio.

6.2.2 Ex-moradores de Paranaguá

Alguns dos comentários que fazem referência a Paranaguá foram realizados por quem mora em outros lugares, mas que já moraram em Paranaguá ou guardam na memória o Município e se manifestam no espaço do futebol ou do RBSC.

Assim como torcedores adversários abordaram os problemas enfrentados pelo município como forma de ofensa, há torcedor que utiliza o problema vivido para motivação contra esse, através da união.

FIGURA 17 – COMENTÁRIO DE INCENTIVO NA CAMPANHA CONTRA A DENGUE EM PUBLICAÇÃO NA PÁGINA DO PROGRAMA VOZ DO LITORAL



FONTE: Adaptado de VOZ DO LITORAL - TVCI (Disponível em: www.facebook.com/programavozdolitoral, 2017)

Mesmo que indiretamente, o comentário demonstra que os problemas sociais apresentam relação do Rio Branco com a cidade, colocando torcedores e população em um mesmo contexto.

O problema de saúde pública no Município foi abordado também no site do Globo Esporte, em matéria sobre os treinos do time do Rio Branco em Paranaguá, ou seja, sai das redes sociais para as mídias de formação de opinião.

FIGURA 18 – REPORTAGEM DO GLOBO ESPORTE SOBRE A EPIDEMIA DE DENGUE EM PARANAGUÁ



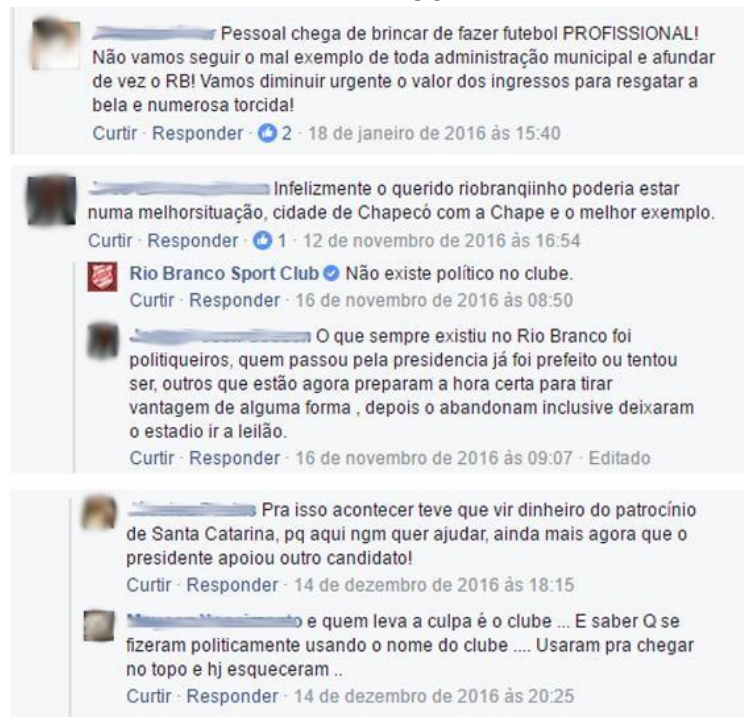
FONTE: Adaptado de GLOBO ESPORTE (Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/pr/futebol/times/rio-branco-pr/noticia/2016/01/rio-branco-pr-alteratreinos-para-evitar-dengue-em-paranagua.html>, 2017)

Através do Rio Branco, os problemas enfrentados no Município extrapolam o contexto do local, estando presentes no discurso de mídias que possuem abrangência a nível nacional.

6.2.4 O Rio Branco e a política

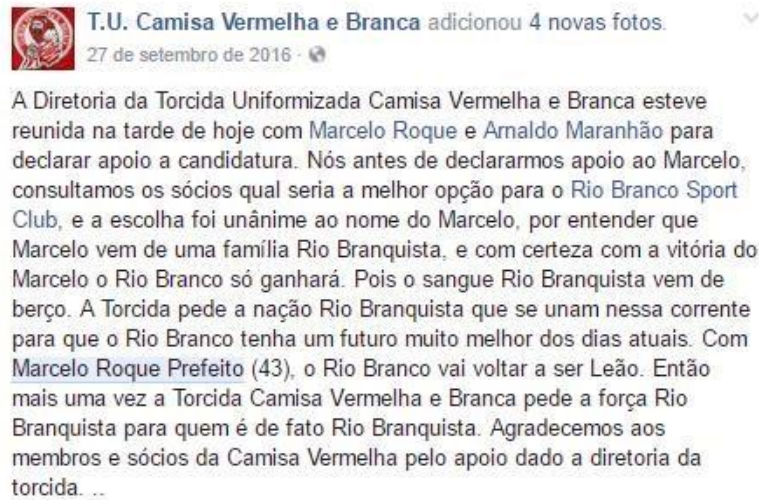
Um indicativo de que o Rio Branco ultrapassa a área do futebol, do Clube, e atua na cidade se deve à sua relação com a política. O poder político foi observado nos comentários de torcedores na página do Rio Branco, assim como o posicionamento da Torcida Organizada em apoiar um candidato a prefeito e candidatos a vereadores nas eleições de 2016. Segundo publicação em sua página, a TUCVB fez sua escolha de representação política sob a justificativa de que seria a melhor opção para o Clube.

FIGURA 19 – COMENTÁRIOS RELACIONADOS A POLÍTICA NO MUNICÍPIO NA PÁGINA DO RIO BRANCO



FONTE: Adaptado de RIO BRANCO SPORT CLUB (Disponível em: www.facebook.com/riobrancooficial, 2017)

FIGURA 20 – APOIO DA TUCVB AO CANDIDATO A PREFEITO



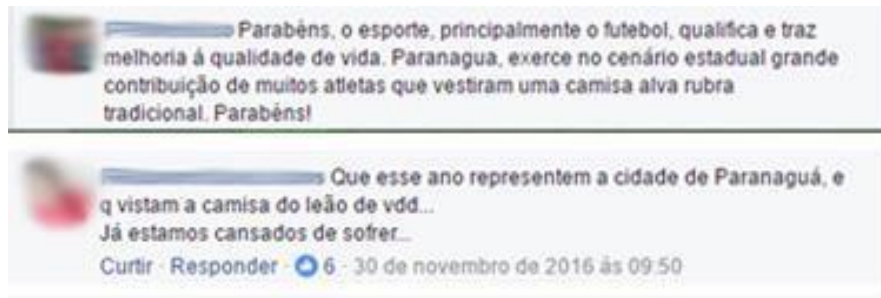
FONTE: Adaptado de T. U. CAMISA VERMELHA E BRANCA (Disponível em: www.facebook.com/tucvb, 2017)

O candidato a Prefeito Marcelo Roque, apoiado pela Torcida é filho de um expresidente do Rio Branco e ex-prefeito de Paranaguá, Mário Roque, já falecido. O candidato a Vereador Ratinho é ex-jogador do RBSC, que disputou o Campeonato Paranaense de 2016, sendo um dos “ídolos” cujo nome era gritado pelos torcedores durante os jogos. Neste processo, o Clube, os torcedores e os tomadores de decisão do Município aparecem relacionados.

6.2.5 O riobranquista e o parnanguara

A relação entre ser parnanguara e ser riobranquista é exposta com certa frequência quando torcedores se referem ao Clube. O município de Paranaguá é citado em comentários que exaltavam o Leão e o ato de torcer por ele.

FIGURA 21 – O ORGULHO EM SER RIOBRANQUISTA E PARNAGUARA NA PÁGINA DO RIO BRANCO



FONTE: Adaptado de RIO BRANCO SPORT CLUB (Disponível em: www.facebook.com/riobrancooficial, 2017)

FIGURA 22 – ORGULHO EM SER RIOBRANQUISTA E PARNAGUARA NA PÁGINA DO PROGRAMA VOZ DO LITORAL

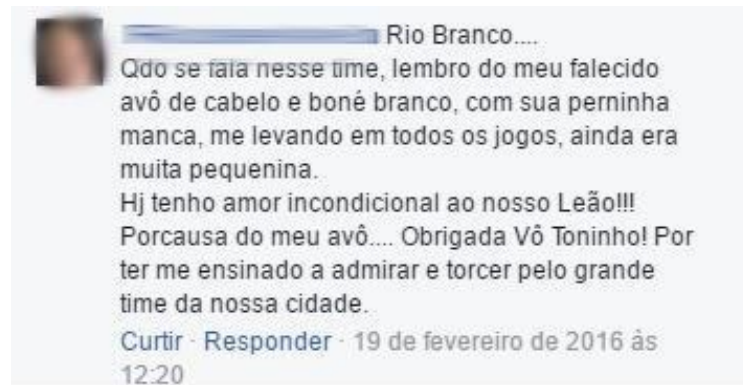


FONTE: Adaptado de VOZ DO LITORAL - TVCI (Disponível em: www.facebook.com/programavozdolitoral, 2017)

Os comentários de orgulho em ser morador de Paranaguá e de defender as cores do time local, no caso, ser riobranquista e ser parnanguara tornam o local e o clube indissociáveis.

A admiração e a aprendizagem de torcer pelo Rio Branco, em alguns comentários estão relacionadas à infância, à família e aos costumes de acompanhar e de torcer pelo Clube do local. O Clube, neste contexto, promove lembranças afetivas aos torcedores. Não são somente laços familiares que aparecem relacionados ao Clube, o local também aparece nas lembranças quando se fala do Clube.

FIGURA 23 – COMENTÁRIO RELACIONADO A MEMÓRIA FAMILIAR

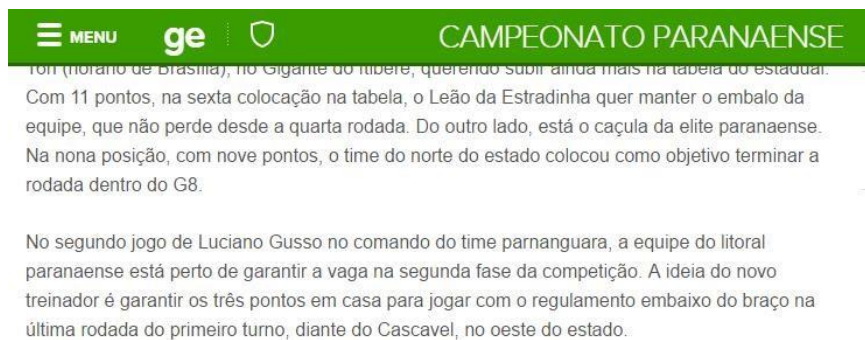


FONTE: Adaptado de VOZ DO LITORAL - TVCI (Disponível em: www.facebook.com/programavozdolitoral, 2017)

6.2.6 O Rio Branco de Paranaguá no estado

O nome do Rio Branco, nos meios de comunicação de abrangência estadual e nacional, também é acompanhado de menção a Paranaguá e ao Litoral do Paraná, sendo uma forma de expor qual município e região o Clube representa no âmbito do futebol.

FIGURA 24 – TRECHO DE MATÉRIA NO GLOBOESPORTE.COM



FONTE: Adaptado de GLOBO ESPORTE (Disponível em: globoesporte.globo.com/pr/futebol/campeonato-paranaense/noticia/2016/03/em-ascensao-rio-branco-pr-recebe-o-pstc-em-duelo-no-gigante-do-itibere.html, 2017)

Na semana em que foi realizada a terceira rodada do Campeonato, na página oficial do Campeonato Paranaense no *Facebook* foi publicado um vídeo convocando os torcedores para o jogo entre Rio Branco e Atlético, que iniciava com os seguintes dizeres: “A primeira capital do Paraná é mais do que um porto, o orgulho maior de Paranaguá é o Rio Branco, o Leão da Estradinha, o Esquadrão Alvirrubro do Litoral...” (disponível em: www.facebook.com/pg/Paranaense2017/videos). Os dizeres colocam

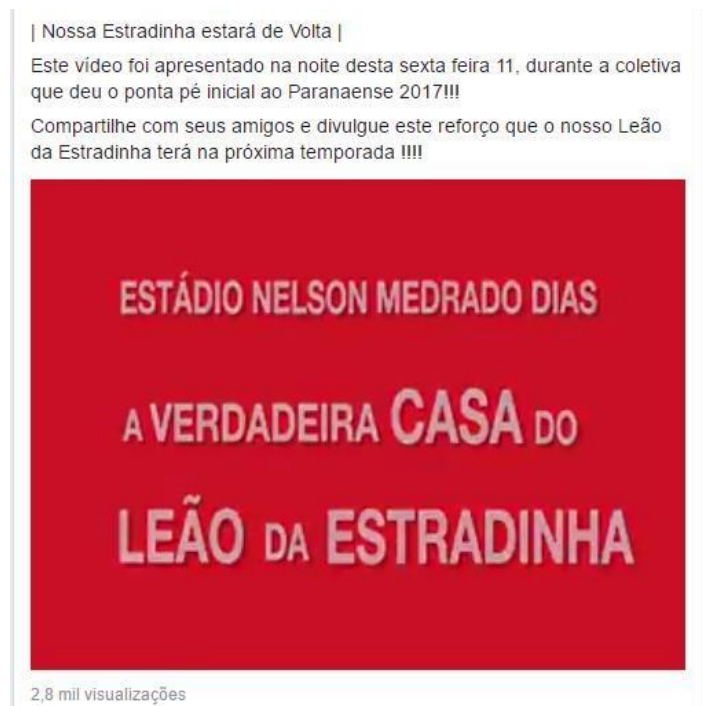
o Clube como o representante de Paranaguá e relacionam o Local a sua posição histórica política no Estado e econômica atual.

O Rio Branco, na mídia esportiva do Paraná, representa Paranaguá. Assim, os “fãs do futebol paranaense”, aqueles que acompanham o esporte e suas competições, passam a relacionar o Clube com o lugar em que este está inserido.

6.2.7 O Retorno a Estradinha

No final de 2016, a diretoria do Rio Branco anunciou que o Clube voltaria a jogar no Estádio da Estradinha já no Campeonato Paranaense de 2017, o que promoveu diversos comentários sobre o desempenho do time e de outras lembranças do local. A admiração pela Estradinha, decorrentes das vitórias do Leão, estavam todas relacionadas às memórias, já que os jogos estavam ocorrendo no Gigante Itiberê.

FIGURA 25 – A VOLTA DA ESTRADINHA NA PÁGINA DO RIO BRANCO

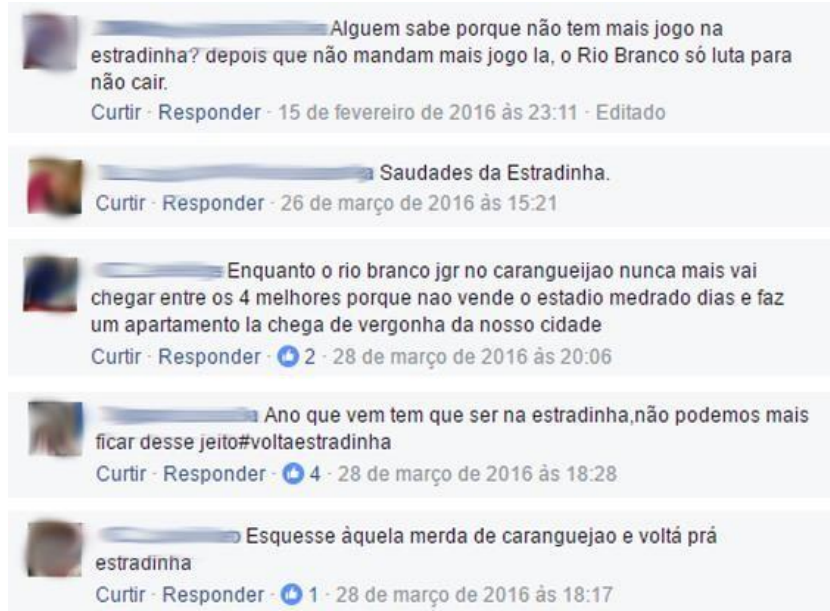


FONTE: Adaptado de RIO BRANCO SPORT CLUB (Disponível em: www.facebook.com/riobrancooficial, 2017)

Durante o Campeonato Paranaense de 2016, os maus resultados do Clube em alguns jogos e a não classificação para a segunda fase foram relacionadas por alguns torcedores ao Estádio. Muitos torcedores do Rio Branco já pediam a volta dos jogos

no Estádio Nelson Medrado Dias, relacionando os triunfos do time e a pressão aos adversários promovida pela torcida naquele local.

FIGURA 26 – COMENTÁRIOS DE DESEJO PELO RETORNO DÀ ESTRADINHA NA PÁGINA DO RIO BRANCO



FONTE: Adaptado de RIO BRANCO SPORT CLUB (Disponível em: www.facebook.com/riobrancooficial, 2017)

O retorno ao antigo estádio do Rio Branco tornou-se, então, a principal aposta dos torcedores que acreditam na vitória do Leão quando este joga “na sua casa”.

O retorno ao Estádio da Estradinha também foi comentado por torcedores adversários. Na página do Rio Branco no *Facebook* foram numerosos os comentários em que torcedores marcavam colegas, amigos ou familiares compartilhando a notícia e os chamando para os jogos na Estradinha.

FIGURA 27 – COMENTÁRIOS SOBRE O RETORNO DA ESTRADINHA

 Já to imaginando a estradinha lotada novamente... vai virar caideirão!!!
Curtir · Responder · 12 de novembro de 2016 às 15:17

 Com a estradinha de volta o Leão será mais forte
Curtir · Responder · 12 de novembro de 2016 às 14:50

 Aí sim, resgate da tradição! Departamento de marketing tem que puxar nesse sentido! Tem que lotar a estradinha, ingresso acessível... Tomara que tenha um time que encaixe, vai ser emocionante! Sorta o leão!
Curtir · Responder · 1 · 12 de novembro de 2016 às 23:38

 s de volta pra labarbonera paranguara solta o leão!
Curtir · Responder · 13 de novembro de 2016 às 00:12

 Dava gosto ir assistir o Leão da estradinha. Se jogar o paranaense na como foi prometido, mesmo com jogadores meia boca na estradinha é foda ganhar do Leão. Vamos que vamos Leão.
Curtir · Responder · 3 · 13 de novembro de 2016 às 01:18

 Aí sim!!!! Chega daquele caranguejão chat!!!!
Curtir · Responder · 2 · 22 de novembro de 2016 às 14:26

 Moro bem perto do Nelson Medrado,daqui posso ouvir os gritos da torcida,o caranguejão nunca nos ajudou na pressão aos adversários,será uma emoção sem igual voltarmos à nossa casa!
Curtir · Responder · 1 · 22 de novembro de 2016 às 13:53

 Assisti muitos jogos ali, vai ser muito bom entra de novo no Nelson medrado, que saudades, relembrar qndo ficava na grade vibrando pelo leão. Solta o leão
Curtir · Responder · 24 de novembro de 2016 às 21:32

 Vou chorar ao sentar nessas arquibancadas, só em lembrar de meu pai! Oh glória
Curtir · Responder · 3 · 21 de novembro de 2016 às 12:43

 Eu fui nesse estádio quando era criança, vou de volta! Rio branco udo nosso!
Curtir · Responder · 1 · 10 de dezembro de 2016 às 16:34

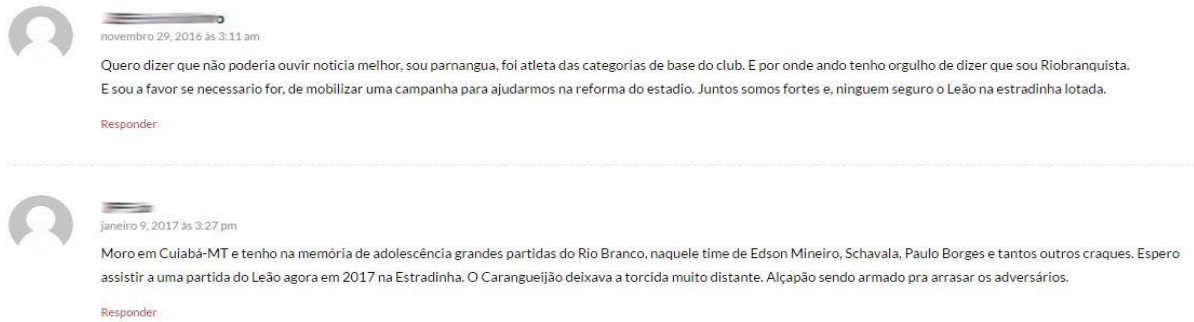
 A estradinha é uma das alegrias da cidade de Paranaguá, quando o time joga na estradinha sempre os resultados são positivos.
La bombonera paranguara sim pois não importa o momento a torcida sempre se faz presente como você pode ver no video pessoas simples ajudando com amor ao clube, eu hoje moro no estado de Santa catarina e vou apoiar o Rio branco, e aos torcedores do Coritiba serão todos bem vindos na estradinha pois a festa não se faz sozinho .
Curtir · Responder · 1 · 12 de dezembro de 2016 às 13:34

 Estamos indo devolta pra casa
Curtir · Responder · 1 · 10 de dezembro de 2016 às 19:59

 Estádio histórico e tradicional . Boa sorte ao Rio Branco e sua torcida maravilhosa.
Curtir · Responder · 16 de dezembro de 2016 às 09:29

FONTE: Adaptado de RIO BRANCO SPORT CLUB (Disponível em: www.facebook.com/riobrancooficial, 2017)

FIGURA 28 – COMENTÁRIOS SOBRE O RETORNO DA ESTRADINHA NO SITE DO RIO BRANCO



FONTE: Adaptado de RIO BRANCO SPORT CLUB (Disponível em: riobrancosportclub.net.br/diretoria-do-rio-branco-anuncia-a-reforma-e-a-volta-da-estradinha-para2017, 2017)

FIGURA 29 – COMENTÁRIOS SOBRE O RETORNO DA ESTRADINHA DE TORCEDORES ADVERSÁRIOS NA PÁGINA DO RIO BRANCO



FONTE: Adaptado de RIO BRANCO SPORT CLUB (Disponível em: www.facebook.com/riobrancooficial, 2017)

Os comentários relacionados ao Estádio da Estradinha expõem a importância deste aos torcedores, retomando a história do Rio Branco, na medida em que as lembranças das vitórias estão ligadas a esse espaço. Desse modo, o retorno do Leão à Estradinha se traduz na esperança de um bom desempenho no Campeonato Paranaense de 2017, uma ideia que não se consolidou, dado que o Clube foi eliminado na primeira fase do campeonato.

6.3 O RIO BRANCO NA MEMÓRIA DO ATORES

A identidade e o pertencimento ao Rio Branco Sport Club são permeados por relações que as pessoas estabelecem com o Clube, direta ou indiretamente, e que se manifestam de diferentes formas. Através de depoimentos em entrevistas realizados com um dos dirigentes do Clube, dois ex-jogadores e atuais funcionários, um radialista, um diretor da TUCVB, um historiador e escritor de esporte no litoral

paranaense e um torcedor antigo pode-se interpretar e compreender a identidade e o pertencimento da população local, torcedores do clube, e o que estes representam. Entre os discursos que conduzem a interpretação e a compreensão da identidade e pertencimento relacionados ao Rio Branco Sport Club e ao local, estão: a história do futebol profissional do Clube, a torcida além do clube e jogo, a influência do Clube no local e deste no Clube, a representatividade do Clube no estado, as memórias de jogos e campeonatos, incluindo participações de destaque da torcida, e a mística e lembranças evocadas pelo Estádio da Estradinha.

6.3.1 A história do futebol profissional do Rio Branco Sport Club

O Rio Branco Sport Club é uma organização social que completou 103 anos em 2016, com participação nos primeiros campeonatos realizados no estado, por isso é considerado uma equipe tradicional do esporte pelo historiador e pelo radialista entrevistados que estudaram e acompanharam a história do Leão.

Parte da riqueza da história do Clube perdeu-se no tempo, sendo uma crítica do dirigente entrevistado, que considera descuido de diretorias que passaram pelo Rio Branco em preservar a história.

É, a gente não tem nada aqui do passado. As diretorias anteriores não deixaram nada. Nem documento de compra nem documento histórico. Então tudo o que a gente tem é o que a gente foi buscando, que a gente fez campanha na internet, pra mandarem fotos antigas, mandarem relatos, então tudo o que a gente tem é assim sabe, então o que a gente conseguiu é resgatar (Dirigente, entrevista em 23 de dezembro de 2016).

O registro dos acontecimentos (quantitativos e qualitativos) mostra-se, segundo o dirigente, um ponto fraco do Clube, o que torna ainda mais importante a torcida e a população de Paranaguá em manter viva a história e a tradição do Leão, através de lembranças que vêm a memória, como relatado por ele quando da campanha na internet para resgate histórico.

Os torcedores não só contam a história do Clube, como também fazem a história deste. O hino entoado pela torcida nos jogos não é o oficial do Clube, mas o adotado pelos dirigentes.

Que assim, esse hino não é o hino oficial, o hino que a gente utiliza aqui não é o hino que foi criado oficial. Eles fizeram uma melodia depois e uma letra diferente. Tem um outro hino entendeu (Dirigente, em entrevista em 23 de dezembro de 2016).

Os torcedores e a população de Paranaguá são peças chaves no resgate da história do Clube, não só pela falta de compromisso dos dirigentes em deixar os registros para compor a história, mas pelo reduzido número de jogadores que podem contribuir para contá-la. A montagem do elenco do Rio Branco para a disputa do Campeonato Paranaense ocorre no fim do ano, com um contrato que encerra ao fim do campeonato ou na desclassificação antecipada, dificultando a evolução dos jogadores no Clube e na identificação destes pelos torcedores e população local. A contratação dos jogadores não apresenta relação com o local, ela é realizada com base no perfil dos atletas que condizem com o exigido pelo Clube e pelos torcedores: “um perfil aguerrido em campo”.

Por que que desmancha-se? Porque não tem calendário. O clube não disputa nada no segundo semestre. Então a gente tá montando um time mais forte pra tentar buscar o calendário. O que é o calendário... você tem que ficar numa determinada posição pra conquistar a vaga na série D. E aí sim no segundo semestre tem atividade, aí se consegue manter. Porque senão é sempre um trabalho, uma situação que você acaba montando o time no escuro, pode dar certo como pode dar errado, e se você conseguir ter esse calendário é muito mais fácil e mais correto também (Dirigente, em entrevista em 23 de dezembro de 2016).

A maioria, vou falar da formação de hoje né, a maioria são atletas de fora. Aí, claro, tudo analisado com o perfil do clube, é feito uma análise em relação aos jogadores, as características em função do torcedor, que gosta de um time mais aguerrido, um time mais batalhador, então as contratações são feitas nesse sentido (Dirigente, em entrevista em 23 de dezembro de 2016).

Apesar dos jogadores não serem nativos, sua relação com a população local pode ser considerada próxima, de acordo com o depoimento de um ex-jogador. Esta proximidade pode ser justificada por Paranaguá possuir aproximadamente 150 mil habitantes, o que possibilita a convivência. Além disso, a população parnanguara foi apontada como acolhedora, o que facilita a relação.

Se o Rio Branco estiver caminhando bem, o jogador na cidade ele tem tudo né. Porque, principalmente eu quando jogava, eu era daqui da cidade né, então você vai no centro, vai em qualquer lugar, todo mundo te conhece. Então tem aquela participação assim com o torcedor né, de a gente sair na rua e o torcedor perguntar como tá o Rio Branco, vamo lá, é aquele incentivo do torcedor né. Então é um... posso dizer assim né, é um elo muito grande

entre o torcedor e os atletas da cidade (ex-jogador e funcionário 1, em entrevista em 23 de dezembro de 2016).

A história do Clube é feita pela população local, muitos desta população, assíduos torcedores e acolhedores de jogadores: uma relação de proximidade.

6.3.2 A torcida além do clube e jogo

A torcida do Rio Branco foi considerada, pelo radialista entrevistado, como forte e vibrante, não diferente da opinião do escritor futebolístico que a considera com grande poder de mobilização para apoiar o time e capaz de lotar os estádios. A definição da torcida pelo escritor, se refere aos anos em que o Clube teve bom desempenho nos campeonatos estaduais, quando a torcida acompanhava o Clube em todo o estado, o que não condiz com o desempenho de 2016. A caracterização de uma torcida forte expõe a ideia de que, para o torcedor e simpatizante do futebol, a verdadeira torcida do Rio Branco é aquela que comparece em grande número aos jogos e que marca presença nas arquibancadas através de festas e apoio.

O Clube e a torcida são resultados de uma construção coletiva, na medida em que os torcedores se vêm como parte integrante do Rio Branco e, algumas vezes, como protagonista em sua história.

Olha, não sou eu que digo... eu que viajei por esse Paraná inteiro, viajei por todos os lugares, a torcida do RB foi apontada como uma das mais vibrantes. Uma das mais vibrantes... hoje não, hoje a torcida tá desgostosa, o time não tem participações boas no campeonato, nesses últimos anos tem disputado pra não descer pra segunda divisão até a última rodada, a torcida tá meio chateada (Radialista, em entrevista em 23 de dezembro de 2016).

A febre do futebol na torcida parnanguara era algo muito grande, sabe. Pena que hoje nós não tenhamos mais isso (Historiador e Escritor, em entrevista em 16 de janeiro de 2017).

A torcida é que carregou o clube nas costas. Essa é a realidade né. Como eu disse, o estádio vivia lotado. O torcedor... não tô me referindo à torcida organizada, tô me referindo à torcida, torcedor, e esse é a razão de ser do clube, não é a torcida organizada. Mas eles também se organizaram né, quando começa essa onda de torcida organizada você tem lá a torcida do leão. Mas enfim, o torcedor parnanguara ele sempre fez questão de comparecer porque, porque ele tava sendo representado pelo time. Esse é o estigma que nós falamos agora da paixão do torcedor, né. Você vai a campo porque aqueles que estão lá correndo atrás da bola, eles estão te representando. É assim que o torcedor pensa né. É assim que o torcedor age. E o torcedor de Paranaçu não foi diferente. Ele se engajou nas cores do Rio Branco né, que o Rio Branco é o seu legítimo representante né. Então essa

é a importância dele (Historiador e Escritor, em entrevista em 16 de janeiro de 2017).

Então a torcida do RB é uma torcida maravilhosa, porque quando tem jogos vem de todos os clubes do interior, do norte do Paraná, Londrina, onde for... sempre aqui o RB tira o primeiro lugar na renda né. Esses times da capital e sempre tá em terceiro lugar porque a torcida vai em peso (Torcedor antigo, em entrevista em 21 de janeiro de 2017).

Que o RB ele é um time antigo né, ele tá com o que... 103 anos. Então um time muito querido né. O Leão da Estradinha quando tem jogo aqui, a torcida vai em peso (Torcedor antigo, em entrevista em 21 de janeiro de 2017).

Uma das características da torcida do Rio Branco, apontada pelo torcedor antigo entrevistado, é a sua postura em evitar brigas e violência, caracterizando-a como uma torcida pacífica. Esta afirmação remete-se à parcela da torcida da qual faz parte, dos mais velhos.

A identificação de uma torcida forte do RBSC, na opinião do torcedor mais velho, não está relacionada a briga ou violência. A definição de torcida forte no passado e fraca no presente está relacionada a redução do número de torcedores nos estádios, dado o relato do dirigente de que o clube necessita buscar estratégias para atrair novos torcedores. Duas são as causas relatadas indiretamente ou diretamente relacionadas à redução dos torcedores no campo: a mudança na estrutura familiar ou no relacionamento familiar, que leva o torcedor a ir sozinho no campo e a transmissão dos jogos pela televisão e os custos dos ingressos, mencionado pelo historiador e escritor futebolístico, ambos tem promovido o distanciamento do torcedor do estádio.

A torcida do Rio Branco é uma torcida muito carinhosa. É uns torcedor que eles torce mas não gosta de briga, já aconteceu muito jogos aqui no Gigante do Itiberê, jogador que vem lá de fora principalmente do Paraná e do Atlético, quando chega aqui, já aconteceu né, aconteceu de eles chegarem aqui e começarem a beber, torcedor do Atlético ou do Paraná, que a polícia chega e entra de dentro na pancada mesmo, no cassetete pra poder apartar aquelas brigas. Eles começam a beber, jogador do Rio Branco tão ali, de repente vem torcedor do Atlético, vem do Paraná, eles não brigam com a torcida do Rio Branco, é mais com os torcedores deles mesmo lá... entrar na porrada que já chegou até de eu ver sangue, ali na estradinha, briga, e a guarda municipal, polícia militar entrou com cassetete e prendeu gente, por causa do que... é aqueles torcedores que ele não entende o que é torcer pro time (Torcedor antigo, em entrevista em 21 de janeiro de 2017).

Olha, eu acho que a maioria ainda é mais antiga. Eu acho que o Rio Branco, a gente tá até discutindo isso muito assim, de estar buscando novos torcedores. Porque o que que acontece, o Rio Branco voltou para a primeira divisão em 1995. De lá pra cá, essa que é a grande realidade, não conseguiu realizar um grande campeonato. O Rio Branco nunca chegou numa final, por

exemplo. E o que forma novos torcedores? Resultado (Dirigente, em entrevista em 23 de dezembro de 2016).

[...] aí o tempo vai passando e talvez agora não tenha mais o avô, então a gente tem que ter um atrativo a mais para trazer pessoas sozinhas para o estádio né, digamos assim, então esse que é o nosso grande desafio (Dirigente, em entrevista em 23 de dezembro de 2016).

Hoje se gosta de futebol mas você vê... dá pra vê na televisão, você não precisa pagar pra ir ao campo. E o custo do ingresso também é bastante caro, né. Então eles deixaram de investir no futebol. E isso aconteceu em Paranaguá (Historiador e Escritor, em entrevista em 16 de janeiro de 2017).

A relação de dirigente, ex-jogador e torcedores com o Rio Branco foi, por diversas vezes, declarada como familiar, exposta em sentimentos. Esses laços afetivos com o Clube levam o futebol do Leão a estar presente na casa dos torcedores, assim como a família dos torcedores está presente no estádio. Por conseguinte, o ato de torcer pelo RBSC infiltrar-se na cultura do município.

Olha, eu sou torcedor também. Pra mim o Rio Branco é tudo, é amor, paixão, é como se fosse um filho, um pai, faz parte da vida. Pro torcedor, assim... não consegue ficar sem isso. Aí falando como torcedor, o que eu sinto, aí tenho certeza que a maioria dos torcedores sentem isso também (Dirigente, em entrevista em 23 de dezembro de 2016).

A gente vê assim que é uma população muito família né, que é uma população que eles... é... como é que eu posso te dizer, eles sentem o medo do jogador dentro de campo, eles sente a dificuldade, porque eles tão alí eles tão perto, eles contagiam os jogadores, então eles trazem pra gente essa... a gente vê o torcedor alí e a vibração deles e isso aí faz com que a gente tenha força de briga, né, que a gente se supere, tenha uma superação a mais né, e é o que eu digo, a gente vê as vezes um senhor de idade né, na arquibancada torcendo, vibrando, às vezes a gente perde um gol eles ficam bravo, eles xingam, porque é como se eles tivessem dentro de campo. É um torcedor como se ele tivesse dentro de campo com a gente, né (ex-jogador e funcionário 1, em entrevista em 23 de dezembro de 2016).

O RB pra mim, ele é um time que eu acredito que nunca vai sair da minha mente, do meu coração, porque foi aonde começou a felicidade pra um filho, pra família, né. [...] Então o RB é um time que ele me traz muita alegria, porque foi a felicidade da minha família (Torcedor antigo, em entrevista em 21 de janeiro de 2017).

Ah, pra aquele que gosta de verdade, pra aquele que aprendeu a torcer pelo RB desde pequeno como eu, acho que.. não vou dizer que é o primeiro amor ou segundo amor porque, o que a gente sempre fala, torcida organizada a gente não sabe porque que torce, porque que segue. É um amor muito grande. Essa é que é a verdade (Diretor da TUCVB, em entrevista em 14 de janeiro de 2017).

O Rio Branco não é um Clube somente de torcedores parnanguaras, segundo o radialista e o dirigente entrevistado, torcedores dos clubes de Curitiba parecem querer bem o Clube. Esse carisma é atribuído pela receptividade da população parnanguara. A história do Leão no futebol do estado do Paraná também impacta no carisma do Clube em todo o Estado.

O torcedor do Curitiba, do Atlético, do Paraná, tem o Rio Branco como segundo time. [...] Eu acho que tem uma influência o carisma, a receptividade que o parnanguara tem, a união que há muitos anos com o Curitiba, aquela proximidade, aquele intercâmbio, tornou o RB um time simpático, por isso ele é considerado o segundo time do torcedor paranaense, pela proximidade com Paranaguá e pelo acolhimento que os time tem (Radialista, em entrevista em 23 de dezembro de 2016).

A gente sempre viu que o RB sempre foi o 4º time... o 2º time quase do Paraná inteiro né. Principalmente de Curitiba né. Lá os curitibano torcem pro Curitiba, mas também sempre torceram para o bem do RB. Então eu acho que o RB é muito bem quisto no Paraná, né. Então é um time que muita gente tem carinho pelo RB né. Pela história, por ser um clube de 100 anos. Por ser um clube que todo mundo sabe que tem potencial de crescer e infelizmente algumas coisas não cresçam ainda (Diretor da TUCVB, em entrevista em 14 de janeiro de 2017).

No estádio, a torcida apoia os jogadores, motivando-os às vitórias. Ela faz parte do espetáculo do jogo de futebol, influenciando no resultado das partidas e tendo nas vitórias do time o seu motivo de alegria. O torcedor busca, através do Clube que o representa, emoções, pois nem sempre as vitórias ocorrem. Torcer é a forma que o torcedor parnanguara tem de motivar seu time à vitória e sentir-se alegre por ela.

O público é importante, é muito importante por causa disso. Ele traz emoção, ele traz vontade pro jogador. É isso aí que é importante a torcida (Radialista, em entrevista em 23 de dezembro de 2016).

É as vitória. Quando ele ganha, então nós que somo torcedor, nós ficamos feliz, né. Porque se você torce pra um time quando ele é campeão, você vai ter aquela emoção, muita alegria, né, porque o time foi campeão. É o que o RB traz pra nós né, quando ele tá jogando, se perde ou ganha, mas como a gente é torcedor do Rio Branco do coração, sempre tá ali junto, né. Seja naqueles momento bom ou mau, mas nós tem que tá presente pra ajudar (Torcedor antigo, em entrevista em 21 de janeiro de 2017).

Os jogadores cansam de dizer que com torcida eles conseguem, eles dão aquele gás a mais, isso e aquilo (Diretor da TUCVB, em entrevista em 14 de janeiro de 2017).

A Torcida Uniformizada Camisa Vermelha e Branca possui um modo de torcer que difere dos demais torcedores do Rio Branco e se aproxima do modo de torcer das torcidas organizadas. A TUCVB, segundo o diretor entrevistado, é composta por 35 a 40 associados que contribuem mensalmente com recursos financeiros e, na arquibancada, junta de 300 a 400 torcedores.

A TUCVB, segundo o diretor, é a torcida do Rio Branco que permaneceu mais tempo ativa, oito anos, existindo outras anteriormente. O Diretor relaciona a extinção das torcidas organizadas às dificuldades em manter os membros engajados no Clube, devido a atuação do time profissional durante apenas três meses no ano. Para ele, a TUCVB se diferencia das demais torcidas organizadas que o Rio Branco teve pela participação desta na gestão do Clube.

Na verdade a gente, a Torcida CVB ela atua diretamente nas eleições do clube né, diretamente em ações do clube. As outras torcidas nós temos conhecimento que não participavam, só iam na arquibancada e não participavam diretamente dentro do clube. Nós não, nós tivemos até candidato a presidente do clube né, então essa é a diferença dessa torcida com a.. ideologia dessa diferente com as outras (Diretor da TUCVB, em entrevista em 14 de janeiro de 2017).

A TUCVB possui uma sede na Estradinha e duas “sub-sedes”, uma em Pontal do Paraná e a outra em Antonina, o que contribui para atrair torcedores de outros municípios do litoral do Paraná, expandindo a torcida do Rio Branco para além de Paranaguá.

E para Paranaguá é uma revolução na verdade. Paranaguá não tá acostumada com isso né, a gente... todo mundo... Paranaguá tá acostumada a ver torcidas organizadas de outras cidades, e pra Paranaguá eu acho que é novidade ainda. Por mais que já tenha existido outras, aqui em Paranaguá ainda é novidade (Diretor da TUCVB, em entrevista em 14 de janeiro de 2017).

A TUCVB, segundo o seu diretor, não canta músicas que fazem referência a Paranaguá e, se existem, não são lembradas. Porém, o Município é referenciado em elementos visuais: faixa.

Eu não sei te responder se a gente tem ou não tem e se são duas ou uma (músicas que fazem referência a Paranaguá), porque faz tempo talvez que a gente não canta mais sabe. Mas se tem não tá sendo usada agora (Diretor da TUCVB, em entrevista em 14 de janeiro de 2017).

A gente faz questão de levantar o nome de Paranaguá, né. Inclusive nós temos faixas que diz o nome de Paranaguá. Até nós temos uma faixa que diz “orgulho maior de Paranaguá”, então a gente procura sempre levantar o nome da cidade também. E sempre procura deixar esses 2 lados sempre bem juntos, o clube com a cidade (Diretor da TUCVB, em entrevista em 14 de janeiro de 2017).

Independentemente do Rio Branco estar em ação através do time profissional, as confraternizações entre os membros da Torcida Organizada, segundo o diretor entrevistado, ocorrem durante todo o ano.

As confraternizações não ocorrem somente com os membros da torcida organizada, nas viagens realizadas para outros municípios do estado onde o time joga os torcedores se relacionam com outras torcidas, havendo amizade em alguns casos e inimizade em outros. Torcer em outro município faz com que os torcedores exponham a cidade onde está sediado seu clube, como um território de pertencimento.

Na verdade hoje nós temos uma sede aqui na estradinha já faz um ano e meio embaixo do estádio do RB. Então a gente se reúne aqui duas, três horas antes do jogo, sai daqui e iria pro outro estádio que é o Gigante do Itiberê. Mas agora como os jogos vão ser aqui a concentração vai ser sempre na estradinha, aqui na nossa sede (Diretor da TUCVB, em entrevista em 14 de janeiro de 2017).

Existe lugar que a gente é muito bem recebido como em Ponta Grossa, né. Lá nós somos aliados da Torcida Trem Fantasma, a gente tem uma parceria de chegar lá e eles fazem churrasco pra nós. Eles vem pra cá e a gente faz churrasco pra eles. Já é diferente do Londrina que o pessoal já não gosta muito, Curitiba também. Então tem essas diferenças, né. Mas não é muito bem recebido na maioria das vezes (Diretor da TUCVB, em entrevista em 14 de janeiro de 2017).

Aqui nós estamos em casa. Então aqui torce com tranquilidade. Nos outros lugares existe a adrenalina se alguma coisa vai acontecer. Essa que é a diferença né. Aqui também nós conseguimos reunir sempre mais pessoas (Diretor da TUCVB, em entrevista em 14 de janeiro de 2017).

A Torcida Organizada, através de algumas ações sociais, busca representar o Clube no Município. A Torcida se aproxima da população, através do Rio Branco, com ações como a da campanha de doação de sangue e desenvolvendo atividades para as crianças. Para um dos diretores da TUCVB em decorrência do Clube fazer pouco por Paranaguá, a Torcida Organizada assumiu a responsabilidade em levar o Rio Branco a Paranaguá e angariar torcedores.

Ah, a gente sempre faz, na verdade nós lançamos agora uma campanha de doação de sangue, né. Nós, quando teve a última enchente aqui no litoral nós

arrecadamos alimentos, né. Esse ano nós pretendemos fazer quatro ações, que é dia das crianças, na páscoa e no natal, pra entregar brinquedo e doce pra criança. Então essas são as ações que a gente pretende fazer e já fez algumas também no passado (Diretor da TUCVB, em entrevista em 14 de janeiro de 2017).

Acho que o RB faz muito pouco pela cidade. Não existe nada que o Rio Branco faça hoje pela cidade a não ser o futebol (Diretor da TUCVB, em entrevista em 14 de janeiro de 2017).

A torcida tem uma relação muito forte com a cidade pelas ações sociais que faz. O clube eu acho que pode ainda fazer algumas coisas mais pra ajudar, isso e aquilo. Como escolinha de futebol carente, isso e aquilo, que o Rio Branco ainda não tem. Dizem que tem uma secundária mas a gente não sabe que não é do Rio Branco, então... pra nós não é uma ação diretamente do Rio Branco (Diretor da TUCVB, em entrevista em 14 de janeiro de 2017).

6.3.3 O Rio Branco em Paranaguá

Igualmente a torcida, a atuação do Rio Branco vai além do Campeonato Paranaense, segundo um dos dirigentes e um funcionário do Clube. O “Leões do Futuro” é um projeto social do Clube que atende mais de 300 crianças em Paranaguá. O Clube também realiza projetos sociais com parcerias, como o de interação dos jogadores com alunos da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais - APAE e campanhas ao enfrentamento de problemas em Paranaguá, em parceria com o Município, como a epidemia de dengue no ano de 2016.

[...] Projeto social Leões do Futuro, que atende mais de 300 crianças. E aí algumas ações que a gente faz durante o ano, corriqueiramente, pra tentar aproximar o torcedor e até mesmo estar contribuindo para a cidade (Dirigente, em entrevista em 23 de dezembro de 2016).

É, aqui, terça e quinta, nós temos o Leões do Futuro, que não sei se você conhece, que é aqui na Olé. Nós temos professores na Ilha dos Valadares, e o RB já teve de 12 a 13 escolinhas espalhadas pelo bairro, e tá voltando agora com calma, escolhendo os professores, que é um trabalho sério de a gente fazer (ex-jogador e funcionário 2, em entrevista em 23 de dezembro de 2016).

Tinha um saquinho de leite, eu não sei se você se lembra, que o falecido Roque fez uma vaca mecânica e fez um saquinho de leite, aquilo foi a coisa mais linda pra Paranaguá, porque a minha molecada eles não tinham o alimento, eles não tinham o que comer, e o presidente da associação do bairro ele tinha um comércio, e ele tentou me ajudar, “pô, eu vou pegar pra você esses saquinhos de leite” e trazia lá 150, 200 saquinhos de leite, e tinha menino que não ia embora por causa daquele saquinho de leite, vaca mecânica, leite de soja sabe. Eles fizeram aqueles saquinhos de leite e o Roque distribuía aqui nas escolas e eu conseguia, e tinha um menino que esperava as 11h30, terminou no colégio pra tomar 3, 4 saquinhos daquele e saía todo feliz. Então o RB tem uma história bacana com a categoria de base,

tem um negócio bem interessante, é o futuro do clube (ex-jogador e funcionário 2, em entrevista em 23 de dezembro de 2016).

Sempre que tem qualquer coisa assim que seja, que precise de um apelo maior a gente acaba encampando e acaba também contribuindo porque o futebol é a paixão e o torcedor vem, o torcedor vai ver, e a gente sabe que acaba contribuindo de uma forma efetiva (Dirigente, em entrevista em 23 de dezembro de 2016).

Utilizar essa mobilização para chamar a atenção pra determinadas situações. Nós temos também a parceria com a APAE, que é uma parceria muito legal que a gente tem. Todos os anos os jogadores vão lá, vão visitar, a gente faz algumas contribuições, os alunos da APAE entram, em pelo menos um jogo do clube, junto com os atletas (Dirigente, em entrevista em 23 de dezembro de 2016).

O Baile Vermelho e Branco, que ocorre anualmente durante o carnaval é uma das festividades de lazer no Município que já faz parte da cultura do lugar, tal como a existência do próprio Clube. O Baile é realizado em parceria com o Club Literário, instituição tradicional e de apelo cultural do Município.

O Baile Vermelho e Branco foi o seguinte: o Rio Branco procurou o Literário pra que o baile fosse resgatado. O Club Literário fazia esse baile e o Rio Branco também já fez em alguns anos. Então o Rio Branco buscou essa parceria com o Literário para juntos estarem resgatando isso (Dirigente, em entrevista em 23 de dezembro de 2016).

Então é por isso, o Literário tem uma importância muito grande né. E Paranaguá por ser a cidade digamos berço do Paraná, ela tem um contexto cultural né muito forte. Então você tem muito poeta, você tem muito prosador na cidade de Paranaguá. E esse pessoal é que fazia a vida na cidade (Historiador e Escritor, em entrevista em 16 de janeiro de 2017).

Sem parceria, mas atuando na vida de Paranaguá, a representação política do Município está relacionada aos dirigentes do Rio Branco Sport Club, sendo este um fator relatado como histórico do Clube. A relação entre a política e o Clube é apresentada nos discursos dos entrevistados, seja na forma de elogio aos políticos pelo que fizeram ao Rio Branco ou de crítica, pela falta de apoio da prefeitura, expressando dependência. Por vezes, a representação do município e do Rio Branco se confundem, como no discurso do torcedor antigo entrevistado, em que as ações que cabem ao Clube são atribuídas aos políticos.

Tem muito presidente lá que se locupletou. Ele tornou-se presidente do Rio Branco porque ele queria ser vereador, prefeito, deputado né (Historiador e Escritor, em entrevista em 16 de janeiro de 2017).

Porque o prefeito que ganhou agora, o filho do Roque e o Maranhão, eles tão ajudando muito o Rio Branco. Foi um dos prefeito que, na época em que ele foi prefeito, ele sempre fazia tudo pelo Rio Branco, e Deus levou ele, o Roque, né. Agora ficou o vice, que Deus levou embora, chegou o dia e a hora, e o vice, ele... como vice devia tar sempre ali, no Gigante do Itiberê ou na estradinha, tem jogos que ele não aparece, né. Então pra mim o melhor prefeito de Paranaguá foi o Roque, né. Então agora como o filho dele ganhou, o Marcelo, o Maranhão vice, então agora vai ajudar muito o Rio Branco. Com certeza o RB esse ano ele vai brilhar (Torcedor antigo, em entrevista em 21 de janeiro de 2017).

O que nós precisamos aqui é de um prefeito que ajude o Rio Branco. Porque o Rio Branco tá numa fase... [...] Então agora o Marcelo, que é o prefeito da nossa cidade, e o Maranhão, eles vão arrumar tudo bonitinho. Tá ficando bonito né (o Estádio da Estradinha). Você passou lá e viu como é que tá né (Torcedor antigo, em entrevista em 21 de janeiro de 2017).

As ações da Torcida Organizada e do Clube com o Município acabam estabelecendo relações de poder social dentro e fora do campo a partir dos papéis que assumem nas representações. A diretoria do Clube e os políticos do Município representam o poder no Clube e no Município, respectivamente, mantendo nas estruturas suas manutenções no poder. A torcida na relação estabelecida com o Clube e com os políticos assume o trabalho de base, criticando-os sobre o que não fazem, fazendo.

6.3.4 Paranaguá ao Rio Branco

Assim como o Rio Branco atua e influencia sobre o município, as organizações privadas e públicas e as pessoas do local fazem o caminho inverso, exercendo influência sobre o Clube. As empresas locais aparecem na história do Rio Branco como patrocinadoras, que parecem influencia no rendimento do Clube, como no ciclo do café, “época áurea” de Paranaguá e do Rio Branco.

A falta de patrocínio do setor privado e do setor público local ao Rio Branco atualmente é comentada. O vínculo entre os dirigentes do Clube e do setor privado também é resgatado no discurso, estando o desempenho do Clube estive atrelado aos patrocínios e aos dirigentes.

Paranaguá era uma cidade que o café era o ouro, tínhamos aqui em Paranaguá 38 agências de café, de companhias de armazéns de café, 29 agências bancárias, o dinheiro corria em Paranaguá e o RB era o clube onde

tinha o maior número de diretores de empresas cafeeiras (Radialista, em entrevista em 23 de dezembro de 2016).

Hoje Paranaguá tem muitas empresas, tem o porto, a prefeitura, mas não ajudam, não ajudam o necessário. O Rio Branco não é como outras equipes que tem em muito campeonato por aí. A própria Chapecoense, que teve aí aquela desgraça com aquele acidente, com a queda do avião. A Chapecoense formou um time bom e ela tá no campeonato brasileiro 3 anos na série A, e está aí se ombreando com os grande, mas sofreu esse acidente. Uma das empresa lá ajudava e ajuda até hoje a formar grandes equipes, o que não acontece em Paranaguá (Radialista, em entrevista em 23 de dezembro de 2016).

Olha, a gente tem de Paranaguá alguns apoiadores, mais colaboradores do que patrocinadores. A maioria dos nossos patrocinadores, pelo menos dos últimos anos, infelizmente, tem sido de fora de Paranaguá. [...] A gente consegue apoio e parcerias com as empresas menores, e que não tem tanta ligação com o porto nem com a própria prefeitura, aí a gente consegue ter um apoio maior (Dirigente, em entrevista em 23 de dezembro de 2016).

Atualmente, segundo o dirigente do Clube entrevistado, todos os dirigentes do Rio Branco, eleitos por associados, com exceção de um, são moradores de Paranaguá. A presença de pessoas da diretoria do Clube que vivem no município é importante na medida em que as decisões são tomadas com base em um conhecimento processado no local. Por outro lado, a própria eleição dos dirigentes pode refletir uma preferência dos associados por aqueles que são parnanguaras.

Com todo o limite do setor público de atuar sobre o privado, alguns feitos da Prefeitura municipal apoiaram a existência do Rio Branco Sport Club. O principal ocorreu na gestão do ex-prefeito Mário Roque, que foi também presidente do Rio Branco, com a construção do Estádio Gigante do Itiberê.

O que existe entre o RB e o município é que o município sempre ajudou o RB. Principalmente quando o prefeito foi Mário Roque. Mário Roque além de prefeito ele era um riobranquista fanático (Radialista, em entrevista em 23 de dezembro de 2016).

Por estar inserido na cidade, as dificuldades do Clube são semelhantes às da população. De acordo com o dirigente do Rio Branco na entrevista, num lugar onde a população carece de muitas coisas, não poderia ter um Clube que não carecesse. Por isso, a identificação dos moradores com o Clube ocorre na medida em que estes enxergam a si mesmos no Rio Branco.

Eu acho que assim, a simbologia né, do clube, em termos disso, e o próprio torcedor, aquela questão de sempre ser aguerrido, de acreditar, de vibrar, de lutar. Então acho que assim, as mesmas dificuldades que o Rio Branco tem, são as dificuldades que a cidade tem. É uma cidade que carece de muita coisa, em função de muita coisa. O Rio Branco da mesma forma, talvez em função dessas mesmas coisas. E aí você vai lá, se a gente for discutir aqui, vai acabar lá na questão política (Dirigente, em entrevista em 23 de dezembro de 2016).

De acordo com o diretor da Torcida Organizada, nem todos em Paranaguá são torcedores do RBSC, mas mesmo assim desejam o bem o Clube, ou seja, a população de Paranaguá, identificam o Clube como de sua cidade. De acordo com o historiador e escritor, o Rio Branco era razão dos parnanguaras.

Veja bem, a população em geral de Paranaguá, ela passou a torcer para o Rio Branco (Radialista, em entrevista em 23 de dezembro de 2016).

Fora do futebol o RB ele é um time que, a maioria aqui conhece o RB, que é torcedor né, ele é um time que é muito querido, então todo mundo sempre tá alí na estradinha (ex-jogador e funcionário 1, em entrevista em 23 de dezembro de 2016).

Até mesmo aqueles que não se dizem riobranquistas aqui na cidade de Paranaguá torcem para o RB. Então, né, tem uns que torcem pro Atlético, pro Coritiba, pro Paraná, mas mesmo assim torce pro RB e que o RB se dê bem (Diretor da TUCVB, em entrevista em 14 de janeiro de 2017).

Como você disse que é a ideia do pertencimento, esse é um fato importante porque o futebol era a razão de ser do parnanguara, era o esporte preferido do parnanguara, depois o basquete nos anos 40 chegou e ficou durante não muito tempo mas ficou enraizado o basquete em Paranaguá. Agora o futebol é a razão de ser do parnanguara (Historiador e Escritor, em entrevista em 16 de janeiro de 2017).

Então é essa paixão desenfreada, se acabar o Rio Branco a cidade vai sentir muito. E aí quando isso estiver acontecendo meia dúzia de pessoas vão se unir e vão dizer “não, não podemos deixar morrer, e tal”, entende, a porta fica aberta (Historiador e Escritor, em entrevista em 16 de janeiro de 2017).

O ser parnanguara e torcer por um esporte desenvolvido no local também se reflete na escolha dos ídolos do Clube, que são os jogadores. Os torcedores, parnanguaras, têm como ídolos os jogadores que, além de dedicarem-se ao Rio Branco, nasceram ou viveram em Paranaguá, como população.

Esse Ratinho, ele é um ídolo, ele é um ídolo do Rio Branco. Porque ele é parnanguara, ele começou garoto jogando nas categorias inferiores lá nos juvenis né, e foi indo e jogou durante anos e anos e anos como titular da

equipe principal do RB e depois saiu, jogou em outros clubes e voltou e tal (Historiador e Escritor, em entrevista em 16 de janeiro de 2017).

Como parnanguaras, os torcedores do Leão levam seu estilo de vida para dentro do estádio. São pessoas que torcem utilizando uniformes e bandeiras, cantando músicas e hinos, reafirmando símbolos e costumes, fortalecendo a identidade de ser um torcedor de um Clube e que por serem pessoas também levam para o estádio a alegria, a tristeza ou o sentimento de quem vive num lugar.

A alegria, a vibração, é... que mais... [...] A garra do povo, não desistir ou acreditar, mesmo sabendo das dificuldades que o clube tem, continuam acreditando da mesma forma, que mesmo sabendo das dificuldades da cidade, sabendo daquilo que acontece, continua acreditando e lutando pra ter um dia melhor, então acho que leva isso pra dentro de campo sem dúvida alguma (Dirigente, em entrevista em 23 de dezembro de 2016).

Ah, a cultura. A cultura parnanguara. Você nota, isso é próprio em cada cidade (Historiador e Escritor, em entrevista em 16 de janeiro de 2017).

É a questão socioeconômica, política e cultural. E o RB é exatamente isso, e o torcedor do Rio Branco, o parnanguara né, nato, ele leva todo esse dom cultural socioeconômico e político que ele tem da cidade pra dentro de campo. É a maneira dele se comportar, é a maneira dele extravasar o seu sentimento para com o clube e para com os adversários que visitam a cidade, né. O jeito dele receber bem, entre aspas, ou mal, né, isso faz parte da cultura de um povo. Então a cultura parnanguara está impregnada no torcedor que vai à campo torcer pelo Rio Branco (Historiador e Escritor, em entrevista em 16 de janeiro de 2017).

Eles traz é esse pessoal alegre que é o parnanguara né. O parnanguara quase é esse carioca meio retraidão né. Traz essa alegria, esse apelido, Paranguá tem aquelas coisas de apelido né. [...] e aquela alegria, aquela coisa contagiante só da gente. Que o parnanguara ele já é alegre por natureza né. Eu acho que ele traz esse carinho, essa forma de torcer (ex-jogador e funcionário 2, em entrevista em 23 de dezembro de 2016).

Então que venha com essa simplicidade né, com essa alegria que tem o parnanguara. O parnanguara ele é absoluto né, ele vem pro clube, ele vem pra torcer né, ele é um torcedor apaixonado, então ele transmite essa energia legal, essa coisa bacana, então são coisas assim que a gente não sabe explicar. Mas é um sentimento verdadeiro (ex-jogador e funcionário 2, em entrevista em 23 de dezembro de 2016).

O que leva quando vão assistir jogos é a alegria. Porque os torcedor do RB é... são os torcedor que gosta muito do Leão da Estradinha e quando tem jogos, vai assistir o jogo com amor, com carinho e pra festejar né (Torcedor antigo, em entrevista em 21 de janeiro de 2017).

Eu acho que o bairrismo, né. Eu acho que isso é o principal que o povo leva. O riobranquista mesmo defende a cidade e o Rio Branco de corpo e alma. Eu acho que é isso que o riobranquista leva pra dentro do estádio quando vai né,

pra defender as cores do Rio Branco e Paranaguá (Diretor da TUCVB, em entrevista em 14 de janeiro de 2017).

A rivalidade do RBSC com os clubes da capital, além do confronto do jogo, da história do Clube e da proximidade entre os municípios, segundo o historiador e escritor entrevistado, tem relação com a história de Paranaguá, com o poder político da Capital e com o poder econômico do Local. A população parnanguara carrega consigo a história e a vivência no município que são resgatados no campo, na figura de um torcedor.

Então Paranaguá é o berço da civilização paranaense. Então isso fica impregnado, né, no seu habitante e evidentemente ele quer ter uma supremacia sobre aquele que é da capital, que a capital tem esse estigma de poderio né. Porque... porque lá está o governo, eles é que mandam, a capital é que manda, né. Então quando chega lá em Paranaguá temo que surrar esses caras, surrar no bom sentido do esporte, tem que ganhar deles né, entendeu. [...] Mas você sabe que tem né, essa aura né, de competitividade. Nós temos que ser superiores à eles, né. E como é que nós podemos ser? É ganhando o jogo né, assim nós dizemos “tá vendo, nós somos superiores a vocês”. E Paranaguá também tem um outro fator, que é o fator porto. É o segundo maior porto do país. Então isso tem uma importância vital na cultura do povo. “Onde é que você mora?” “- Eu moro em Paranaguá que possui o 2º maior porto do país”. Então ele fala isso com orgulho né. E o porto evidentemente é quem sustenta a vida econômica e por conseguinte social, porque todo mundo depende do porto né. Se o porto vai bem, o comércio vai bem. Por conseguinte, tudo indo bem, tem emprego pra população, não é isso? Todo mundo vai ter o seu emprego. Se o porto vai mal, o comércio vai mal, por conseguinte o cidadão vai mal né, porque ele não tem mais emprego. Quer dizer, houve a decadência econômica né. E assim é normal sabe. Então existe esse dado né, das regiões. Uma sempre estar em competitividade com a outra. Isso é muito próprio. E o futebol expressa isso de uma maneira extraordinária de no Brasil inteiro, aliás, no mundo inteiro né (Historiador e Escritor, em entrevista em 16 de janeiro de 2017).

O Rio Branco, quando sai do litoral para disputar uma partida, segundo os entrevistados, leva Paranaguá: o Clube e a cidade se confundem nas representatividades.

O Clube, nos jogos ou na própria existência proporciona um espaço de identificação aos torcedores e população, que, conseqüentemente, assumem-se como pertencentes ao local.

Eu fico... eu que acompanho, eu tenho uma incerteza. Tenho esperança? É claro que tenho. Eu quero que o RB se projete mais, porque é Paranaguá, é o litoral, é a minha cidade (Radialista, em entrevista em 23 de dezembro de 2016).

Na verdade eu acho que o maior símbolo da cidade é o Rio Branco. Porque nada representa mais Paranaguá lá fora do que o Rio Branco. É isso que eu acho, quando se fala em Rio Branco se fala em Paranaguá. Aí às vezes quando se fala em Paranaguá se lembra do Rio Branco. [...] Acho que não existem símbolos, acho que o Rio Branco é o símbolo de Paranaguá, é isso que eu acho (Dirigente, em entrevista em 23 de dezembro de 2016).

Eu acho que assim, representa hoje Paranaguá e o litoral. Acho que a gente tá um pouco mais abrangente sabe, a gente tá sentindo isso. As pessoas que vêm de Matinhos, as pessoas que vêm de Pontal, tem ônibus que sai de lá dia de jogo. Então acho que até é um pouco maior assim. [...] Mas assim, em relação à Paranaguá eu acho que nada representa mais Paranaguá do que o Rio Branco (Dirigente, em entrevista em 23 de dezembro de 2016).

Porque ele se solidificou como uma marca registrada da cidade. Se acabar o RB em Paranaguá, que ele vem né... capengando não é isso? A gente diz na gíria... estão levando com a barriga. Mas o RB existe, agora, se fechasse as portas Paranaguá, a cidade como um todo, sentiria muito a falta do RB, porque ele é a essência do esporte na cidade (Historiador e Escritor, em entrevista em 16 de janeiro de 2017).

A representatividade do Rio Branco aqui em Paranaguá é que é o clube da cidade. Aonde nós for jogar nós tamo levando o nome da cidade. Aí fora você vai e a pessoa pergunta, “ah o Rio Branco, Rio Branco de Paranaguá”, né, então ele é conhecido né, principalmente pra gente que viaja muito jogando, a gente tá no hotel e o pessoal vem... “nós somos do Rio Branco. – Rio Branco? – É Rio Branco de Paranaguá” né. Então ele leva, ele leva a cidade junto. Aí o pessoal já pergunta “ah, onde tem o porto”, então uma coisa liga a outra né, o futebol com a cidade (ex-jogador e funcionário 1, em entrevista em 23 de dezembro de 2016).

Poxa, o RB ele representa acho que o litoral inteiro né. É porque o cara que mora em Shangri-lá ele vem assistir o jogo né. O cara que mora na Ilha do Mel ele vem assistir jogo. E assim hoje o Rio Branco acho que ele é um patrimônio paranguara né, é uma coisa bacana que eu me lembro até... quando eu era jogador assim até agora também como funcionário, de eu estar aqui e o pessoal chegar da Ilha do Mel de embarcação pra assistir jogo, claro, duas horas antes para alí no mercado, almoça e depois vem pro clube (ex-jogador e funcionário 2, em entrevista em 23 de dezembro de 2016).

O Rio Branco possui importância no futebol do Paraná, segundo vários dos pesquisados, devido a sua participação na primeira edição do Campeonato Paranaense, sendo um dos três clubes mais antigos no Paraná ainda em atividade. O Leão faz parte da história do futebol do estado, sendo reconhecido por aqueles que acompanham o esporte.

O RB representa muito para o futebol do estado. A história do Rio Branco, ele é um dos poucos clubes... ele, Coritiba FC, são pra mim os dois clubes que mantiveram o mesmo nome desde a fundação (Radialista, em entrevista em 23 de dezembro de 2016).

O Rio Branco em 1915, com Coritiba, com Internacional, com Palestra e outras equipes disputou o primeiro campeonato no Paraná, por isso que na história do Rio Branco tem esse fato, o Rio Branco é pioneiro disputando o primeiro campeonato paranaense em 1915, por isso que a história dele se confunde com a própria história do futebol do Paraná (Radialista, em entrevista em 23 de dezembro de 2016).

O Rio Branco é um dos grandes do futebol paranaense né. Porque tem Coritiba, tem Atlético, tem Paraná, tem J. Malucelli, e tem o Rio Branco, tem o Cianorte, tem o Maringá (ex-jogador e funcionário 2, em entrevista em 23 de dezembro de 2016).

Porque o Leão da Estradinha ele é um time antigo né, e a maioria sempre torce, tem amor pelo time né. Sempre está presente né. Então pra mim, eu acredito que o RB ele é muito conhecido aqui em Paranaguá, no interior, e a torcida sempre está junto (Torcedor antigo, em entrevista em 21 de janeiro de 2017).

Durante o campeonato estadual, para o historiador e escritor, o Rio Branco representa o litoral paranaense. Existe uma relação, na memória de todos os entrevistados, entre o Clube e o local de onde este vem.

E o litoral é representado pelo Rio Branco, então essa é a importância né, você tem o zoneamento né futebolístico do Paraná em determinada região... então tem os campos gerais, com Ponta Grossa, com Irati, Olímpico e Irati, com Castro, Caramuru, então são cinco equipes ali nos campos gerais, mais as equipes de Curitiba, mais o litoral, começa com o RB, logo em Seguida vem o Seletto, né, os dois times né, quer dizer... é uma força, então o litoral. Daí tem a parte do norte, norte velho e norte novo. Então o futebol nessa época, como eu digo.. o futebol doméstico paranaense, ele tem uma força extraordinária. Então essa é a importância de Paranaguá né, e do próprio Rio Branco bem como do Seletto depois né. Quer dizer... eles representam a região, o litoral então está representado no futebol paranaense pelo Rio Branco e depois pelo Seletto junto, os dois juntos (Historiador e Escritor, em entrevista em 16 de janeiro de 2017).

Ficou o futebol, como eu disse, mesmo não existindo um campeonato no restante do ano, que ele não possa participar de campeonatos nacionais, quando você fala sobre o futebol paranaense, “e em Paranaguá, qual é o time de futebol de Paranaguá?”, imediatamente vem a memória que é o Rio Branco (Historiador e Escritor, em entrevista em 16 de janeiro de 2017).

Então é um clube que... a cidade de Paranaguá aí fora, através do futebol, é conhecida pelo Rio Branco que disputa o campeonato paranaense da primeira divisão. Então, como é que eu posso te dizer, é um elo muito grande né, o município e o Rio Branco (ex-jogador e funcionário 1, em entrevista em 23 de dezembro de 2016).

As organizações sociais e a sociedade do Município participam da organização econômica, social e histórica do Clube.

6.3.5 O além do jogo: o confronto

Há jogos que marcaram pelas emoções que proporcionaram, sejam elas derrotas ou vitórias, possuindo significado por aqueles que relatam. As lembranças não são só da competição dentro de campo, mas do contexto em que essas estão inseridas.

Os jogos contra times “grandes” fazem parte da história do Rio Branco, quando esta é contada pelo radialista entrevistado. As oportunidades do Clube de jogar com um adversário de prestígio nacional parecem não terem sido muitas, mas simbolizaram muito, onde nem mesmo o resultado parece importar.

Agora, nas partidas que ele disputou contra Vasco, Flamengo, Portuguesa Santista, Jabaquara, Portuguesa de Desportos, os times eram... Santos, até o Pelé teve aqui em 57, era menino ainda, tava começando a carreira. Ele perdeu, mas perdeu assim jogando bola quase de igual pra igual. O que representa não só num time de futebol, a glória não é só a vitória, é ele jogar com times de categoria de outros estados, como ele fez (Radialista, em entrevista em 23 de dezembro de 2016).

Os jogos que parecem marcar as lembranças do torcedor antigo e também do ex-jogador entrevistado foram os confrontos contra os times de Curitiba. Em caso de vitória, a alegria parece ser maior do que em uma partida com outros times, dado o favoritismo dos clubes da capital.

O meu primo, ele tinha feito o jogo na loteca, na loteria esportiva, e já tava contando 13 ponto na época, tava pulando alí do meu lado, se o Atlético ganhasse, né, o Atlético tava ganhando ainda o jogo, aí o Rio Branco foi e virou o jogo (Torcedor antigo, em entrevista em 21 de janeiro de 2017).

Tem o próprio jogo na estradinha que teve o maior público né de todos os jogos que eu joguei aqui, que foi colocado uma arquibancada depois do gol né, e nós tava entre os quadro, foi no primeiro jogo contra o Coritiba. Eu acabei fazendo o gol fazendo 1x0 aos 15 minutos do primeiro tempo, e parecia que esse estádio vinha a baixo né, porque tinha quase 12 mil torcedores aqui dentro né. Só que daí acabou no segundo tempo revertendo e acabamos perdendo de 1x4 né, então esse jogo ele ficou marcado por dois lados, o lado positivo que eu vi o maior público dentro da estradinha, e marcado pelo lado negativo pela derrota né, que a gente teve, que o Coritiba acabou vencendo (ex-jogador e funcionário 1, em entrevista em 23 de dezembro de 2016).

A participação em campeonatos nacionais ou em confrontos em que a vaga para a participação nessas competições está em disputa, também fazem parte das

lembranças do dirigente e do historiador e escritor entrevistados. A projeção nacional e jogos durante todo o ano parecem fatos esporádicos, por isso ficaram na memória dos entrevistados.

Jogos com grande público, especialmente torcedores do Rio Branco na Estradinha são lembranças dos entrevistados, além das viagens realizadas pela torcida.

E acho que aí foi... também diz a história, que aí eu não presenciei, mas, diz a história que em 1977, também que o Rio Branco foi campeão no módulo sul, e depois foi pra final do módulo sul, e aí acabou perdendo, mas que eliminou na semifinal acho que o colorado, ou o pinheiros, não sei, tá anotado no caso né, mas em Curitiba e aí teve comemoração que fechou a serra, foram muitos ônibus, carros, pararam a serra e tal, dizem que foi um episódio bem marcante do clube (Dirigente, em entrevista em 23 de dezembro de 2016).

Agora mais recentemente essa série menor do Brasil, a série C ou série D, não me recordo bem agora, ele estava ganhando. Então isso representa muito né, para a cidade sabe (Historiador e Escritor, em entrevista em 16 de janeiro de 2017).

E tem uma decisão nos anos 70 que eles lotaram um trem. Tem uma história dessa que foi um negócio extraordinário. [...] mas sei que eles lotaram vagões, vagões bem no plural, e vieram pra Curitiba pra fazer o jogo e foi no campo do... da Vila Capanema. [...] Que movimentou a cidade inteira, foi um negócio de louco (Historiador e Escritor, em entrevista em 16 de janeiro de 2017).

Aí quando nós chegamos a própria torcida foi até Bandeirantes né, ônibus da torcida com bastante torcedor, e na chegada a Paranaguá nós chegamos aqui o torcedor tava tudo esperando nós de madrugada na estrada né, perto do viaduto alí. Aí no outro dia teve uma carreata na cidade né, uma movimentação total na cidade né, do Rio Branco, pelo título daquela conquista né que a gente teve, que fez com que a gente fosse pra disputar uma vaga pra final em Curitiba onde nós acabamos perdendo (ex-jogador e funcionário 1, em entrevista em 23 de dezembro de 2016).

Dentro de casa foi um Rio Branco e Vila Nova de Goiás, pela Copa do Brasil de 2007. O Rio Branco fez 3x1 no Vila Nova nos primeiros 20 minutos do primeiro tempo. Foi no Gigante do Itiberê, e o estádio cheio, e o Rio Branco alí tava se destacando nacionalmente (Diretor da TUCVB, em entrevista em 14 de janeiro de 2017).

A atuação da arbitragem também é lembrada pelos entrevistados como algo relacionado a injustiça sofrida pelo Rio Branco. As perdas em jogos, por sua vez, estão relacionadas a frustração na expectativa no torcedor.

As alegrias promovidas pelo Rio Branco nem sempre são advindas por um título ou conquista. Os jogos de reinaugurações de reformas de estádios são lembranças dos entrevistados, no que se refere à frustrações de equipes adversárias.

Ah, foi no campeonato de 2005, quando o Rio Branco ficou num quadrangular com Coritiba, Maringá, Paraná e Atlético. Ele disputou uma partida aqui com o Grêmio Maringá, a partida estava nas mãos do Rio Branco, mas teve um juiz chamado Rubens Maranhão que ele foi o protagonista de uma situação desastrosa que prejudicou o Rio Branco. Se o Rio Branco ganha ali, aquela partida contra o Maringá, ele era o semifinalista do campeonato. Era a chance de o Rio Branco levantar pela primeira vez o campeonato paranaense de profissionais. Foi a mais emocionante partida foi aquela, no estádio da estradinha não cabia ninguém. Não cabia ninguém, era um verdadeiro formigueiro. Então ali foi uma das principais jornadas que empolgou o público de Paranaguá (Radialista, em entrevista em 23 de dezembro de 2016).

Depois nós tivemos um jogo também em 2015 que me marcou muito que foi a inauguração do teto retrátil da Arena da Baixada, lá em Curitiba, nós estávamos no torneio da morte, uma situação bem delicada, já tínhamos perdido o primeiro jogo aqui contra o Nacional, depois empatamos contra o Prudentópolis, e fomos enfrentar o Atlético Paranaense num jogo que a gente precisava ganhar e que ninguém acreditava, a gente foi lá e no primeiro tempo a gente fez 0x3 no Atlético, e depois tomou um gol só e vencemos o jogo, e batizamos a inauguração lá do teto retrátil da Arena da Baixada, e saímos do estádio com a torcida do Atlético aplaudindo o Rio Branco, chega até a arripiar (Dirigente, em entrevista em 23 de dezembro de 2016).

Fora de casa eu tenho a lembrança de um jogo nós e Operário de Ponta Grossa, onde o Operário ganhava de 2x0 na reinauguração também do estádio Germano Kruger, que é lá de Ponta Grossa. E o Rio Branco perdia de 2x0 e o Rio Branco virou pra 2x3 e o estádio deles cheio e todo mundo perdeu o rumo de casa lá (Diretor da TUCVB, em entrevista em 14 de janeiro de 2017).

Aí ficou no meu coração, até hoje eu sempre tenho aquela mágoa né, porque não era pra perder, que o Rio Branco tava jogando bem né, mas uma bobeira que ele deu ali foi que ele foi inventar a jogada e perdeu, quando surgiu o gol do Coritiba (Torcedor antigo, em entrevista em 21 de janeiro de 2017).

O que o Rio Branco precisa são pequenos detalhes né, pra você fazer uma festa enorme. Então tem várias vitórias e várias derrotas também, e derrotas inesquecíveis assim né (ex-jogador e funcionário 2, em entrevista em 23 de dezembro de 2016).

Os confrontos são marcados entorno dos jogos: pela representação do Clube; pela rivalidade de lugares; pelo protagonismo da torcida; pela atuação do árbitro; e pelos vínculos aos estádios.

6.3.6 Estradinha, o alçapão

O Estádio Nelson Medrado Dias, conhecido como Estádio da Estradinha ou só Estradinha, é um dos principais símbolos do Rio Branco presente na memória dos entrevistados, pelas conquistas do Leão.

A Estradinha é um dos três estádios mais antigos do Paraná, o que constrói junto com o Clube um cenário no imaginário social de riqueza histórica a respeito do representante de Paranaguá no futebol profissional. Apesar de sua importância histórica e do carinho demonstrado pelos entrevistados, a falta de manutenção da estrutura física da Estradinha levou ao seu comprometimento, principalmente após o Clube passar a utilizar o Gigante do Itiberê nos jogos do Campeonato Paranaense. No ano de 2017 a Estradinha voltou a ser utilizada nos jogos do campeonato estadual, gerando expectativa entre os aficionados pelo Leão.

A estradinha é o terceiro estádio mais velho do Paraná. É história, por isso que eu digo pra você, o Rio Branco no contexto do futebol paranaense tem uma história rica, em todos os sentidos (Radialista, em entrevista em 23 de dezembro de 2016).

A Estradinha, segundo o radialista entrevistado, possui uma estrutura física que deixa os torcedores mais próximos dos jogadores, o que permite uma relação mais intensa, contribuindo com a pressão da torcida contra os adversários, fato que originou o apelido de “alçapão”. As lembranças da Estradinha são do estádio lotado e dos “tempos áureos” do Clube, situação avaliada como diferente do que ocorre atualmente. Por isso, volta dos jogos no Estádio vem acompanhada de esperanças de vitórias do Leão.

Mas na época, na era do Rio Branco, principalmente nos anos de 50, 60, 70 e 80, a torcida enchia a estradinha e era alí um alçapão. Os times que vinham joga aqui, Coritiba, Atlético, Ferroviário, Londrina, Maringá, Operário, Guarani de Ponta Grossa, era difícil ganhar do Rio Branco (Radialista, em entrevista em 23 de dezembro de 2016).

Que a estradinha como eu disse pra você, o torcedor fica mais perto, então é mais difícil pro adversário. Alí não, alí o público fica longe, então não é um alçapão como é alí na estradinha (Radialista, em entrevista em 23 de dezembro de 2016).

Porque lógico, pra 2 mil, 3 mil pessoas é melhor jogar na estradinha porquê? Porque o torcedor fica em cima do campo. Então o grito do torcedor, ele faz uma pressão maior no adversário, né. Já no Gigante, fica um pouquinho mais

distante então já não tem essa pressão toda como acontece no Nelson Medrado Dias (Historiador e Escritor, em entrevista em 16 de janeiro de 2017).

Ó, o que diferencia o Rio Branco é principalmente por causa da estradinha. Como eu joguei aqui no Rio Branco, eu joguei já no Paraná Clube, e quando eu saí daqui e fui para o Paraná Clube, quantos atletas de lá.. é.. conversando, a gente conversava eles falavam que era difícil ganhar do Rio Branco na estradinha, por todas essas questões que eu falei do torcedor estar próximo e você ter que se superar dentro de campo, pela cobrança né, então tudo isso faz com que a gente faça uma competição e se torne atletas forte dentro de campo (ex-jogador e funcionário 1, em entrevista em 23 de dezembro de 2016).

O torcedor tá perto, você sai do vestiário e já você vê aquele carinho, aquele amor pelo clube, então é uma coisa bacana. Lá é um campo neutro né, se tem que fazer um time de qualidade pra disputar o adversário pau a pau, então aqui na casa do Rio Branco é esse sentimento do amor pela casa né, a gente tá voltando pra cá, então esse sentimento é um sentimento sincero né, é um sentimento puro, real. Eu acho bacana essa volta assim, me dá uma alegria muito grande de voltar pra casa, meus netos não conhecem isso aqui, minha esposa conhece, mas os meus netos eu quero trazer dia 29 se Deus também de der oportunidade de realizar, eu quero trazê-los aqui pra vivenciar essa coisa bacana (ex-jogador e funcionário 2, em entrevista em 23 de dezembro de 2016).

De acordo com o diretor, o torcedor antigo e o ex-jogador e funcionário do Rio Branco, entrevistados, existe um vínculo afetivo das pessoas ligadas ao Rio Branco com a Estradinha. Ela é apontada como “a casa” do Clube e do torcedor e sua família. Como disse um dos entrevistados: a Estradinha é lendária.

E, no gigante do itiberê, infelizmente, se sente deslocado e o torcedor acaba não gostando. Eles não conseguiram criar esse vínculo.. Não criaram identidade. [...]Aqui é mais ou menos assim né, tem vindo isso nos últimos dias, é que muitos torcedores estão vindo pra cá pra acompanhar a obra, e aí quando a gente chega alí todos eles contam uma história, ah porque eu me lembro daquele dia, sabe.. coisa que eles não conseguem fazer lá, não se tem história. E aqui eles tem, então eles revivem isso (Dirigente, em entrevista em 23 de dezembro de 2016).

É, a maioria ele tem mais amor na estradinha do que lá no Gigante do Itiberê né (Torcedor antigo, em entrevista em 21 de janeiro de 2017).

A estradinha pra nós é lendária né. É onde a gente realmente se sente em casa. No Gigante do Itiberê a gente se sente... sabe que tá em casa por ser Paranaguá mas se sente em outro estádio como qualquer um. A gente chama de quente e frio, aqui é o estádio quente e lá é o frio (Diretor da TUCVB, em entrevista em 14 de janeiro de 2017).

Olha, eu vou dizer que a estradinha acho que representa tudo. [...] a gente acha que a estradinha é a casa do torcedor. Acho que é isso que representa, o torcedor vem aqui e se sente em casa (Dirigente, em entrevista em 23 de dezembro de 2016).

Eu sou, hoje eu posso morrer, e, claro, depois do dia 29 eu dizer assim “Meu Deus, eu voltei pra casa”. Eu era meio órfão assim, então é uma coisa legal (ex-jogador e funcionário 2, em entrevista em 23 de dezembro de 2016).

As histórias e os vínculos identitários do Estádio da Estradinha e das pessoas que acompanham o Clube fazem dele um símbolo de representação do Clube, uma vez que está relacionado à identidade do riobranquista e do parnanguara pela construção da história do Clube, ativa na memória, evocando lembranças de conquistas da população do município.

Porque o próprio munícipe aqui ele adora o Rio Branco, ele tem um carinho enorme pelo Rio Branco. Ele é apaixonado e depois que o Rio Branco saiu daqui o Rio Branco perdeu identidade. Então quando a gente encontra na rua o pessoal assim, “pô, a gente vai voltar pra casa”, a gente vê que o cara... até o próprio seletense também, ele tem um carinho por aqui (ex-jogador e funcionário 2, em entrevista em 23 de dezembro de 2016).

A própria estradinha ela tem uma química né, tem um sentimento real, ela é verdadeira. O parnanguara ele sente isso, ele é carinhoso com a estradinha, ele tá voltando para sua casa, um lugar onde nem deveria ter saído (ex-jogador e funcionário 2, em entrevista em 23 de dezembro de 2016).

Aí 9 meses não tem futebol em Paranaguá, mas tem a mística né. Tá lá o estádio da estradinha né, na beira da avenida que a gente chega à cidade, não é isso? Tá lá o escudo.. “ah, esse é o estádio do Rio Branco” (Historiador e Escritor, em entrevista em 16 de janeiro de 2017).

A Estradinha, além de símbolo histórico, é mística, uma “armadilha” aos times adversários promovida pela proximidade dos torcedores ao campo. Configura-se como um lugar de proximidade familiar e expressões de alegria.

7 SÍMBOLOS, IDENTIDADE E PERTENCIMENTO NO E A PARTIR DO RIO BRANCO SPORT CLUB

A observação participante em jogos no Gigante Itiberê e em atividades promovidas pela Torcida Organizada; a leitura dos comentários em publicações e destas em páginas e em sites na internet relacionados ao Rio Branco Sport Club; e as entrevistas com pessoas selecionadas permitiram algumas análises do uso de símbolos pelo Clube, a identificação dos torcedores com o Clube e o pertencimento através do Clube. Permitiram também fazer uma aproximação com as fundamentações teóricas que originaram as próprias categorias.

7.1 DISCUSSÃO DAS CATEGORIAS DE ANÁLISE

O uso dos símbolos do Rio Branco pela torcida e a relação destes com o clube e com o local, resultados obtidos através dos métodos selecionados, fazem referência ao pertencimento e à identidade dos indivíduos desenvolvidos a partir da cultura do futebol profissional e do local, sintetizados no Quadro 1.

QUADRO 1 – SÍNTESE DOS RESULTADOS A PARTIR DE CATEGORIAS DE ANÁLISE

	Símbolos do Clube	Identidades com o Rio Branco	Pertencimento através do Clube
História	Emblema; Mascote/Apelido (Leão); Estádio Gigante do Itiberê; Estádio da Estradinha.	Confrontos marcantes contra times de Curitiba.	Ciclos de exportação; Comemorações e Festas (baile); Estrada de Ferro; Organizações sociais; Política.
No Campo e na concentração	Estádio Gigante do Itiberê e Estradinha; Uniforme da Torcida Organizada; Cor vermelha e branca; Mascote/Apelido (Leão); Bandeira; Hino; Música	Grupos distintos de torcedores; Rivalidade com os clubes de Curitiba; Músicas; Aliança e atritos entre torcidas organizadas; Modos de torcer; Interações de torcedores.	Faixas; Campanha contra a dengue; Ídolos, jogadores parnanguaras.
Ambiente virtual	Camisa do Rio Branco; Estádio da Estradinha.	Incentivo para torcer e vestir a camisa do Rio Branco; Apoio ou ofensas de torcedores adversários; Laços familiares.	Campanha de doação de sangue; Ofensas e lembrança do local; Adversidades em comum; Política; Rio Branco como representante de Paranaguá no futebol.

Memória dos Entrevistados	Torcida; Festas da torcida; Estádio da Estradinha.	História do Clube; Sazonalidade do futebol profissional; Torcida grande e forte; Relações familiares; Gestão do Clube; Atuação dos torcedores na exaltação do Clube; Grandes jogos; Estádio lotado e viagens.	Projetos sociais do Rio Branco no município; Realização do Baile Vermelho e Branco; Patrocinadores; Dirigentes parnanguaras; Política; Parnanguaras; Jogadores parnanguaras; Família; rivalidade histórica com a capital; Rio Branco como representante do litoral no futebol e de Paranaguá.
----------------------------------	--	---	---

FONTE: A autora (2017).

7.1.1 Símbolos

Os símbolos identificados, a partir do Rio Branco, adquirem sentido quando utilizados pelos torcedores que são indivíduos do local, expondo traços da cultura e afirmando identidades. Alguns símbolos, independente de só serem assim considerados e existirem em decorrência do futebol, podem ser físicos, estando visíveis a toda população, como o Estádio da Estradinha inserido no município de Paranaguá. A Estradinha é exemplo de um símbolo do futebol que se torna símbolo do Município por sua construção histórica, permeada de lembranças. O Gigante do Itiberê não possui a mesma história, nem a mesma proximidade com os torcedores, mas também é símbolo do Clube e do local, por nele ter ocorrido diversos jogos de Campeonatos Paranaenses em Paranaguá.

O emblema, o mascote, as cores vermelha e branca, a bandeira, o hino e a camisa são símbolos oficiais do Clube e utilizados pelos torcedores identificando-se como pertencentes ao Clube. Estes símbolos identificam o Rio Branco Sport Club frente outros Clubes. No futebol são quase que uma obrigação, estando presentes nos espaços de representação, ou seja, nas competições.

Apesar da “obrigatoriedade” dos símbolos nos espaços de representação dos Clubes, esses apresentam ligação com a história destes. O Leão, mascote que surgiu do apelido dado pela imprensa curitibana ao Rio Branco quando os times curitibanos jogavam em Paranaguá, foi apropriado pelo Clube e seus torcedores, fazendo parte da identidade do riobranquista. O hino do Rio Branco afirma o desejo de ser um

orgulho para Paranaguá, de modo que sua atuação se expanda para além dos estádios.

O uniforme utilizado pela TUCVB é um símbolo na medida em que um grupo de pessoas na torcida do Rio Branco se identifica como torcedores organizados do Clube. Além de simbolizar o pertencimento ao grupo, o uniforme simboliza o pertencimento ao Clube.

Não só as vestimentas são símbolos no futebol, os torcedores que as vestem são símbolos. A torcida representa o Clube frente outras torcidas. A TUCVB, de maneira específica, durante os jogos participa do espetáculo, expressando comprometimento com o Rio Branco e com Paranaguá, time e local, respectivamente, que os torcedores representam, identificando-se como pertencentes.

7.1.2 Identidades com o Rio Branco

A maior expressão de identidade ao Clube é marcada pelos diferentes grupos de torcedores. O público que acompanhou os jogos do Rio Branco no Gigante Itiberê no Campeonato Paranaense 2016 pode ser separado pela ocupação dos setores dentro do Estádio e pelas manifestações, sendo dois públicos identificados e que interessam ser destacados neste trabalho em decorrência de terem sido identificados como grupos de torcedores, ou seja, indivíduos que se aproximam pelos comuns: de um lado, torcedores jovens que aparentavam idade entre 18 e 28 anos; de outro, torcedores mais velhos, com idade entre 50 anos ou mais.

Esses dois grupos ocupavam espaços diferentes nas arquibancadas, demonstrando cada um práticas de torcida diferentes. No setor onde havia a presença dos mais jovens estava a TUCVB, cujas manifestações eram mais entusiastas, com instrumentos musicais, bandeiras, repertório de músicas, xingamentos e expressões corporais coreografadas. No outro lado, nas arquibancadas e no setor coberto, os torcedores mais velhos, aparentemente em maior número, permaneciam mais tempo sentados e atentos aos comentários das transmissões por rádio, demonstrando euforia somente quando a bola chegava próxima de uma das traves ou lances polêmicos.

A presença de torcedores mais velhos nos jogos do Rio Branco parecia ser mais expressiva no Estádio. Presença esta confirmada em entrevista como uma

característica da torcida do Rio Branco. A torcida composta por pessoas mais velhas, pode estar relacionada: aos custos de ingressos; à transmissão de jogos pela televisão; e a perda do costume de ir ao estádio com familiares e amigos. A composição da torcida do Rio Branco formada por pessoas mais velhas pode retirar a torcida enquanto um símbolo do futebol. A torcida é um símbolo no futebol, por ter papel de protagonismo no espetáculo, animando, incentivando e cobrando a vitória do seu Clube. A redução das expressões de pertencimento ao Clube pode refletir no pertencimento ao local.

O comportamento dos torcedores membros da Torcida Uniformizada Camisa Vermelha e Branca difere dos demais torcedores do Rio Branco, visto que utilizam acessórios, como: instrumentos musicais, bandeiras e uniforme, e possuem um repertório de músicas entoadas durante todo o jogo, exaltando o nome do Rio Branco e da Torcida.

A torcida organizada ou não do Rio Branco só existe pela existência do Clube. O Rio Branco fez com que os indivíduos se identificassem como torcedores, participando do Clube, assumindo um papel de torcedor. A torcida, composta por indivíduos, promove a reunião destes tanto dentro do estádio quanto fora, seja em bares, na sede da Torcida Organizada, em praças ou outros locais, públicos ou privados. A reunião antes e após os jogos do Rio Branco faz parte da cultura do riobranquista e também da cultura de Paranaguá, na medida em que os espaços da cidade são tomados por torcedores.

Embora o time profissional tenha atuado somente no início do ano de 2016, a simples existência do Clube já foi o suficiente para que fossem realizadas confraternizações entre os torcedores em períodos sem calendário de jogos, ou seja, o Clube vai além da dos campeonatos (jogos) com local, data e hora para acabar.

7.1.3 Pertencimento através do Clube

O Leão promove interação de torcedores e simpatizantes, que são comerciantes, políticos, entre outros, criando vínculos e laços sociais no local, tal como na cultura, de Laraia (2008), onde os indivíduos participam de diferentes espaços de maneiras diferentes.

No campo e fora dele, torcedores organizados, torcedores mais velhos, ambulantes, patrocinadores, entre outros agem pela existência do Clube, promovendo sua manutenção. O Clube e seus torcedores fazem parte da cultura local.

Os clubes da capital são os que mais despertam rivalidade nos torcedores do Rio Branco, podendo ser considerados seus principais rivais, já que o Leão não possui um clássico local no futebol profissional desde a extinção do Seletto. O “Leão do Litoral” é revitalizado no imaginário dos torcedores quando do enfrentamento entre estes clubes.

As músicas cantadas com frequência pela torcida organizada também utilizam expressões da oposição aos times de Curitiba. A hostilidade e violência contra os torcedores dos clubes de Curitiba retratam a rivalidade entre os Clubes.

As rivalidades que se expressam nos clubes são projetadas pelos campeonatos e se concretizam nos estádios localizados num território, assim o estádio se transforma no espaço de representação da disputa, promovendo a identificação dos atores, como exposto na ideia de identidade de Woodward (2004): uma identidade existe em decorrência de outra. O posicionamento de oposição contribui para a formação da identidade, já que na prática esportiva, como o futebol, segundo Stigger (2005), o enfrentamento de grupos é um meio explícito de identificação dos indivíduos aos grupos. O bairrismo presente na torcida do Grêmio, discutido por Damo (1998), é uma manifestação de identidade da torcida relacionada ao local da sede do Clube, em especial no que tange ao estilo de jogo e características do local (Rio Grande do Sul). A rivalidade do RBSC aos times de Curitiba aparece presente e talvez possa ser explicada, como sugerido nas entrevistas, pela história política e econômica de Paranaguá e Curitiba no cenário estadual.

As lembranças de grandes jogos, nas entrevistas, estão atreladas não somente à importância do confronto ou campeonato, mas da atuação dos torcedores, sendo a torcida caracterizada como grande e forte, o que demonstra que é desse modo como as pessoas ligadas ao Rio Branco a veem, independente da situação atual ser diferente disso. Logo, a grandeza do Clube e de sua torcida está relacionada com as lembranças que esse remete e sua presença no imaginário dessas pessoas.

No Gigante do Itiberê, as faixas com os dizeres “orgulho maior de Paranaguá” e “paixão do litoral-pr” expressam Paranaguá e o Litoral como lugares relacionados ao Rio Branco. Os torcedores, através das faixas, declaram que o Leão é um orgulho,

uma paixão, para eles e para os que ali vivem. Estas “declarações públicas” têm um papel fundamental na motivação dos jogadores em campo, pois os torcedores estariam ali representando a população local e regional.

Não só os torcedores promovem a relação entre o Clube e o local, os meios de comunicação de massa referenciam o local quando falam dos treinos, das disputas e dos clubes. A mídia atribui ao Clube a representatividade do lugar, como no caso o Rio Branco e Paranaguá e o litoral do estado. O local torna-se uma referência do clube, como o clube uma referência do local.

A respeito do Rio Branco na internet, os comentários expõem como as pessoas fazem elos entre o Clube e o Município. A declaração de ser paranguara através do Rio Branco demonstra que a estrutura social do Clube é um espaço em consonância com outra, que não se excluem. O pertencimento ao Clube não exclui o pertencimento a Paranaguá, ao contrário, contribui para o fortalecimento das identidades.

Os moradores de Paranaguá vão para dentro de campo sem deixar de ser paranguaras. Os internautas se manifestaram nas páginas de redes, relacionadas ao Rio Branco, sem deixar de ser cidadão de Paranaguá e/ou do litoral.

O Rio Branco não é apenas um espaço de futebol. O Clube atua em ações relacionadas à população de maneira geral, como a epidemia de dengue no início do ano de 2016. A diretoria do Clube se reconhece enquanto uma estrutura social que concentra grande número de pessoas no estádio, viabilizando informações locais que não conseguem ser transmitidas pelas mídias de massa. O Clube, sediado no município, é afetado pelo que acontece nele. Até o clima tende a influenciar sobre o público espectador.

A Torcida Organizada do RBSC, da mesma forma, não se identifica apenas com o futebol, torcendo, mas se identifica com Paranaguá, a partir das ações que busca desenvolver relacionadas ao local, como a campanha de doação de sangue promovida por ela no fim de 2016.

O Clube, através do Estádio da Estradinha, está ligado à memória das pessoas. Através dos comentários nas redes sociais e das entrevistas, o Estádio da Estradinha está envolto por lembranças não apenas das vitórias do time em campo, mas relacionadas a lembrança de laços familiares. O ato de ir ao estádio na companhia de familiares, além de reforçar os laços afetivos com o Leão os fazia com a família, pelo aumento do convívio familiar. Assim, o Rio Branco se faz presente, de fato, na casa e

na vida dessas pessoas. A presença de lembranças a partir do estádio, também foi observada nos estudos de Santos e Monastirsky (2012), com o Estádio Germano Kruger, do Operário de Ponta Grossa, e de Oliveira (2013), com o Estádio Bezerrão.

O Rio Branco, além do futebol e dos laços sociais apresenta forte relação com a política local, ou ainda, com a estrutura política de administração do Município. O RBSC está presente na história de vida de prefeitos e vereadores, já que alguns destes foram dirigentes ou jogadores do Clube. Nas eleições municipais de 2016, A força do Clube e da torcida do Leão em Paranaguá é exposta no apoio da TUCVB a um candidato a prefeito e candidatos a vereadores, que vieram a ser eleitos. Por outro lado, motivações políticas influenciam na diretoria do Clube.

As finanças do Rio Branco sofrem influência do contexto econômico do Município. A economia de Paranaguá, através do porto e empresas ligadas a ele é marcada pelos ciclos de exportação e importação e, estes, por sua vez, estão presentes na história do Clube. Atualmente, o apoio financeiro ocorre somente por empresas locais. Assim como sugere Mascarenhas (2005), o futebol dialoga com a organização do lugar.

7.2 O RIO BRANCO NA CULTURA

Uma vez que o futebol faz parte da cultura brasileira e, cultura é entendida como resultado do acúmulo e apropriação de ritos, costumes e conhecimento (LARAIA, 2008), o Rio Branco, como um clube de futebol centenário em Paranaguá, é uma estrutura que materializa os acúmulos e apropriações culturais no Município. Os torcedores, indivíduos identificados, participam de outras estruturas sociais, como da família, de amigos, de torcedores rivais, da representação política, entre outras.

Para Laraia (2008) os diferentes grupos participam de formas distintas em uma cultura. Assim, mesmo no Clube, os torcedores não promovem a mesma cultura futebolística. Torcedores mais velhos se diferenciam dos jovens, como da Torcida Organizada, assim como outros não abrangidos pela observação participante, mas também integram a torcida do Rio Branco. Agem de modo diferente, porém todos se identificam como torcedores do Leão.

O etnocentrismo, assunto também abordado pelo autor, reflete-se no futebol na ideia de que a população de um local deve torcer pelo time do local onde está inserido,

visto que é a cultura a qual faz parte e, como um modo como o homem vê o mundo, tende-se, muitas vezes, em tratar a própria cultura como a ideal. Como exemplo, as ações da torcida que incentivam os moradores de Paranaguá e região a torcerem e vestirem a camisa do Rio Branco.

Com base em Ribeiro (2004), o RBSC em Paranaguá é um fenômeno social, um espaço de representação e o jogo de futebol, um espaço de manifestação cultural.

7.3 A IDENTIDADE RIOBRANQUISTA E PARNANGUARA

Os sistemas simbólicos, que marcam identidades de Woodward (2004), estão presentes no Rio Branco, identificados através de símbolos oficiais e de símbolos que existem pelo significado que possuem aos torcedores. Os símbolos são utilizados por estes para identificarem-se, reforçando sua identidade nos estádios de futebol, em outros espaços sociais, assim como em ambientes virtuais. Chamar o Clube de Leão, vestir as cores vermelha e branca e referir-se à Estradinha como a casa do Rio Branco são identificações dotadas de significados relacionados ao RBSC.

A representação tratada por Woodward (2004) como uma forma dos indivíduos posicionarem-se como sujeitos, tem como base uma cultura e promove uma identidade, ao mesmo tempo em que as reforçam. No futebol do Rio Branco, as representações ocorreram principalmente nos Estádios, sendo o jogo este espaço das representações. Todos os indivíduos neste espaço posicionam-se como sujeitos: jogadores, técnico, torcedores, entre outros. A representação no futebol é assumida pela organização que passa a identificar um grupo: O RBSC, através de seus torcedores e da mídia, que assume a representação de Paranaguá e do litoral. No caso da imprensa, ocorre o que a autora denomina “performatividade”, quando o que é dito contribui para a formação da identidade.

Segundo Woodward (2004), os sistemas de representação reforçam uma identidade como ideal, podendo-se confundir, então, com a cultura quando uma tende a se considerar superior a outra. A rivalidade entre o RBSC e os times da capital está relacionada tanto à representação, quanto à ideia de identidade ideal, pois no campo e nas arquibancadas existe a oposição de um em relação ao outro. A noção de “nós” e “eles”, estrutural no futebol, é uma relação baseada em sistemas classificatórios que de acordo com Woodward (2004) é marcada pelo confronto. O jogo é um espaço de

representação de identidades apoiado em símbolos que diferem tanto ao time como à torcida.

Como validação de uma identidade, a autora cita que fatos históricos gloriosos são trazidos ao presente por aqueles que a reivindicam. Isso vai ao encontro da presença, no ambiente virtual e das entrevistas, de lembranças que se referem à momentos em que a torcida do Rio Branco teve destaque, seja pela presença no estádio ou em viagens, que a caracteriza como uma torcida grande e forte. Além disso, a tradição histórica, a conquista de torneios e vitórias marcantes sobre clubes de Curitiba também fazem parte da memória de torcedores, reavivadas através de lembranças trazidas ao presente.

7.4 PERTENCIMENTO À PARANAGUÁ

Os sítios simbólicos de pertencimento de Zaoual (2003), segundo o autor, são fundamentais ao processo de desenvolvimento territorial, pois possuem um código de seleção baseado em particularidades, o que o aproxima da identidade construída no local. Nesse sentido, a cultura promovida pelo Rio Branco e a conseqüente formação de identidades, contribui para o pertencimento local, pois além dos símbolos de identidade ao Clube de futebol, foram identificados símbolos de identidade a Paranaguá, o que pode ser justificado pelos indivíduos pertencentes aos grupos de torcedores compartilharem as particularidades no território.

Para Zaoaul (2003), a construção social do lugar é a base dos sítios de pertencimento. A existência do Rio Branco por mais de cem anos no município e seu pioneirismo no futebol paranaense contribuiu para que ele seja lembrado pela sua participação na composição da história do lugar. A história do clube e do município, bem como a organização política, social e econômica destes se cruzam, tal como os indivíduos que identificam-se ao grupo e ao local, assumindo-se como pertencentes a eles.

O pertencimento clubístico, segundo Damo (2007), se dá por elementos de ordem econômica, social e cultural, ou ainda, por valores construídos no local, na região ou nacionalmente. Sendo assim, as construções sociais do território são levadas para dentro do campo, como nos jogos do Leão, quando são expostos o pertencimento a um grupo social que se identifica por símbolos que demarcam uma

cultura por ele promovida. O pertencimento ao Clube vai além das quatro linhas do campo, expandindo-se ao município ao qual representa.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou demonstrar que o Rio Branco Sport Club é um espaço de construção coletiva e que seus coletivos promovem identidades e pertencimento a Paranaguá.

Para este estudo foram utilizadas bibliografias isoladas para uma construção teórica relacional. As noções de cultura vieram de Laraia (2008), de identidade de Woodward (2004) e de pertencimento de Zaoual (2003). A construção teórica teve como pressuposto que a cultura é a base para a criação de identidades e estas, de pertencimento ao território. O estudo também contou com bibliografias relacionadas ao futebol sob a ótica de simbolismos e costumes relacionados a cultura, os quais auxiliaram na escolha dos métodos e técnicas de coleta de informações e na identificação de símbolos a serem observados na pesquisa de campo.

As ligações do local (Paranaguá) e do clube (RBSC), elaboradas a partir de dois breves resgates históricos, permitiram observar as ligações econômica, política e social entre estes. Paranaguá e o Rio Branco Sport Club são concluídos como espaços de construções culturais dinâmicas e relacionadas.

Os três métodos utilizados para a identificação dos símbolos, identidades com o Clube e de pertencimento ao local foram selecionados a partir do Rio Branco Sport Club e cada um contribui de forma específica, sem que fosse pretendido, no resultado somatório. Na observação participante foi possível a identificação de símbolos relacionados ao Clube de futebol, possuindo significado àqueles que os utilizam como tal, além de outros que diziam respeito ao local. As observações foram realizadas durante os jogos e no entorno do Estádio Gigante do Itiberê e na sede da TUCVB e bar, anexos ao Estádio da Estradinha. A aplicação desse método de pesquisa em outros espaços da cidade poderia ter contribuído para a identificação de mais grupos riobranquistas, pela utilização de outros símbolos não capturados na literatura específica. Outro limite da pesquisa, não pelo uso deste método, mas pelo que ele exige, foi o não acompanhamento do Clube e da torcida nos jogos “fora de casa”, que poderia propiciar resultados comparativos no uso dos símbolos e o comportamento dos torcedores.

O método de análise do ambiente virtual permitiu com que os comentários de torcedores do RBSC, torcedores adversários e de simpatizantes do futebol fossem

analisados sem indução de perguntas do pesquisador, mas despertando-as. Os comentários e publicações exibiram não apenas símbolos mas lembranças relacionadas ao Leão e à Paranaguá.

As entrevistas, realizadas com pessoas identificadas pelo futebol ou RBSC, a partir de um roteiro, baseiam-se na memória dos entrevistados, assim contribuem com a construção da história do Clube, bem como analisar as ligações que esses, com participações distintas, fazem entre o Rio Branco e Paranaguá. Talvez o método mais complexo de análise pela necessidade de filtrar a posição dos entrevistados frente ao Clube ou ao futebol e os temas envolvidos nas perguntas. A pesquisa abrangeu qualitativamente representações distintas ligadas ao Clube, completando as informações não obtidas pelos outros métodos.

Com a combinação de métodos utilizados: bibliográfico; observação participante (estádio, entorno, sede da TUCVB e bar na Estradinha); análise de declarações no ambiente virtual; e memória viva, a pesquisa permeou diferentes espaços de manifestações relacionadas ao Clube, favorecendo uma visão abrangente do objeto de pesquisa.

Como resultados obtidos, confirma-se a hipótese de que o Rio Branco Sport Club promove pertencimento em Paranaguá, uma vez que as pessoas que fazem parte da cultura do esporte espetacularizado do futebol e se identificam com o Clube também participam como indivíduos do Município, levando para dentro do campo a família, os problemas sociais, a política e a economia do município, bem como do campo para fora a participação nas diferentes estruturas sociais do local. O Clube promove identidade e pertencimento em diferentes espaços de representação.

Esta pesquisa, no entanto, apesar de estabelecer relações entre o Clube e o Município, através das pessoas, limitou-se a investigar o pertencimento através de torcedores e pessoas envolvidas diretamente com o Rio Branco, impossibilitando interpretar o pertencimento a Paranaguá por aqueles que não participam como indivíduos identificados com a cultura do futebol. Sugere-se assim, como pesquisa a se desenvolver, responder o que representa o Rio Branco para a população de Paranaguá que não possui identidade com o Clube.

O Clube é um local de pertencimento capaz de permitir inovações ao território, na medida em que mobiliza os indivíduos à solução dos problemas coletivos. Os indivíduos mobilizados, pensam e agem em uma dada situação. É um propulsor à

ação, tornando efetivo o poder de agir dos indivíduos. Assim, o Rio Branco Sport Club contribui ao desenvolvimento de Paranaguá.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Cinthia Maria de Sena. Porto de Paranaguá: transformações espaciais decorrentes do processo de modernização capitalista e integração territorial entre os anos 1970 e 2010. 2011. 295 p. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Paraná.

BOUTIN, Leônidas. Breve história de Paranaguá. Paranaguá, PR: Prefeitura Municipal de Paranaguá/Fundação da Cultura e Turismo, 1993. 30 p.

CAMPEONATO Paranense. Página no Facebook. Disponível em <www.facebook.com/pg/Paranaense2017/videos> Acesso em 2 de fevereiro de 2017.

CAPETTA, Osvaldo. Gigante do Itiberê estará pronto para jogos do Rio Branco em 2011. Disponível em <www.paranagua.pr.gov.br/noticia_id=2003> Acesso em 20 de fevereiro de 2017.

CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2002. 529 p.

CRUZ NETO, Otávio. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.) Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade. Petrópolis: Vozes, 14 ed., 1999.

DAMATTA, Roberto. **Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro, RJ: Pinakotheke, 1982. 124 p.

DAMO, Arlei Sander. Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Club Porto Alegre e seus torcedores. 1998. 237 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

DAMO, Arlei Sander. Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Hucitec, 2007.

DAOLIO (org.). Vários Autores e Daolio (2005). Futebol, cultura e sociedade. Campinas, SP - Associados. In: D'ONOFRE, Dan Gabriel; BARBOSA, Juliana Gomes; FERNANDES, Luciana. Futebol, o patrimônio imaterial da Cidade Maravilhosa: o carioca e sua fome de gol. **Itinerarium**, Rio de Janeiro, v. 2, p. 1-27, 2009.

D'ONOFRE, Dan Gabriel; BARBOSA, Juliana Gomes; FERNANDES, Luciana. Futebol, o patrimônio imaterial da Cidade Maravilhosa: o carioca e sua fome de gol. **Itinerarium**, Rio de Janeiro, v. 2, p. 1-27, 2009.

FEDERAÇÃO paranaense de futebol. Campeonato Paranaense de Profissionais 2016. Disponível em <www.federacaopr.com.br> Acesso em 02 de fevereiro de 2017.

FLORES, Luiz Felipe Baeta Neves. Na zona do agrião: sobre algumas mensagens ideológicas do futebol. In: DAMATTA, Roberto. **Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro, RJ: Pinakotheke, 1982. 124 p.

FREITAS, Waldomiro Ferreira de. História de Paranaguá: das origens à atualidade. Paranaguá, PR: IHGP, 1999. 560 p.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro, RJ: LTC, 1989. 213 p.

GLOBO Esporte. Em ascensão, Rio Branco-PR recebe o PSTC em duelo no Gigante do Itiberê. Disponível em <globoesporte.globo.com/pr/futebol/campeonatoparanaense/noticia/2016/03/em-ascensao-rio-branco-pr-recebe-o-pstc-em-duelo-nogigante-do-itibere.html> Acesso em 02 de fevereiro de 2017.

GLOBO Esporte. Rio Branco-PR muda rotina para evitar epidemia de dengue em Paranaguá. Disponível em <<http://globoesporte.globo.com/pr/futebol/times/riobranco-pr/noticia/2016/01/rio-branco-pr-altera-treinos-para-evitar-dengue-emparanagua.html>> Acesso em 2 de fevereiro de 2017.

GODOY, Arílda Schmidt. Estudo de caso qualitativo. In: GODOI, Christiane Kleinübing et al (Org.). Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos. São Paulo: Saraiva, 2006.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade?. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). Identidade e diferença. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

IBGE – cidades. Paranaguá. Disponível em <cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=411820> Acesso em: 08 de setembro de 2016.

KROEBER, A. O Superorgânico. Cap. XVI. In: PIERSON, Donald. 1970. Estudos de organização social – Tomo II: leituras de sociologia e antropologia social. São Paulo: Martins. p. 231-281.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008. 117 p.

LEVI Jr., Marion. The Structure of Society. Princeton, Nova Jersey: Princeton University Press, 1952. In: LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008. 117 p.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Tradução: Tânia Pellegrini. O pensamento selvagem. Campinas, SP: Papyrus, 1989.

MACHADO, Heriberto Ivan; CHRESTENZEN, Levi Mulford. Futebol – Paraná – História. Curitiba: Digitus, s/d

MACHADO, Heriberto Ivan. Rio Branco Sport Club: 90 anos de história. Curitiba: H.I.Machado, 2003. 253 p.

MASCARENHAS, Gilmar. A mutante dimensão espacial do futebol: forma simbólica e identidade. Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, n. 19-20, p. 61-70, jan/dez, 2005.

OLIVEIRA, Cristiane Melo de. Gama, campeão brasileiro de futebol de 1998: festa, memória e identidade. 2013. 114 p. Tese (Doutorado em Educação Física) - Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação Física, Universidade Católica de Brasília.

PEQUEUR, Bernard. O desenvolvimento territorial: uma nova abordagem dos processos de desenvolvimento para as economias do sul. Raízes, Campina Grande, v. 24, nº 01 e 02, p. 10-22, jan/dez. 2005.

PREFEITURA de Paranaguá. Brasão no município de Paranaguá. Disponível em <www.paranagua.pr.gov.br/conteudo/a-cidade/simbolos-e-hino> Acesso em: 08 de setembro de 2016.

RIBEIRO, Luiz Carlos. O futebol no campo afetivo da história. Movimento, Porto Alegre, v. 10, n. 3, p.99-111, set/dez, 2004.

RIO BRANCO Sport Club. Diretoria do Rio Branco anuncia a reforma e a volta da Estradinha para 2017. Disponível em <riobrancosportclub.net.br/diretoria-do-riobranco-anuncia-a-reforma-e-a-volta-da-estradinha-para-2017> Acesso em 2 de fevereiro de 2017.

RIO BRANCO Sport Club. Evolução dos Emblemas do Rio Branco. Disponível em <riobrancosportclub.net.br/identidade> Acesso em 14 de setembro de 2016.

RIO BRANCO Sport Club. Hino do Rio Branco. Disponível em <riobrancosportclub.net.br/identidade> Acesso em 20 de fevereiro de 2017.

RIO BRANCO Sport Club. Página no Facebook. Disponível em <facebook.com/riobrancooficial> Acesso em 2 de fevereiro de 2017.

RIO BRANCO Sport Club – PR. Grupo do Facebook. Disponível em <facebook.com/groups/429201503807449?ref=bookmarks> Acesso em 2 de fevereiro de 2017.

SANTOS, Edvanderson Ramalho dos; MONASTIRSKY, Leonel Brizolla. Identidades e símbolos construídos na geopolítica do futebol: o caso do Operário Ferroviário de Ponta Grossa-PR. *Esporte e Sociedade*, ano 7, n. 20, p. 71-96, set, 2012.

SANTOS, Edvanderson Ramalho dos; MONASTIRSKY, Leonel Brizolla. Operário Ferroviário Esporte Clube: patrimônio cultural de Ponta Grossa. *RAÍGA*, Curitiba, 24 (2012), p. 52-58.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

SOUSA, J. A. O território na perspectiva das dimensões simbólicas culturais e identitárias. **Revista Ambivalências**, Sergipe, v. 1, n. 2, p. 156-177, jul/dez, 2013.

STIGGER, Marco Paulo. *Educação física, esporte e diversidade*. Campinas: Autores Associados, 2005. 134 p.

T.U. Camisa Vermelha e Branca. Página no Facebook. Disponível em < Disponível em: www.facebook.com/tucvb, 2016> Acesso em 2 de fevereiro de 2017.

TYLOR, Edward. *Primitive Culture*. Londres: John Mursay & Co, 1871. In: LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008. 117 p.

VERGARA, Sylvia Constant. *Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração*. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 1998.

VIANA, Manoel. *Paranaguá na história e na tradição*. Paranaguá: Conselho Municipal de Cultura, 1976.

VOGEL, Arno. O momento feliz: reflexões sobre o futebol e o ethos nacional. In: DAMATTA, Roberto. **Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro, RJ: Pinakotheke, 1982. 124 p.

VOZ do litoral – TVCI. Página no Facebook. Disponível em <www.facebook.com/programavozdolitoral> Acesso em 2 de fevereiro de 2017.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

ZAOUAL, Hassan. *Globalização e Diversidade Cultural*. São Paulo: Cortez, 2003.

ZAOUAL, H. O *homo situs* e suas perspectivas paradigmáticas. **Revista Oikos**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 13-39, 2010.

APÊNDICE 1 – ROTEIROS DE ENTREVISTAS

Dirigente

OBJETIVAS

- Em que ano o Rio Branco passou a jogar no Gigante do Itiberê?
- Os patrocinadores são de Paranaguá?
- Os dirigentes são de Paranaguá?
- De quanto foi o público nos cinco jogos em casa no Campeonato Paranaense de 2016?

SUBJETIVAS

- Qual o significado do escudo e do mascote (Leão) do Clube?
- A bandeira do Rio Branco possui um significado especial?
- Qual a história do Hino?
- Por que vermelho e branco?
- Por que Barão do Rio Branco? Qual sua ligação com o futebol e com Paranaguá?
- Qual a relação do Baile Vermelho e Branco com o Clube?
- Qual é o perfil dos jogadores do Rio Branco? Quantos, em média, são de Paranaguá?
- O que representam para a torcida o Estádio da Estradinha e o Gigante do Itiberê?
- Existe alguma relação entre o Rio Branco e o município de Paranaguá?
- Como, além do futebol, o Rio Branco atua na cidade?
- O Rio Branco representa Paranaguá? Se sim, de que forma?
- O que a torcida leva de Paranaguá para dentro de campo?
- O que o Rio Branco representa para o torcedor?

MEMÓRIA

- Quais foram as vitórias do Rio Branco mais marcantes em casa e fora de casa? E as derrotas?
- Existe um campeonato que marcou em quantidade de público, torcida e festas a história do Rio Branco?

Funcionário e Ex-Jogador

OBJETIVA

- Quantos jogos jogou pelo Rio Branco?

SUBJETIVAS

- O que representam para os jogadores o Estádio da Estradinha e o Gigante do Itiberê?
- Existe alguma relação entre o Rio Branco e o município de Paranaguá?
- Como, além do futebol, o Rio Branco atua na cidade?
- O Rio Branco representa Paranaguá? Se sim, de que forma?
- O que a torcida leva de Paranaguá para dentro de campo?
- Quais os costumes próprios do time do Rio Branco?

MEMÓRIA

- Quais foram as vitórias do Rio Branco mais marcantes em casa e fora de casa? E as derrotas?
- Existe um campeonato que marcou em quantidade de público, torcida e festas a história do Rio Branco?

Radialista e Historiador e Escritor do futebol paranaense

SUBJETIVAS

- O que o Rio Branco representa para o futebol do estado?
- Como você observa o engajamento da torcida do Rio Branco com o clube?
- O Rio Branco representa Paranaguá? Se sim, de que forma?
- O que representam o Estádio da Estradinha e o Gigante do Itiberê no município de Paranaguá?
- Existe alguma relação entre o Rio Branco e o município de Paranaguá?
- Como, além do futebol, o Rio Branco atua na cidade?
- O que você observa que a torcida leva de Paranaguá para dentro de campo?

MEMÓRIA

- Quais foram as vitórias do Rio Branco mais marcantes em casa e fora de casa? E as derrotas?
- Existe um campeonato que marcou em quantidade de público, torcida e festas a história do Rio Branco?

Diretor da TO

OBJETIVAS

- Quando a Camisa Vermelha e Branca foi fundada?
- Desde quando é membro da TO
- Existe outra Torcida Organizada do Rio Branco? Quais foram as Torcidas Organizadas anteriores? Existe diferença em suas filosofias?
- Quem pode participar da TO? Qual é a filosofia que um torcedor precisa seguir para entrar na TO?
- Os torcedores são associados à TO? E ao Clube?
- O que representa a TO?
- Quais músicas cantadas pela Torcida fazem referência a um lugar?
- Como os membros da Torcida se organizam para ir ao estádio torcer?
- Quantos membros da TO possui, aproximadamente?
- Os membros da Torcida são todos de Paranaguá?
- Como fazem para acompanhar o time nos jogos fora de Paranaguá?
- Qual a frequência de viagens da Torcida para jogos fora? Como são recebidos?
- Existe diferença em torcer para o Clube nos jogos realizados em Paranaguá e nos jogos fora do local?
- O Clube ajuda no deslocamento da Torcida para jogos fora?
- Quais são as expressões usadas para com o Rio Branco e para com os adversários pela torcida?
- A Torcida representa Paranaguá durante os jogos e em suas atividades? Se sim, de que forma?
- O que a torcida leva de Paranaguá para dentro de campo?
- O que representam para a torcida o Estádio da Estradinha e o Gigante do Itiberê?
- Existe alguma relação entre o Rio Branco e o município de Paranaguá?
- Como é o comportamento dos adversários em relação ao clube do litoral, no caso o Rio Branco?
- Como, além do futebol, o Rio Branco atua na cidade?
- O que o Rio Branco representa para o torcedor?
- O Rio Branco representa Paranaguá? Se sim, de que forma?

MEMÓRIA

- Quais foram as vitórias do Rio Branco mais marcantes em casa e fora de casa? E as derrotas?
- Existe um campeonato que marcou em quantidade de público, torcida e festas a história do Rio Branco?

Torcedor antigo

SUBJETIVAS

- O que representam para a torcida o Estádio da Estradinha e o Gigante do Itiberê?
- Existe alguma relação entre o Rio Branco e o município de Paranaguá?
- Como, além do futebol, o Rio Branco atua na cidade?
- O Rio Branco representa Paranaguá? Se sim, de que forma?
- O que a torcida leva de Paranaguá para dentro de campo?
- O que o Rio Branco representa para o torcedor?
- Quais os costumes próprios da torcida do Rio Branco?

MEMÓRIA

- Quais foram as vitórias do Rio Branco mais marcantes em casa e fora de casa? E as derrotas?
- Existe um campeonato que marcou em quantidade de público, torcida e festas a história do Rio Branco?